



Fundação Áttila Taborda
Universidade da Região da Campanha

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
AGRONOMIA**

BAGÉ
2018



UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E AMBIENTAIS
CAMPUS BAGÉ

Administração superior da URCAMP

Prof^a. Lia Maria Herzer Quintana

Reitora

Prof^a. Núbia Juliani

Vice-Reitora

Prof^a. Virginia Paiva Dreux

Pró-Reitora Acadêmica

Prof^a. Elisabeth Cristina Drumm

Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão

Prof. Nelson Luiz Sonaglio

Diretor Administrativo

Sebastião Mansur Kaé

Gerente Administrativo

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA URCAMP | 7 |
| 1.1. MANTENEDORA – FUNDAÇÃO ÁTILA TABORDA | 7 |
| 1.2. MANTIDA - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA | 8 |
| 1.2.1. Base legal da mantida. | 9 |
| 1.3. PERFIL E MISSÃO DA INSTITUIÇÃO | 10 |
| 1.3.1. Compromisso institucional | 10 |
| 1.3.2. Missão | 10 |
| 1.3.3. Visão | 10 |
| 1.3.4. Valores | 11 |
| 1.4. REALIDADE REGIONAL E DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS | 11 |
| 1.5. CONTEXTO EDUCACIONAL E INSERÇÃO REGIONAL DA IES..... | 13 |
| | |
| 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO DE AGRONOMIA | 16 |
| 2.1. HISTÓRICO DO CURSO DE AGRONOMIA DA URCAMP | 16 |
| 2.2. JUSTIFICATIVA DO CURSO DE AGRONOMIA | 19 |
| 2.3. DADOS DO CURSO DE AGRONOMIA | 22 |
| 2.3.1. Identificação do curso | 22 |
| 2.3.2. Formas de ingresso no curso | 23 |
| 2.3.3. Concepções de ensino-aprendizagem | 24 |
| | |
| 3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA | 27 |
| 3.1. OBJETIVOS DO CURSO | 27 |
| 3.1.1. Objetivo geral | 27 |
| 3.1.2. Objetivos específicos | 27 |
| 3.2. PERFIL DO EGRESSO | 28 |
| | |
| 4. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE AGRONOMIA | 30 |
| 4.1. DISTRIBUIÇÃO SEMESTRAL DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO .. | 30 |
| 4.1.1. Distribuição dos componentes curriculares | 34 |
| 4.1.2. Apresentação do currículo conforme as subáreas do conhecimento | 39 |
| 4.2. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO DISCENTE | 43 |
| 4.3. CONTEÚDOS CURRICULARES..... | 44 |
| 4.4. METODOLOGIA..... | 45 |
| 4.5. EMENTAS E BIBLIOGRAFIA DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO CURSO .. | 47 |
| 4.6.1. Estágios Supervisionados | 74 |
| 4.6.2. Estágios extracurriculares | 75 |
| 4.7. ATIVIDADES COMPLEMENTARES | 75 |
| 4.8. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO | 76 |
| | |
| 5. CORPO TUTORIAL DO CURSO | 78 |
| 5.1. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE | 78 |
| 5.2. COLEGIADO DO CURSO | 79 |
| 5.3. COORDENAÇÃO DO CURSO | 80 |
| 5.3.1. Regime de Trabalho do Coordenador do Curso | 81 |
| 5.3.2. Carga horária de Coordenação de Curso | 81 |
| 5.4. CORPO DOCENTE DO CURSO | 81 |
| 5.4.1. Experiência de magistério do Corpo Docente | 84 |

| | |
|--|------------|
| 5.4.2. Produção científica, cultural, artística ou tecnológica..... | 85 |
| 6. APROVEITAMENTO DE ESTUDOS..... | 86 |
| 6.1. VALIDAÇÃO DE COMPONENTE CURRICULAR EXTERNO..... | 86 |
| 6.2. VALIDAÇÃO DE COMPONENTE CURRICULAR INTERNO..... | 86 |
| 7. PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO- PRENDIZAGEM..... | 88 |
| 8. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO E AUTO- AVALIAÇÃO DO CURSO..... | 92 |
| 8.1. AÇÕES DECORRENTES DOS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DO CURSO... | 92 |
| 9. POLÍTICAS DE ATENÇÃO AO DISCENTE | 93 |
| 9.1. ORIENTAÇÕES GERAIS | 93 |
| 9.2. SISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DE GESTÃO ACADÊMICA (SEGUE) | 93 |
| 9.3. APOIO E INCENTIVOS FINANCEIRO | 94 |
| 9.4. NÚCLEO DE ATENDIMENTO AO DOCENTE E DISCENTE..... | 95 |
| 9.4.1. Objetivos do NADD..... | 95 |
| 9.4.2. Atribuições do NADD | 96 |
| 9.4.3. Coordenador do NADD | 97 |
| 9.5. NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA..... | 98 |
| 9.6. NIVELAMENTO..... | 98 |
| 9.7. MONITORIAS | 99 |
| 9.8. BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA | 100 |
| 10. INTEGRAÇÃO COM AS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS | 102 |
| 10.1. CONCEPÇÕES E AÇÕES NA EXTENSÃO..... | 104 |
| 10.2. CONCEPÇÕES E AÇÕES NA PESQUISA | 106 |
| 11. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO..... | 107 |
| 12. POLÍTICAS PÚBLICAS E PRINCÍPIOS DE LEGISLAÇÃO | 108 |
| 12.1. EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS..... | 108 |
| 12.2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL | 108 |
| 12.3. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA | 109 |
| 12.4. PRINCÍPIOS DE INCLUSÃO..... | 109 |
| 12.5. RESPONSABILIDADE SOCIAL | 110 |
| 13. INFRAESTRUTURA..... | 112 |
| 13.1. CAMPUS RURAL | 112 |
| 14. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA..... | 116 |
| 14.1. CENTRAL DO ALUNO..... | 116 |
| 14.2. SECRETARIA DO CURSO | 117 |
| 14.3. SALA DE COORDENAÇÃO DE CURSO | 118 |
| 14.4. SALA DE REUNIÕES E ORIENTAÇÃO..... | 119 |
| 14.5. SALA DE PROFESSORES..... | 120 |
| 14.5.1. Sala de Professores com Tempo Integral e NDE | 120 |
| 14.6. AUDITÓRIOS | 121 |

| | |
|---|------------|
| 14.7. AMBIENTES DE APRENDIZAGEM | 121 |
| 14.8. LABORATÓRIOS ESPECIALIZADOS..... | 123 |
| 14.8.1. Laboratório de Física | 123 |
| 14.8.2. Laboratório de Topografia..... | 123 |
| 14.8.3. Laboratório de Análise de Solos e Corretivos | 123 |
| 14.8.4. Laboratório de Bromatologia | 126 |
| 14.8.5. Laboratório de Microscopia | 130 |
| 14.8.6. Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia..... | 131 |
| 14.8.7. Laboratório de Química de Alimentos..... | 134 |
| 14.8.8. Laboratório de Sementes | 136 |
| 14.9. SALAS ESPECIALIZADAS..... | 140 |
| 14.9.1. Sala de Mecanização Agrícola..... | 140 |
| 14.9.2. Setor de Apicultura..... | 141 |
| | |
| REFERÊNCIAS..... | 143 |
| | |
| ANEXOS | 144 |
| ANEXO A - PORTARIA DE RECONHECIMENTO..... | 145 |
| ANEXO B - REGIMENTO INTERNO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE AGRONOMIA DA URCAMP | 146 |
| ANEXO C – ATA DE CONTABILIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE AGRONOMIA..... | 151 |
| ANEXO D - MANUAL DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO DE AGRONOMIA DA URCAMP..... | 152 |

APRESENTAÇÃO

A Universidade da Região da Campanha (URCAMP) é uma Instituição de Ensino Superior (IES) que apresenta uma estrutura constituída por Centros Acadêmicos, sendo estes: o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), o Centro de Ciências da Saúde (CCS), o Centro de Ciências Exatas e Ambientais (CCEA) e o Centro de Ciências da Educação, Humanidades e Artes (CCEHA), que desenvolvem atividades de ensino, de pesquisa, de extensão e serviços à comunidade.

Nesta estrutura, o Curso de Agronomia, está inserido no Centro de Ciências Exatas e Ambientais (CCEA), onde a Coordenação e o corpo docente do curso desenvolvem o processo de planejamento, execução e avaliação das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão nas áreas das Ciências Agrárias.

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Agronomia traduz a concepção de ensino e de aprendizagem presente nas políticas institucionais, materializadas através das práticas pedagógicas, do currículo do curso e das políticas acadêmicas institucionais.

A elaboração deste PPC foi baseada nas especificidades da área de atuação do Curso, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), sendo o resultado de um processo de reflexão dos componentes do Núcleo Docente Estruturante (NDE), da Coordenação e do Colegiado do Curso.

A partir da caracterização das demandas de natureza econômica, cultural e social da Região da Campanha, em consonância com as diretrizes curriculares, foi definido o perfil profissional do egresso e suas competências, com o intuito de que a elaboração deste documento não tivesse um caráter meramente burocrático, mas que revelasse, de fato, a intencionalidade, os objetivos educacionais, profissionais, sociais e culturais, bem como os rumos para o Curso de Agronomia da IES.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA URCAMP

1.1. MANTENEDORA – FUNDAÇÃO ÁTILA TABORDA

A Fundação Áttila Taborda (FAT) é a instituição mantenedora da URCAMP. Ainda, é uma instituição comunitária, sem fins lucrativos, de natureza filantrópica, com duração por tempo indeterminado, de natureza científica, técnica, tecnológica, educativa, cultural e social, dotada de personalidade jurídica de direito privado, com autonomia administrativa e financeira, com sede e foro na cidade de Bagé/RS.

A FAT foi instituída como Fundação Universidade de Bagé por escritura pública lavrada no 1º Tabelionato, livro nº 323, à fl. 55, sob o número de ordem nº 8.195, e com registro nº 14.278, às fls. 168 e 169 do livro B nº 18, do Cartório de Registro Especial e com patrimônio transcrito sob nº 66.443, às fls. 39 do livro 3 BB, do Registro de Imóveis da Comarca de Bagé.

A Fundação Áttila Taborda é administrada pelo seu presidente, por Assembleia Geral, pelo Conselho Diretor e pelo Conselho Fiscal. Fundamenta-se na Portaria nº 260/2016 da Procuradoria das Fundações.

- a) Nome: Fundação Áttila Taborda (FAT).
- b) CNPJ: 87.415.725/0001-29.
- c) Endereço: Avenida Tupy Silveira, nº 2.099 - Centro - Bagé/RS, CEP: 96.400-110 e Caixa Postal nº 141.
- d) Contato: telefone (53) 3242-8244 e fax (53) 3242-8898.

1. Base legal da FAT

- I. Ato/data de criação: 13 de janeiro de 1969.
- II. Personalidade jurídica: Instituição de direito privado.
- III. Registro público: Primeiro Tabelionato, Registro de Pessoas Jurídicas no livro nº A. 61, fl. 219 – número de ordem 415 em 19 de dezembro de 2016.
- IV. Dependência administrativa: Particular.
- V. Declaração de utilidade Pública:
 - a. Municipal: Lei nº 1.700 de 05 de junho de 1972.
 - b. Federal: Decreto nº 69.822 de 22 de dezembro de 1971.

- VI. Certificado de entidade de fins filantrópicos: Registro no CNAS nº 201.530.71.001
- VII. Certificado de entidade cultural: Secretaria de Educação e Cultura / Conselho Estadual de Cultura do RS - Registro nº 18 de 30 de abril de 1986.
- VIII. Ato/data de aprovação do estatuto: Estatuto aprovado pelo Procurador Geral da Justiça, após alterações, pela Portaria nº 260 de 23 de novembro de 2016.

1.2. MANTIDA - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA

A Universidade da Região da Campanha (URCAMP) é uma Instituição de Ensino Superior (IES), localizada na Região da Campanha e Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (RS), de caráter comunitário e filantrópico, mantida pela Fundação Áttila Taborda (FAT). A instituição foi reconhecida através da Portaria Ministerial nº 52 de 16 de fevereiro de 1989, e Parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) nº 183 de 15 de fevereiro de 1989.

A URCAMP é organizada em um sistema multicampi, conforme segue:

- a) Campus Universitário de Bagé: campus sede da URCAMP, reconhecido pelo Parecer nº 183/89 do CFE e Portaria Ministerial nº 52 de 16 de fevereiro de 1989, situado na Avenida Tupy Silveira, nº 2.099, município de Bagé/RS, CEP: 96.400-110, telefone (53) 3242-8244, fax (53) 3242-8898 e e-mail: urcamp@urcamp.edu.br;
- b) Campus Universitário de Alegrete: reconhecido pela Portaria nº 1.143, de 06 de novembro de 1996 do Ministro de Estado Educação e do Desporto, Diário Oficial da União (D.O.U) de 07 de novembro de 1996, endereço Praça Getúlio Vargas, nº 47, município de Alegrete/RS, CEP: 97.542-570, telefone: (55) 3422-3318 e e-mail: urcamp@al.urcamp.edu.br;
- c) Campus Universitário de Dom Pedrito: reconhecido pelo Parecer nº 183/89, item 8.3 do D.O.U, localizado na BR 293, Km 248, Dom Pedrito/RS, CEP: 96.450-000, telefone: (53) 3243-2446 e e-mail: proreitoria.dp@urcamp.edu.br;
- d) Campus Universitário de Sant'Ana do Livramento: reconhecido pela Portaria nº 1.067 de 14 de julho de 1992 do Ministro de Estado da Educação – DOU de 15 de julho de 1992; localizado na rua Daltro Filho, nº 2.557, Sant'Ana do Livramento/RS, CEP: 97.574-360, telefone: (55) 3243-1080 e e-mail: proreitoria.sl@urcamp.edu.br;

- e) Campus Universitário de São Gabriel: reconhecido pela Portaria nº 90 de 28 de fevereiro de 1990 do Ministro de Estado da Educação – DOU de 15 de julho de 1992, localizado no Corredor da Reúna, BR 290, Km 422, São Gabriel/RS, CEP: 97.300-000, telefone (55) 3232-1629 e e-mail: urcamp@sg.urcamp.edu.br.

A administração superior da URCAMP é constituída pelos seguintes membros e respectivos cargos:

- I. Reitora: Lia Maria Herzer Quintana
- II. Vice-Reitora: Núbia Juliani
- III. Pró-Reitora Acadêmica: Virgínia Paiva Dreux
- IV. Pró-Reitora de Inovação, Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação: Elisabeth Cristina Drumm
- V. Diretor Financeiro: Nelson Luis Sonaglio
- VI. Presidente do Conselho da FAT: Lia Maria Herzer Quintana
- VII. Presidente do Conselho Fiscal: Jesus Flores de Oliveira

- a) Nome: Universidade da Região da Campanha – URCAMP.
- b) Endereço (sede): Av. Tupy Silveira, nº 2099 – Centro - Bagé/RS, CEP: 96400-110, Caixa Postal nº 141.
- c) Contato: fone (53) 3242.82.44, fax (53) 3242-8898.
- d) E-mail: urcamp@urcamp.edu.br
- e) Homepage: <http://www.urcamp.edu.br>

1.2.1. Base legal da mantida.

- I. Ato de reconhecimento: Portaria Ministerial nº 52 de 16 de fevereiro de 1989.
- II. Aprovado pelo Parecer CNE/CES 30/2002 e Portaria do MEC nº 1.481 de 15 de maio de 2002, D.O.U 16 de maio de 2002.
- III. Ato/data de criação: 13 de janeiro de 1969.
- IV. Personalidade jurídica: Instituição de Direito Privado

- V. Registro público: Primeiro Tabelionato, livro nº 323 - fls. 55 – nº 8.195 - Registro nº 14.278, fls. 168 e 169 do livro 18 do Cartório de Registros Especiais, Cartório de imóvel nº 66.443, fls. 39 do livro 3BB.
- VI. Dependência administrativa: Particular
- VII. Declaração de utilidade Pública:
 - a. Municipal: Lei nº 1.700, de 05 de junho de 1972.
 - b. Federal: Decreto nº 69.822 de 22 de dezembro de 1971.
- VIII. Certificado de entidade de fins filantrópicos: Registro no CNAS nº 201.530.71.001
- IX. Certificado de entidade cultural: Secretaria de Educação e Cultura / Conselho Estadual de Cultura do RS - Registro nº 18 de 30 de abril de 1986.
- X. Ato/data de aprovação do estatuto: Estatuto aprovado pelo Procurador Geral da Justiça, após alterações, pelas Portarias nº 04 de 05 de março de 1985 e nº 91 de 16 de novembro de 1992.
- XI. Regime Geral: Resolução CONSUN nº 15 de 25 de agosto de 2014.

1.3. PERFIL E MISSÃO DA INSTITUIÇÃO

1.3.1. Compromisso institucional

Promover o desenvolvimento da Região da Campanha e da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

1.3.2. Missão

Produzir e socializar o conhecimento para a formação de sujeitos socialmente responsáveis que contribuam para o desenvolvimento global.

1.3.3. Visão

Até 2022, ser uma Instituição de referência para a comunidade interna e externa, pela participação nas ações dirigidas ao desenvolvimento regional sustentável e seus reflexos na sociedade.

1.3.4. Valores

- a) Humanismo: a valorização do ser humano consciente, crítico e comprometido consigo e com os outros;
- b) Bem comum: a primazia do coletivo, social e comunitário sobre os interesses individuais;
- c) Educação transformadora: das pessoas e da realidade;
- d) Pluralidade: de ideias, garantindo a liberdade de ensino, de pesquisa e de expressão em todas as áreas de conhecimento, e
- e) Universalidade e particularidade: a relação entre o compromisso universal e a vocação comunitária e regional.

1.4. REALIDADE REGIONAL E DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

A mesorregião da Metade Sul do Rio Grande do Sul, localizada no extremo meridional do Brasil, apresenta a maior área fronteiriça do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e é composta por 106 municípios, ocupando uma área de 153.879 km² que corresponde aproximadamente a 52% do território gaúcho.

Dos 50 municípios mais populosos do Estado, apenas 14 estão nesta região. Apesar disso, eles ocupam nove posições no ranking das 10 cidades com maior proporção de pessoas extremamente pobres e, ao contrário do que se observa no norte gaúcho, a pobreza não é rural, mas urbana, resultado das populações que migraram do campo para a cidade e não encontraram ocupação.

A Metade Sul é resultante de um processo histórico particular, uma vez que se constituía, até o começo da década de 40, na região mais rica e populosa do estado, passando a se tornar a mais pobre e desabitada. O fim do ciclo das charqueadas em Pelotas, na década de 30, costuma ser apontado como o início da crise na região.

A desindustrialização e a concorrência promovida pelo MERCOSUL no setor primário, bem como a transferência da produção pecuária para o centro-oeste do Brasil, têm acentuado a perda de competitividade e dinamismo, chegando a níveis surpreendentes de estagnação.

O setor primário da região, baseado na grande propriedade arroseira ou de gado, pouco depende de mão de obra qualificada, enquanto o emprego urbano também é escasso, restringindo-se ao comércio e aos serviços.

Outro aspecto preocupante é o encolhimento pelo qual estes municípios têm passado. A escassez de perspectivas econômicas e a pobreza fizeram com que nove dos 10 grandes municípios das fronteiras sul e oeste perdessem população da ordem de 28,6 mil moradores na última década.

A região não está inserida em um sistema produtivo nacional ou global, contribuindo com apenas 16% do total do Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Os municípios desta região apresentam proporcionalmente, Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) abaixo da média estadual. Por tudo isso, essa localidade constitui-se hoje, em uma das regiões brasileiras que apresenta dificuldades socioeconômicas reconhecidas, tanto pelo governo estadual, quanto federal.

A reorganização do processo produtivo mediante diversificação econômica para a retomada do desenvolvimento desta região em bases sustentáveis requer uma visão de futuro baseada na ideia de que a atividade econômica de maior valor agregado e recursos humanos talentosos, capacitados e mobilizados atuando em comunidade e cidades saudáveis, e em meio ambiente preservado, atraem empreendimentos econômicos que geram riqueza e pagam bons salários. Os impostos gerados, por sua vez, possibilitam a qualificação e o aperfeiçoamento dos serviços públicos, e os salários pagos geram consumo que abre novas oportunidades de negócios, o que pode ser caracterizado como o círculo virtuoso da melhoria da qualidade de vida.

Neste sentido, a proposta da URCAMP, se coloca como um instrumento de promoção deste círculo virtuoso e de participação na reestruturação econômica da região, na medida em que entende que as conversões necessárias, somente serão possíveis pela consolidação do saber científico para o fazer tecnológico, ligado a um programa de desenvolvimento científico, tecnológico e inovador mais aberto à realidade regional.

A Região da Campanha é composta por sete municípios de Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul. O município de Bagé destaca-se por ser, em termos populacionais, o maior deles, bem como por apresentar, de modo geral, melhores indicadores socioeconômicos em relação aos demais municípios.

É relevante ressaltar que Bagé constitui o município com a maior população da Região da Campanha, correspondendo a 53,65% do total da população da região. Dom Pedrito ocupa o segundo lugar, com 18,18%, seguido por Caçapava do Sul

(15,53%), Candiota (3,93%), Lavras do Sul (3,87%), Hulha Negra (2,87%) e com a menor população da região se encontra Aceguá (1,97%).

Em 2010, o IDH de Bagé era 0,740. No bloco da educação, Bagé e Candiota são os municípios com o melhor índice, 0,870 e 0,863 respectivamente. Lavras do Sul também fica em terceiro lugar neste bloco (0,839).

No bloco renda, Bagé ocupa o 224º lugar no RS, atrás de Aceguá (112º) e Candiota (221º). No bloco saneamento e domicílios, Bagé ocupa a melhor posição na região e a 7ª no ranking estadual. Candiota fica em segundo lugar e Lavras do Sul em terceiro.

Em 2007, o valor do Produto Interno Bruto (PIB) de Bagé era superior a R\$ 1 bilhão, correspondendo a 0,58% do PIB gaúcho e a 44% do PIB da Região da Campanha. Em relação ao PIB da Campanha, notamos a relevância de Bagé na região, responsável por 44,05% do total do PIB, seguido por Dom Pedrito, com participação de 20,02%. No conjunto, a Região responde por 1,32% do PIB gaúcho.

A matriz produtiva da região e de Bagé esteve até hoje ancorada no setor agropecuário, com predominância da pecuária e a orizicultura, tendo por base uma estrutura fundiária de grandes e médias propriedades. Destaca-se a criação de bovinos, ovinos e equinos, enquanto que na agricultura, além da cultura de arroz e de soja, cultura como o sorgo, o milho e o trigo são cultivados em menor escala.

A fruticultura está presente mais recentemente no município (uva, ameixa, maçã, pêssigo, entre outros) com pequena produção e ocupação de áreas. Geograficamente, as atividades primárias distribuem-se por uma zona rural de aproximadamente 4 mil km², com 1975 propriedades (EMATER 2005 – PDDUA/Bagé) e dividida em quatro regiões bem demarcadas e um cinturão verde, onde predomina a produção de hortigranjeiros, leite e aves, que abastecem a cidade.

1.5. CONTEXTO EDUCACIONAL E INSERÇÃO REGIONAL DA IES

A história da URCAMP revela que a instituição acompanhou e participou da manifestação de políticas locais e de políticas nacionais de educação. Esse processo pode ser observado nos ciclos históricos, que condicionaram o desenvolvimento da URCAMP e que são fundamentais para compreensão do estágio atual, bem como para proposições sobre o futuro da instituição.

A primeira manifestação do ensino superior no município de Bagé acontece com a Faculdade de Ciências Econômicas, em 1953, com sua Entidade Mantenedora – Associação de Cultura Técnica e Econômica, sendo reconhecida em 1955, dissociada dos cursos de Filosofia e Pedagogia que também são criados, ainda na década de cinquenta, com vínculo direto à Universidade Católica de Pelotas (Processo nº 30.687/57 – Decreto nº 62.697/68).

Mais tarde foi autorizado, pelo Governo Federal, o funcionamento de outros cursos. Em 1969, foi registrada a criação da Fundação Universidade de Bagé (Ata nº 9 de 12 de dezembro de 1965) que, depois se transformou em Fundação Áttila Taborda (FAT) e com uma única administração, sendo mantenedora das Faculdades Unidas de Bagé (FUnBa).

Com a reunião de todas as Faculdades, no final das décadas de 50 e 60, na cidade de Bagé, a FUnBa passa a se caracterizar como instituição educacional autônoma. Novos cursos são criados nas décadas de 70 e 80, culminando, em 1989 com o reconhecimento da URCAMP, permanecendo como sua mantenedora a FAT.

Os municípios constituintes da região de abrangência da URCAMP somam uma população total de 509.754 habitantes (IBGE/2010) em uma área de 39.129km², sendo que os discentes são oriundos dos municípios de Alegrete, Bagé, Dom Pedrito, São Gabriel, Santana do Livramento e municípios próximos a estes.

O setor primário da região, outrora baseado em grandes propriedades com produção arrozeira e/ou pecuária, nos últimos anos passou por uma intensa modificação, com a introdução de novas matrizes produtivas (vitivinicultura e olivicultura), com a retomada e ampliação de cultivos agrícolas, dentre os quais se destaca a sojicultura.

A reorganização das cadeias produtivas, por meio do processo de diversificação econômica e retomada do desenvolvimento desta região em bases sustentáveis, requer uma visão de futuro baseada na ideia de que a atividade econômica com maior valor agregado, com recursos humanos talentosos, capacitados e mobilizados, atuando em comunidades saudáveis e em meio ambiente preservado, atraem empreendimentos econômicos que geram riqueza e desenvolvimento.

Os impostos gerados, por sua vez, possibilitam a qualificação e o aperfeiçoamento dos serviços públicos, e os salários pagos geram consumo que abre novas oportunidades de negócios, o que pode ser caracterizado como o círculo virtuoso da melhoria da qualidade de vida.

Neste sentido, a proposta da URCAMP, se coloca como um instrumento de promoção deste círculo de participação na reestruturação econômica da região, na medida em que entende que as reconversões necessárias, somente serão possíveis pela transferência do conhecimento para o fazer profissional, ligado a um programa de desenvolvimento científico e tecnológico mais aberto à sociedade regional (Quadro 1).

Quadro 1 – Número de alunos matriculados no Ensino Superior na URCAMP, Bagé, RS, 2018.

| Campus | Número de alunos matriculados |
|------------------------|--------------------------------------|
| Bagé | 2.515 |
| Alegrete | 861 |
| São Gabriel | 439 |
| Sant'Ana do Livramento | 579 |
| Total | 4.394 |

Fonte: Pró-reitoria Acadêmica - URCAMP.

Um novo cenário econômico e produtivo se estabelece com o desenvolvimento e emprego de técnicas e tecnologias, agregadas à produção e à prestação de serviços, considerando também a crescente internacionalização das relações econômicas. Logo, a necessidade por novas tecnologias leva as instituições de ensino a oferecerem cursos profissionais que atendam as demandas deste mercado de trabalho.

Assim, a formação profissional compreende além do domínio operacional de um determinado fazer, também a compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico, a valorização da cultura do trabalho e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões.

Em Bagé e nas cidades vizinhas, como Aceguá, Candiota e Hulha Negra, localizam-se importantes segmentos voltados à atividade agropastoril. Podem ser citadas as indústrias e áreas cultivadas com uvas e oliveiras, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Pecuária Sul - CPPSUL), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), as indústrias de beneficiamento de arroz e soja, as fazendas e cabanhas criadoras de ovinos e bovinos, entre outras.

Deve-se considerar que o público alvo da URCAMP é formado, principalmente, por estudantes de baixa e média renda, que necessitam estar empregados para

custear seus estudos, tornando difícil o deslocamento para grandes centros onde exista a disponibilidade do Curso de Agronomia.

O Curso de Agronomia foi criado em atendimento à demanda das comunidades do município de Bagé e das cidades de seu entorno, como Aceguá, Dom Pedrito, Candiota, Hulha Negra, Lavras do Sul, Piratini e Pinheiro Machado. Atualmente, inserindo-se a estas, também as cidades que possuem a presença de campus da URCAMP (Santana do Livramento, São Gabriel e Alegrete), onde também se expande o mercado de trabalho e área de abrangência deste curso na Região.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO DE AGRONOMIA

2.1. HISTÓRICO DO CURSO DE AGRONOMIA DA URCAMP

O Curso de Agronomia da URCAMP é ofertado no Campus de Bagé, cidade localizada na fronteira com o Uruguai, apresentando uma população superior a 120 mil habitantes, conforme dados do IBGE (2017).

O estudo da Agronomia teve início em Bagé em dezembro de 1970, nas Faculdades Unidas de Bagé (FunBa), como uma extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Com a evolução da demanda, optou-se na implementação completa e com o reconhecimento da Faculdade de Agronomia pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1980.

A ideia de criação de um curso na área das Ciências Agrárias, foi defendida por um grupo de profissionais liberais atuantes na região e o que levou a constituir uma comissão e a um convênio entre a FAT-FunBa e a UFSM. Por meio deste convênio iniciou o funcionamento dos cursos de Agronomia (por três semestres) e Medicina Veterinária (por quatro semestres) em Bagé, sendo garantidas as vagas para os alunos concluírem os cursos em Santa Maria/RS.

O amparo legal para o início dos cursos em Bagé foi dado pelo Ato de Autorização do Parecer nº 611/69 de 07 de agosto de 1969. Os dois cursos funcionaram, inicialmente no Campus Central da FunBa. Este convênio se prolongou até 1977, quando a FAT adquiriu do Governo do Estado do RS uma área rural de aproximadamente 400 hectares, onde funcionava a Escola Agrícola Assis Brasil e que futuramente passaria a ser designado como Campus Rural. A partir deste momento,

a então FunBa passou a oferecer os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária no município de Bagé de forma integral.

Em 1978 teve início o processo de reconhecimento dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária de Bagé, o qual se consumou pelo Parecer do Conselho Superior de Educação nº 1.030 de 5 de setembro de 1980 e pela Portaria do Ministério de Educação e Cultura nº 525 de 3 outubro de 1980, publicada no D.O.U. em 8 de outubro do mesmo ano.

Através da portaria do MEC nº 052 de 16 fevereiro de 1989, reconheceu-se a URCAMP como uma Universidade, caracterizada por ser comunitária, regional e multicampi. O Campus Rural da FAT-URCAMP foi declarado patrimônio histórico do município de Bagé por meio da lei municipal nº 5.207 de 28 de dezembro de 2012.

A partir de 1996, iniciou-se a oferta de Cursos de Pós-Graduação nas áreas das Ciências Rurais e em nível de Especialização (Lato Sensu), subsidiadas pelo Curso de Agronomia.

Desde 1969 o Curso de Agronomia era integralmente realizado no período diurno quando, a partir do segundo semestre de 2013, foi proposto uma mudança na oferta do curso para o período noturno, onde ocorreria a parte teórica das disciplinas do currículo, continuando as atividades práticas e laboratoriais sendo realizadas no período diurno.

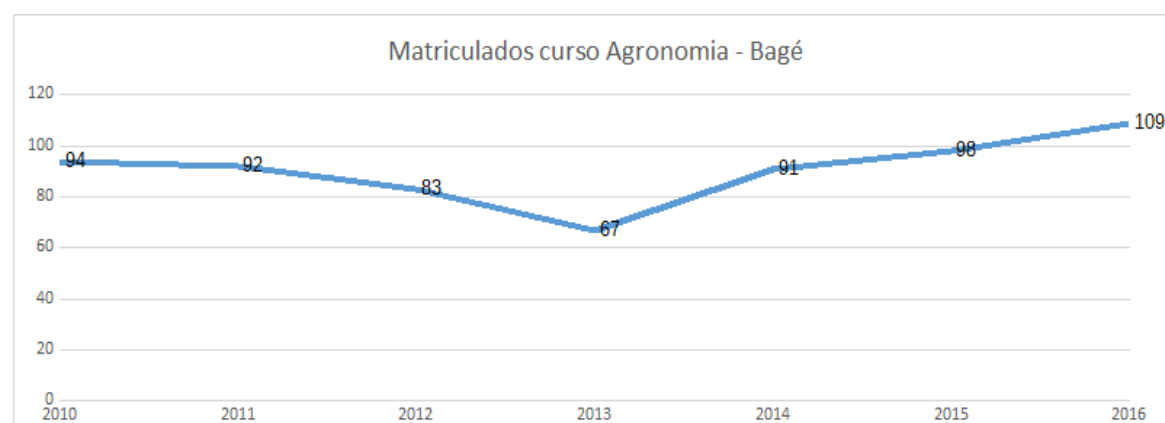
Tal mudança foi realizada a partir da observação de que o número de alunos ingressantes estava diminuindo consideravelmente. Motivos diversos foram identificados para justificar esse fato, passando pela situação econômica dos clientes em potencial, pelo aumento do número de escolas de agronomia no estado, até pela diminuição do número de concluintes do segundo grau, resultante do pequeno aumento, estagnação, ou até mesmo redução da população pelo qual passam a maioria das cidades do estado do Rio Grande do Sul, principalmente no interior (IBGE, 2010).

Nesse sentido a figura 1 demonstra a efetividade alcançada por esta readequação, onde observa-se um declínio no número de matriculados no curso de Agronomia até o 1º semestre de 2013, e posterior aumento de matrículas a partir do 2º semestre de 2013, momento em que houve a mudança proposta.

O Curso de Agronomia conta com uma estrutura funcional, laboratorial, zootécnica e agrícola, existentes no Instituto Tecnológico de Reprodução Vegetal (INTEC) e na Fazenda Escola (Campus Rural), para a realização de suas atividades

acadêmicas, de pesquisa e de extensão. Outrossim, atua na comunidade local e regional oferecendo ao produtor rural serviços especializados de análise de sementes e de solos dando suporte a cadeia produtiva regional.

Figura 1 - Evolução do número de alunos matriculados no curso de Agronomia no período de 2010 a 2016.



Fonte: Dados do Sistema Acadêmico - URCAMP (2016)

A identidade do Curso de Agronomia oferecido pela URCAMP é resultante da sua localização geográfica, da interação de seu elemento humano (docentes e discentes, profissionais experientes, graduados e pós-graduados), dos setores de produção, de sua infraestrutura, das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas, da integração com a comunidade e da busca contínua do aperfeiçoamento e da adequação curricular às demandas do setor agropecuário.

Desta maneira o Curso de Agronomia desempenha seu papel no ensino, integrando esforços e reunindo condições para a formação de profissionais responsáveis pelo setor produtivo, críticos no contexto social e econômico, conscientes de sua responsabilidade comunitária. Da mesma forma, o projeto de curso também está alinhado com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Instituição, bem como com a orientação do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA) e Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (CONFEA).

O PPC da Agronomia está em constante estudo e adequação à realidade regional, assim, a carga horária das disciplinas de formação profissionalizante e a inserção de disciplinas práticas, objetiva a formação de um profissional com maior capacidade tecnológica e de gestão, visto que a profissão de Engenheiro Agrônomo é caracterizada pela atuação em gerenciamento de empreendimentos, atividades

internas das unidades de produção até atividades do meio urbano, incorporando áreas genéricas e específicas do conhecimento, incluindo esferas do ensino, pesquisa e extensão, supervisão, coordenação e orientação de atividades técnicas na área das Ciências Agrárias.

2.2. JUSTIFICATIVA DO CURSO DE AGRONOMIA

O profissional de Agronomia está em ascensão no contexto socioeconômico mundial, nacional e local devido a necessidade de produção de alimentos, ao crescente aumento da população, a diminuição e restrição às áreas agrícolas, aos eventos climáticos adversos que, conseqüentemente, demandam uma produção agrícola eficiente, hábil e lucrativa.

A alta demanda por esses profissionais se evidencia a partir dos dados futuros para a produção agrícola no Brasil. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (MAPA), haverá um aumento de 9,3 milhões de hectares de plantio de soja nos próximos dez anos, chegando a 43,2 milhões de hectares, até 2027. Um aumento de quase 30% sobre a área plantada atualmente no país. Essa projeção positiva também se estende a outros itens agrícolas e pecuários.

Segundo o Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE, 2008), a região da Campanha do Rio Grande do Sul, caracteriza-se por apresentar grandes áreas territoriais com baixa densidade demográfica e pouca dinamicidade econômica. Faz parte da Faixa de Fronteira brasileira e as atividades econômicas são dominadas pela pecuária extensiva, pela produção de leite, carne, arroz e soja.

O PIB per capita da Região é de R\$ 21.057,36 (IBGE, 2015), abaixo da média do Estado, sendo a estrutura produtiva capitaneada pelo setor de serviços, responsável por 58% do seu Valor Adicionado Bruto (VAB), predominando as atividades ligadas à Administração Pública, Comércio e às Atividades Imobiliárias e Aluguéis. Em segundo lugar está o setor Agropecuário, com 21% do VAB, que juntos somam 71% do VAB do setor agropecuário regional.

Na pecuária, os bovinos e a produção de leite representam 90% da produção do segmento regional e 71,6% da produção estadual. Os ovinos têm participação importante no contexto estadual, contribuindo com 17% do valor agregado do estado no segmento.

Na agricultura, o principal produto é o arroz, com 50% da produção agrícola e pouco mais de 6% da produção estadual, em que se destacam os municípios de Dom Pedrito, Aceguá e Bagé. O segundo produto em importância é a soja, que representa 40% da lavoura da região. A produção de sementes, principalmente de hortaliças, embora não contribua significativamente para a região, é responsável por 97,4% da produção estadual, sendo que 88% dessa produção se concentra no município de Candiota.

A indústria é responsável por 21% do VAB da região, sendo que metade deste valor, deve-se à contribuição da Indústria de Transformação e ao segmento de Produtos Alimentícios (86%), o qual, constitui-se na principal atividade geradora de valor dos municípios neste setor, excluindo-se Candiota.

Nos municípios de Candiota e Caçapava do Sul se destaca a Indústria Extrativa Mineral, com a extração do carvão e calcário, representando juntos mais de 97% da produção extrativa mineral da região, e participando com cerca de 23% da produção estadual. Diante do modelo de desenvolvimento atual, dinâmico e globalizado, o setor produtivo passou a exigir um profissional com uma formação capaz de compreender a nova lógica produtiva implementada.

Para a produção do setor primário, o Curso de Agronomia, busca a formação de profissionais aptos a enfrentar os desafios impostos pela complexa realidade agrária e capazes de responder às demandas da sociedade brasileira.

Independente de que essa formação tenha maior compromisso com a realidade agrária, maior direcionamento ao agronegócio ou contribua no desenvolvimento de um modelo agrário não restrito às atividades agrícolas, é fundamental a formação de um profissional dotado de conhecimentos abrangentes, com habilidades e valores éticos consonantes ao meio agrário.

Procura-se evitar a especialização precoce do profissional, uma vez que tal situação dificulta a visão mais ampla e a compreensão sistêmica da realidade, podendo comprometer, ou agravar mais ainda as distorções existentes.

Diante disto o profissional deverá ter uma formação integral que o possibilite contribuir, decisivamente, na formulação de um modelo de desenvolvimento para o setor agrário, que seja economicamente viável, ecologicamente sustentável, socialmente justo e culturalmente aceito.

Essa formação integral requer a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, preparando o profissional para contribuir, através da geração,

intermediação e inter-relação do conhecimento, de forma decisiva na busca de um desenvolvimento agrário baseado na eficiência, equidade e sustentabilidade.

A abrangência territorial da URCAMP, compreendendo a Região da Campanha e Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, que tem exploração essencialmente agropastoril. A situação organizacional das propriedades rurais e as necessidades regionais, por si só, justificam a necessidade de formar profissionais dirigidos e capacitados a auxiliar no desenvolvimento regional, no embate às dificuldades enfrentadas pelos produtores da Região, à competitividade do MERCOSUL e de outros mercados internacionais, a velocidade das transformações e as políticas agrárias, ambientais e sociais.

O acelerado processo de mudanças contemporâneas requer novas técnicas, modernizadoras e racionais, promotoras do desenvolvimento global, sem as quais a realidade da fronteira mostrará um futuro nada promissor.

A capacitação do jovem em cursos de nível superior, entre os quais a Agronomia, impõe-se para que a administração tradicional, subsidiada num sistema empírico, dê lugar a novas tecnologias, provocando o crescimento em cadeia dos demais setores e, conseqüentemente, auxiliando no desenvolvimento do meio urbano, evitando-se o êxodo rural, causa da marginalização rurícola nos municípios de abrangência da URCAMP.

A instituição, disponibilizando o Curso de Agronomia, contribui para a viabilização das propriedades rurais, estimulando a produção científica e tecnológica, a assistência e extensão integrada com outros órgãos de pesquisa e extensão, privadas ou públicas e a graduação e pós-graduação de profissionais capacitados para o desenvolvimento comunitário e manutenção da identidade regional.

Os valores da Agronomia, expressos no nível tecnológico, no campo de atuação amplo e diverso, contribuem para a melhoria da qualidade de vida humana da Região por meio de seus profissionais.

A importância do Curso se impõe, tanto do ponto de vista social, quanto econômico e ético. A ação do Engenheiro Agrônomo se faz necessária para a redução das migrações das populações das zonas rurais para as zonas urbanas, dando condições de sustentabilidade no campo para os produtores e trabalhadores rurais; percebendo criticamente a realidade do meio ambiente, as questões sociais, econômicas, políticas e culturais; identificando problemas e gerando hipóteses para solucioná-los; sintetizando e expondo ideias; agindo de forma proativa; comportando-

se eticamente; utilizando os meios de informação e atuando em equipe interdisciplinar para o alcance destes objetivos.

2.3. DADOS DO CURSO DE AGRONOMIA

2.3.1. Identificação do curso

- a) Grau: Bacharelado em Agronomia
- b) Código de Identificação no e-MEC: 6806
- c) Modalidade: Educação Presencial
- d) Data de início de funcionamento: 06/7/1969
- e) Carga horária mínima: 3.690 horas
- f) Periodicidade: Semestral
- g) Integralização: Mínimo - 10 semestres Máximo - 20 semestres
- h) Turno principal de funcionamento: Noturno
- i) Coordenador: Eliana Antônia Valente da Silveira
- j) Vagas anuais autorizadas: 60
- k) Índices do curso:

Quadro 2 - Históricos dos índices de avaliação do curso de Agronomia da URCAMP.

| Ano | ENADE | CPC | CC | IDD |
|------|-------|-----|----|-----|
| 2016 | 3 | 3 | - | 2 |
| 2013 | 3 | 4 | - | - |
| 2010 | 3 | 3 | - | - |
| 2008 | - | - | 3 | - |
| 2007 | 3 | 3 | - | 2 |

Sendo: ENADE - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes; CPC - Conceito Preliminar do Curso; CC - Conceito de Curso e IDD - Indicador de Diferença dentre os Desempenhos Observado e Esperado.

- a) Endereço de oferta do Curso: Passo do Peres, Campus Rural; Campus Bagé-Centro, RS - Bagé (Fazenda Escola localizada no Campus Rural situ Passo do Peres, s./n., Bagé-RS e Avenida General Osório, nº 2.289 - Centro - CEP 96.400-101, Bagé-RS)

- b) Renovação de reconhecimento de Curso: Portaria 822 de 30/12/2014
- c) Turno: noturno.
- d) Modalidade de ensino: presencial.
- e) Regime de matrícula: semestral.
- f) Período mínimo e máximo de integralização: mínimo 10 semestres, máximo 20 semestres.
- g) Carga horária total do curso: 3.690 horas

2.3.2. Formas de ingresso no curso

O ingresso ocorre no primeiro semestre, conforme o número de vagas estabelecidas pela Instituição e de acordo com a demanda existente e autorização no CONSUN, também pode ser realizado no segundo semestre.

Os alunos ingressam na Instituição através de processo seletivo e de classificação, considerando a nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ou através de:

- a) O ingresso ocorre no primeiro semestre, conforme o número de vagas estabelecidas pela Instituição e de acordo com a demanda existente e autorização no CONSUN, também pode ser realizado no segundo semestre.
- b) Os alunos ingressam na Instituição através de processo seletivo e de classificação, considerando a nota no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ou através de:
- c) Reopção: forma de mobilidade acadêmica condicionada à existência de vagas, mediante a qual o discente, regularmente matriculado ou com matrícula trancada em curso de graduação da URCAMP, poderá transferir-se para outro curso de graduação desta Instituição.
- d) Reingresso: ingresso de ex-discente da URCAMP em situação de abandono ou cancelamento de curso, considerando a validação pela PROAC.
- e) Transferência voluntária: ingresso de discente regularmente matriculado ou com trancamento de matrícula em curso de graduação de outra Instituição de Ensino Superior (IES), que deseje transferir-se para esta Instituição.
- f) Portador de Diploma: forma de ingresso para diplomados por outra IES ou em outro curso da URCAMP.

2.3.3. Concepções de ensino-aprendizagem

As bases epistemológicas formam o perfil do futuro profissional, estão baseadas nas dimensões profissionalizantes, da sociedade pós-moderna e propõe-se a desenvolver o espírito crítico, despertar a pesquisa, criatividade na busca e na adaptação das técnicas e metodologias no processo de ensino e aprendizado. Fazem parte deste processo, um corpo docente e discente integrado e capaz de avançar, avaliar, propor novos caminhos sem perder de vista o mundo real.

No campo pedagógico, assim como em outras áreas profissionais, vive-se, atualmente um momento plural – coexistem, na Educação, diversas concepções sobre o significado do ato de ensinar; configura-se, nitidamente, uma situação de transição entre as chamadas formas tradicionais e modos emergentes de ensino e, até mesmo, incongruência entre a explicitação do pensamento e da prática pedagógica.

Esta percepção estimula a busca da compreensão teórica de diferentes modelos de ensino e aprendizagem, referenciados em princípios que facilitem a análise, ato de ensinar, que indique perspectivas de construção de um projeto pedagógico coletivo. É a força desse coletivo que potencializa e imprime a intensidade e a evolução do objetivo a ser alcançado. Assim, o Curso de Agronomia propõe-se a oferecer uma formação dialética e reflexiva do processo de ensinar e aprender.

O Curso pretende favorecer o desenvolvimento das potencialidades criativas e expressivas do aluno, considerando suas necessidades e desejos latentes de aprender e de se tornar autônomo na busca permanente do conhecimento. O ato de ensinar para o aluno deve desencadear um processo de descoberta de novos conceitos, valores, ideias, sustentados pela motivação recíproca no aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a ser e conviver (DELORS, 2002).

Para ocorrer este fato, o professor, deve ser um orientador do ato pedagógico, estabelecendo valores a serem discutidos, instigando a leitura de mundo e a reelaboração de conceitos, estimulando a reciprocidade, promovendo a auto avaliação, a autocrítica e a descoberta permanente de novos conceitos e conhecimentos. O docente tem como propósito problematizar, confrontar, trazer à consciência dos envolvidos, sanar dúvidas, minimizar inquietações e conflitos que se expressam com a possibilidade da ocorrência de uma interação aluno e professor, fomentadora de situações desconhecidas e desafiadoras.

Os docentes são entendidos como facilitadores e mediadores para que o aluno resolva os problemas e construa conceitos, utilizando os mais diversos recursos humanos, bibliográficos, institucionais, tecnológicos e comunitários, para provocar o aprendizado.

As disciplinas oferecidas no Curso buscam oportunizar aprendizagem significativa, privilegia-se a reelaboração conceitual a partir dos conhecimentos prévios apresentados pelos alunos.

Desta forma, o Curso proporciona, através do seu corpo docente e estrutura física e um ambiente educacional favorável à produção do conhecimento, não somente contando com a transferência de informações, mas possibilitando ao aluno a construção do seu aprendizado, existindo para isto, caminhos e métodos dentro do modelo pedagógico adotado, numa relação de respeito mútuo, em que o professor é o mediador entre o aluno, o conteúdo, a realidade e os demais fatores presentes no ato pedagógico. Nesse sentido, o Curso de Agronomia procura fundamentar suas bases epistemológicas no exercício da construção de um conhecimento que, além de ser capaz de gerar desenvolvimento, também está voltado para a satisfação de necessidades sociais, buscando contribuir para a construção da sociedade na qual se insere.

Durante esse processo, a relação do Curso com a sociedade na qual está inserido, é elemento fundamental, visto que os temas estudados e desenvolvidos também deverão estar voltados para essa realidade. Tal fato requer um conjunto de novas experiências e experimentos a serem vivenciados pela comunidade acadêmica em questão, as quais se concentram-se em elementos voltados para a integração da Agronomia com os conhecimentos produzidos por sua área específica, mas também aos conhecimentos gerados por outras áreas, que possam ser úteis a esse profissional em seu local de trabalho, estimulando o processo de interdisciplinaridade.

Estimula-se, assim, a busca da construção de um Ensino que privilegie princípios presentes na atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que são a identidade, autonomia, diversidade, interdisciplinaridade, contextualização e flexibilidade, oferecendo, ao aluno de Agronomia um currículo que prime pela prática desses princípios é fator fundamental para a URCAMP.

Desta forma, o professor diante de sua prática pedagógica desenvolve ações no qual é capaz de reconhecer, por meio das atividades pedagógicas privilegiadas, a

concepção de ensino e aprendizagem que orienta o seu fazer pedagógico, percebendo que as atividades de ensino são intencionalmente organizadas e desenvolvidas e que cada uma se justifica em função daquilo que se acredita que é aprender e ensinar, e diante deste contexto as práticas interdisciplinares são de fundamental importância.

Japiassu (1996) declara que a interdisciplinaridade exige uma reflexão profunda e inovadora sobre o conhecimento, demonstrando uma insatisfação com o saber fragmentado.

Neste sentido, a interdisciplinaridade propõe um avanço em relação à concepção empirista, com base na reflexão crítica sobre a própria estrutura do conhecimento, na intenção de superar o isolamento entre as disciplinas e a dificuldade em compreender o conhecimento e a realidade social.

Nesta perspectiva, é necessário compreender que o conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha amplitude na vida social. Dessa forma, por meio de uma prática interdisciplinar, o professor certamente estará rompendo com a fragmentação do conhecimento, possibilitando melhores condições de aprendizagem, de modo a permitir, ao mesmo tempo, uma melhor compreensão da complexidade da realidade e do homem como ser determinante e determinado. Acredita-se que é possível que os docentes percebam que trabalhando dentro de um sistema interdisciplinar terão condições de superar visões fragmentadas do conhecimento rompendo com as barreiras colocadas, principalmente, pela epistemologia empirista, estabelecendo assim relação entre conhecimento e realidade social.

Nesse sentido, Fazenda (2001) afirma que a interdisciplinaridade na prática educativa estimula a competência do educador, apresentando-se como uma possibilidade de reorganização do saber para a produção de um novo conhecimento e a busca de caminhos por meio do qual a construção do conhecimento seja priorizada.

Assim sendo, este Curso encontra o espaço de uma busca histórica fundamentada em ideais e pressupostos que podem contribuir com um diferencial nessa formação profissional, o que justifica essa iniciativa de formação diferenciada para a qualificação da Agronomia no âmbito dessa profissão.

3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

3.1. OBJETIVOS DO CURSO

3.1.1. Objetivo geral:

Propiciar condições para formação de um profissional Engenheiro Agrônomo com os conhecimentos, as competências e as habilidades necessárias à atuação em Agronomia, de forma eclética, humanista, holística e ética, compromissado com a busca contínua do desenvolvimento econômico, social e ambiental, comprometido com a sustentabilidade e com a qualidade de vida.

3.1.2. Objetivos específicos:

Dentre os objetivos específicos, além de formar um profissional tecnicamente capaz e apto a promover o desenvolvimento da Agronomia no país, o curso pretende:

- a) Incentivar os estudantes à pesquisa, desenvolvimento, inovação e ao empreendedorismo;
- b) Estimular a autonomia intelectual do aluno e a iniciativa para tomada de decisões;
- c) Incentivar o desenvolvimento de habilidades para trabalho interdisciplinar e em equipe;
- d) Oportunizar uma formação sólida com embasamento científica, que lhe permita o discernimento profissional, em direção às novas conquistas do conhecimento humano;
- e) Conhecimentos na área humanística que favoreçam o desenvolvimento da consciência social, em que se inclui especialmente o comprometimento ecológico e a postura política;
- f) A aquisição de habilidades técnicas e atitude profissional em relação aos materiais, sistemas e processos próprios da área agrária;
- g) Desenvolver formas de expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, tanto em relação à documentação técnica, como nos relacionamentos interpessoais e intergrupais;

- h) Desenvolver condutas compatíveis com as legislações reguladoras do exercício profissional, assim como o respeito às regulamentações federais, estaduais e municipais, sob princípios de ética e de responsabilidade;
- i) Estimular a consciência da responsabilidade profissional nos âmbitos econômico, ambiental, social, político e cultural.

3.2. PERFIL DO EGRESSO

Conforme a Resolução nº 1, de 2 de fevereiro de 2006, do Ministério da Educação (MEC), que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Engenharia Agrônoma ou Agronomia, os cursos devem almejar como perfil dos egressos:

I - Sólida formação científica e profissional geral que possibilite absorver e desenvolver tecnologia;

II - Capacidade crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade;

III - Compreensão e tradução das necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizados, bem como utilização racional dos recursos disponíveis, além da conservação do equilíbrio do ambiente;

IV - Capacidade de adaptação, de modo flexível, crítico e criativo, às novas situações.

O Curso de Agronomia da URCAMP objetiva graduar um Engenheiro Agrônomo generalista, humanista, crítico, reflexivo, criativo, cooperativo, ético, apto a pesquisar, desenvolver, adaptar e utilizar novas tecnologias, com atuação inovadora e empreendedora, capaz de reconhecer as necessidades dos usuários.

Deverá ser um profissional capacitado a identificar e solucionar problemas do Agronegócio, com capacidade decisória e crítica, para poder avaliar e confiar em suas fontes de informações, autônomo, capaz de produzir conhecimentos e atuar considerando aspectos econômicos, sociais, ambientais e culturais.

O profissional egresso deverá estar preparado para trabalhos multidisciplinares, será capaz de atuar e adaptar-se às novas demandas da sociedade

e do mundo, com postura isenta de discriminação e comprometido com a responsabilidade social, com o desenvolvimento sustentável e com a qualidade do que faz.

Ainda, deverá estar ciente da necessidade de formação contínua e permanente para obter cultura geral e conhecimento de temas contemporâneos, além do domínio das instrumentações eletrônicas e de línguas estrangeiras, isso incentivado pelo cumprimento de Atividades Complementares previstas para o curso.

Assim, o profissional egresso do Curso de Agronomia da URCAMP, deverá apresentar:

- a) Conhecimentos básicos e técnicos que lhe permita desenvolver uma ação eclética, humanística e holística na sua área de atuação, obedecendo a ética profissional;
- b) Consciência profissional, embasada na capacidade de buscar soluções e alternativas de produção, nos distintos modelos de propriedades, assim como nas distintas condições do meio;
- c) Capacidade técnica dirigida por uma mentalidade empreendedora que permita desenvolver suas atividades com eficiência, competência e versatilidade frente às condições de mercado;
- d) Compreensão da necessidade de informação e atualização técnico-científica na sua área de atuação, bem como, estímulo para estudos complementares;
- e) Clareza da realidade agrícola com suas peculiaridades e regionalidades, capacidade de adaptação e criatividade diante de situações adversas, ser crítico e agente de transformação.

4. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE AGRONOMIA

O Curso de Agronomia da URCAMP contempla em sua organização os seguintes pressupostos: o desenvolvimento sistemático do fluxo de disciplinas; o planejamento de atividades que incentivem o aluno a se envolver no curso em atividades complementares; e, a integração continuada entre aulas teóricas e práticas com os estágios curriculares e extracurriculares.

A organização curricular do curso de Agronomia abrange o conjunto de conhecimentos, de saberes, de competências, de habilidades, de experiências, de vivências e de valores que os alunos precisam adquirir e desenvolver, de maneira integrada e explícita, mediante práticas e atividades de ensino e de situações de aprendizagem.

Em sua base o currículo do curso de Agronomia segue as orientações contidas na Resolução CNE-CES nº 1, de 2 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Agrônômica ou Agronomia e que dá outras providências e pela Resolução nº 2 de junho de 2007, emitida pelo MEC para os cursos de Agronomia.

4.1. DISTRIBUIÇÃO SEMESTRAL DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO

O curso de Agronomia tem duração de cinco anos com ingresso semestral, tendo seu currículo distribuído em dez semestres com carga horária total de 3.690h (Quadro 3). Esta carga horária está formada por quatro eixos estruturantes, distribuídos em 3.090 horas destinadas para Conteúdos Acadêmicos Formativos, o que significa 83,7% do curso; 420 horas referentes a Estágios Supervisionados Curriculares, correspondendo a um percentual de 11,4% do curso e 30 horas referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso, correspondendo a um percentual de 0,81% do curso (Quadro 4).

O discente deve, ainda, integralizar 150 horas em atividades complementares o que corresponde a um percentual de 4,1% do curso. Devido a não existência de pré-requisitos na estrutura curricular do curso, recomenda-se aos alunos a cursarem as disciplinas de forma sequencial, conforme são apresentadas na grade curricular do curso. Para incentivar e operacionalizar esta recomendação, a instituição pratica um

incentivo financeiro para alunos que cursam todas as disciplinas de um mesmo semestre.

Quadro 3 - Distribuição semestral das disciplinas e demais conteúdos curriculares do curso de Agronomia da URCAMP, com suas respectivas cargas horária semestral.

| Sem. | Atividades e/ou disciplinas | Código | Tipo | C/H |
|----------------|--|---------------|------------------------|------------|
| - | Atividade Complementar | 295768 | Atividade Complementar | 150 |
| Total = | | | | 150 |
| 1 | Biologia e Microbiologia Agrícola | 1732 | Mínimo | 60 |
| 1 | Cálculo Básico | 261399 | Mínimo | 30 |
| 1 | Genética e Biotecnologia | 261413 | Mínimo | 30 |
| 1 | Introdução à Agronomia | 1588 | Mínimo | 30 |
| 1 | Introdução da Tecnologia da Informação | 261356 | Mínimo | 30 |
| 1 | Língua Portuguesa | 261333 | Mínimo | 30 |
| 1 | Morfologia Vegetal | 1723 | Mínimo | 60 |
| 1 | Química Analítica e Orgânica | 261414 | Mínimo | 60 |
| Total = | | | | 330 |
| 2 | Bioquímica Agrícola | 261415 | Mínimo | 60 |
| 2 | Botânica Sistemática | 261416 | Mínimo | 60 |
| 2 | Desenho Técnico Aplicado à Agronomia | 261417 | Mínimo | 30 |
| 2 | Física | 1779 | Mínimo | 30 |
| 2 | Fisiologia Vegetal | 1721 | Mínimo | 60 |
| 2 | Metodologia da Pesquisa | 261418 | Mínimo | 30 |
| 2 | Morfologia e Gênese do Solo | 1731 | Mínimo | 60 |
| Total = | | | | 330 |
| 3 | Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos | 261419 | Mínimo | 30 |
| 3 | Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I | 261420 | Mínimo | 90 |
| 3 | Estatística e Experimentação | 564 | Mínimo | 60 |
| 3 | Fitopatologia I | 702 | Mínimo | 60 |
| 3 | Sociologia | 261389 | Mínimo | 30 |
| 3 | Topografia | 261421 | Mínimo | 60 |
| 3 | Zootecnia Especial | 261422 | Mínimo | 60 |

| | | | | | |
|---|------------------------------------|---------------|--------|----------------|-----|
| | | | | Total = | 390 |
| 4 | Agroecossistemas | 261424 | Mínimo | | 30 |
| 4 | Alimentação Animal I | 261425 | Mínimo | | 30 |
| 4 | Classificação dos Solos | 261423 | Mínimo | | 60 |
| 4 | Climatologia Agrícola | 1734 | Mínimo | | 60 |
| 4 | Entomologia Agrícola I | 261426 | Mínimo | | 60 |
| 4 | Fitopatologia II | 14699 | Mínimo | | 30 |
| 4 | Melhoramento Animal | 14738 | Mínimo | | 30 |
| 4 | Topografia Aplicada | 261427 | Mínimo | | 30 |
| | | | | Total = | 330 |
| 5 | Alimentação Animal II | 14696 | Mínimo | | 60 |
| 5 | Construções Rurais | 261457 | Mínimo | | 60 |
| 5 | Cultivos Agrícolas I | 14698 | Mínimo | | 60 |
| 5 | Empreendedorismo e Inovação | 261428 | Mínimo | | 30 |
| 5 | Entomologia Agrícola II | 261429 | Mínimo | | 30 |
| 5 | Fertilidade do Solo | 1737 | Mínimo | | 60 |
| 5 | Geoprocessamento | 1289 | Mínimo | | 30 |
| 5 | Melhoramento Vegetal | 14693 | Mínimo | | 30 |
| | | | | Total = | 360 |
| 6 | Agrostologia | 14695 | Mínimo | | 60 |
| 6 | Corretivos e Fertilizantes do Solo | 14697 | Mínimo | | 30 |
| 6 | Cultivos Agrícola II | 261431 | Mínimo | | 60 |
| 6 | Economia | 298380 | Mínimo | | 60 |
| 6 | Hidrologia e Hidráulica Agrícola | 261433 | Mínimo | | 60 |
| 6 | Olericultura I | 14700 | Mínimo | | 60 |
| 6 | Ovinocultura e Caprinocultura | 261434 | Mínimo | | 30 |
| | | | | Total = | 360 |
| 7 | Bovinocultura de Corte | 261435 | Mínimo | | 60 |
| 7 | Cultivos Agrícola III | 261436 | Mínimo | | 60 |
| 7 | Deontologia e Ética Profissional | 600 | Mínimo | | 30 |
| 7 | Extensão Rural e Cooperativismo | 261437 | Mínimo | | 60 |

| | | | | |
|----------------|---|--------|--------|-----|
| 7 | Legislação Agrária e Ambiental | 261441 | Mínimo | 30 |
| 7 | Manejo e Produção Florestal | 261458 | Mínimo | 60 |
| 7 | Mecanização Agrícola e Logística | 261438 | Mínimo | 60 |
| 7 | Olericultura II | 261439 | Mínimo | 30 |
| Total = | | | | 390 |
| 8 | Antropologia | 261447 | Mínimo | 30 |
| 8 | Avaliação e Perícia Agrária e Ambiental | 261442 | Mínimo | 30 |
| 8 | Bovinocultura de Leite | 261443 | Mínimo | 60 |
| 8 | Cultivos Agrícola IV | 261444 | Mínimo | 60 |
| 8 | Defesa Sanitária Vegetal | 261456 | Mínimo | 30 |
| 8 | Fruticultura I | 261445 | Mínimo | 60 |
| 8 | Irrigação e Drenagem Agrícola | 261446 | Mínimo | 60 |
| 8 | Paisagismo e Plantas Ornamentais | 261448 | Mínimo | 30 |
| 8 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas I | 298381 | Mínimo | 30 |
| Total = | | | | 390 |
| 9 | Agroecologia e Plantas Bioativas | 261462 | Mínimo | 30 |
| 9 | Fruticultura II | 261450 | Mínimo | 30 |
| 9 | Manejo e Conservação do Solo | 261451 | Mínimo | 60 |
| 9 | Plantas Indesejadas | 261459 | Mínimo | 30 |
| 9 | Produção e Tecnologia de Sementes e Mudas | 261449 | Mínimo | 60 |
| 9 | Suinocultura e Avicultura | 261453 | Mínimo | 60 |
| 9 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas II | 261461 | Mínimo | 30 |
| 9 | Trabalho de Conclusão de Curso | 261454 | Mínimo | 30 |
| Total = | | | | 330 |
| 10 | Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II | 261430 | Mínimo | 330 |
| Total = | | | | 330 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; **C/H** é a carga horária correspondente a cada disciplina, em horas relógio (60 minutos).

Quadro 4 - Apresentação dos eixos estruturantes do currículo do Curso de Agronomia da URCAMP com suas respectivas totalizações de carga horária e distribuição relativas (%)

| Eixos | Carga Horária (h)* | Distribuição (%) |
|--------------------------------|--------------------|------------------|
| Conteúdos Formativos | 3090 | 84,73 |
| Estágio Curriculares | 420 | 11,38 |
| Trabalho de Conclusão de Curso | 30 | 0,81 |
| Atividades Complementares | 150 | 4,07 |
| Total | 3690 | 100,00 |

* Carga horária em horas relógio.

Alguns componentes curriculares podem ser ofertados na modalidade de ensino híbrido (semipresencial). As disciplinas ofertadas como híbridas devem possuir no mínimo 50% (cinquenta por cento) de sua carga horária presencial. A realização de atividades em meio virtual é realizada através da plataforma Moodle. Essa oferta é amparada pela Portaria nº 1.134/2016.

O currículo procura contemplar em sua organização os seguintes pressupostos: o desenvolvimento sistemático do fluxo de disciplinas, o planejamento de atividades que incentivem o aluno a se envolver no curso e em atividades complementares, na integração contínua entre aulas teóricas e práticas com os estágios curriculares e extracurriculares.

Assim, o curso promove sua estrutura curricular com o intuito de atingir as competências e habilidades necessárias do egresso, a partir de seu processo de ensino e aprendizagem. Está organizado em dimensões, as quais existem eixos norteadores para ocorrer o processo de integração interdisciplinar com a possibilidade de vislumbrar um processo de transdisciplinaridade.

4.1.1. Distribuição dos componentes curriculares

Em atendimento a *Resolução CNE-CES nº 1, de 2 de fevereiro de 2006*, o currículo do curso apresenta sua estrutura distribuída nos componentes curriculares descritos abaixo.

I. Núcleos de conteúdos de formação:

- a. Conteúdos de formação Básicos (Quadro 5);
- b. Conteúdos de formação Profissionais Essenciais (Quadro 6);

- c. Conteúdos de formação Profissionais Específicos (Quadro 7);
- II. Estágios Supervisionados (Quadro 8);
- III. Trabalho de Conclusão de Curso (Quadro 9);
- IV. Atividades Complementares (Quadro 10).

Quadro 5 - Distribuição quantitativa dos conteúdos de formação Básicos do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Sem. | Disciplinas | Carga horária | | |
|----------------|---------------------------------------|---------------|---------|-------|
| | | Teórica | Prática | Total |
| 1 | Biologia e Microbiologia Agrícola | 30 | 30 | 60 |
| 1 | Cálculo Básico | 15 | 30 | 30 |
| 1 | Introdução da Tecnologia a Informação | 15 | 15 | 30 |
| 1 | Língua Portuguesa | 15 | 15 | 30 |
| 1 | Morfologia Vegetal | 30 | 30 | 60 |
| 1 | Química Analítica e Orgânica | 30 | 30 | 60 |
| 2 | Bioquímica Agrícola | 30 | 30 | 60 |
| 2 | Botânica Sistemática | 30 | 30 | 60 |
| 2 | Desenho Técnico Aplicado à Agronomia | 15 | 15 | 30 |
| 2 | Física | 15 | 15 | 30 |
| 2 | Metodologia da Pesquisa | 15 | 15 | 30 |
| 3 | Estatística e Experimentação | 30 | 30 | 60 |
| Total = | | 270 | 270 | 540 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 6 - Distribuição quantitativa dos conteúdos de formação Profissionais Essenciais do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Sem. | Disciplinas | Carga horária | | |
|------|--|---------------|---------|-------|
| | | Teórica | Prática | Total |
| 1 | Introdução à Agronomia | 15 | 15 | 30 |
| 1 | Genética e Biotecnologia | 15 | 15 | 30 |
| 2 | Fisiologia Vegetal | 30 | 30 | 60 |
| 2 | Morfologia e Gênese do Solo | 30 | 30 | 60 |
| 3 | Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos | 15 | 15 | 30 |

| | | | | |
|---|------------------------------------|----|----|----|
| 3 | Estatística e Experimentação | 30 | 30 | 60 |
| 3 | Fitopatologia I | 30 | 30 | 60 |
| 3 | Sociologia | 15 | 15 | 30 |
| 3 | Topografia | 30 | 30 | 60 |
| 4 | Agroecossistemas | 15 | 15 | 30 |
| 4 | Alimentação Animal I | 15 | 15 | 30 |
| 4 | Classificação dos Solos | 30 | 30 | 60 |
| 4 | Climatologia Agrícola | 30 | 30 | 60 |
| 4 | Entomologia Agrícola I | 30 | 30 | 60 |
| 4 | Fitopatologia II | 15 | 15 | 30 |
| 4 | Melhoramento Animal | 15 | 15 | 30 |
| 4 | Topografia Aplicada | 15 | 15 | 30 |
| 5 | Alimentação Animal II | 30 | 30 | 60 |
| 5 | Construções Rurais | 30 | 30 | 60 |
| 5 | Cultivos Agrícolas I | 30 | 30 | 60 |
| 5 | Entomologia Agrícola II | 15 | 15 | 30 |
| 5 | Fertilidade do Solo | 30 | 30 | 60 |
| 5 | Geoprocessamento | 15 | 15 | 30 |
| 5 | Melhoramento Vegetal | 15 | 15 | 30 |
| 6 | Agrostologia | 30 | 30 | 60 |
| 6 | Corretivos e Fertilizantes do Solo | 15 | 15 | 30 |
| 6 | Cultivos Agrícola II | 30 | 30 | 60 |
| 6 | Economia | 30 | 30 | 60 |
| 6 | Hidrologia e Hidráulica Agrícola | 30 | 30 | 60 |
| 6 | Olericultura I | 30 | 30 | 60 |
| 6 | Ovinocultura e Caprinocultura | 15 | 15 | 30 |
| 7 | Bovinocultura de Corte | 30 | 30 | 60 |
| 7 | Cultivos Agrícola III | 30 | 30 | 60 |
| 7 | Deontologia e Ética Profissional | 15 | 15 | 30 |
| 7 | Extensão Rural e Cooperativismo | 30 | 30 | 60 |
| 7 | Legislação Agrária e Ambiental | 15 | 15 | 30 |

| | | | | |
|----------------|---|-------|-------|-------|
| 7 | Manejo e Produção Florestal | 30 | 30 | 60 |
| 7 | Mecanização Agrícola e Logística | 30 | 30 | 60 |
| 7 | Olericultura II | 15 | 15 | 30 |
| 8 | Antropologia | 15 | 15 | 30 |
| 8 | Avaliação e Perícia Agrária e Ambiental | 15 | 15 | 30 |
| 8 | Bovinocultura de Leite | 30 | 30 | 60 |
| 8 | Cultivos Agrícola IV | 30 | 30 | 60 |
| 8 | Defesa Sanitária Vegetal | 15 | 15 | 30 |
| 8 | Fruticultura I | 30 | 30 | 60 |
| 8 | Irrigação e Drenagem Agrícola | 30 | 30 | 60 |
| 8 | Paisagismo e Plantas Ornamentais | 15 | 15 | 30 |
| 8 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas I | 15 | 15 | 30 |
| 9 | Fruticultura II | 15 | 15 | 30 |
| 9 | Manejo e Conservação do Solo | 30 | 30 | 60 |
| 9 | Plantas Indesejadas | 15 | 15 | 30 |
| 9 | Produção e Tecnologia de Sementes e Mudas | 30 | 30 | 60 |
| 9 | Suinocultura e Avicultura | 30 | 30 | 60 |
| 9 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas II | 15 | 15 | 30 |
| Total = | | 1.110 | 1.100 | 2.220 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 7 - Distribuição quantitativa dos conteúdos de formação Profissionais Específicos do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Sem. | Disciplinas | Carga horária | | |
|----------------|----------------------------------|---------------|---------|-------|
| | | Teórica | Prática | Total |
| 3 | Zootecnia Especial | 30 | 30 | 60 |
| 5 | Empreendedorismo e Inovação | 15 | 15 | 30 |
| 8 | Antropologia | 15 | 15 | 30 |
| 9 | Agroecologia e Plantas Bioativas | 15 | 15 | 30 |
| Total = | | 75 | 75 | 150 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 8 - Distribuição quantitativa dos Estágios Supervisionados do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Sem. | Componente curricular | Carga horária |
|----------------|---|----------------------|
| 3 | Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I | 90 |
| 5 | Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II | 330 |
| Total = | | 420h |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 9 - Distribuição quantitativa do Trabalho de Conclusão de Curso do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Sem. | Componente curricular | Carga horária |
|----------------|--------------------------------|----------------------|
| 9 | Trabalho de Conclusão de Curso | 30 |
| Total = | | 30 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 10 - Distribuição quantitativa dos Atividades Complementares do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Sem. | Componente curricular | Carga horária |
|----------------|------------------------------|----------------------|
| - | Atividades Complementares | 150 |
| Total = | | 150 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Considerando a distribuição apresentada no seu currículo (Quadro 3), o perfil profissional do egresso é construído sobre os conteúdos de formação, sendo que, destes o de maior concentração de disciplinas é o de conteúdos profissionais essenciais, conforme demonstra o quadro 11.

Quadro 11 - Distribuição quantitativa dos componentes curriculares do currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Componente curricular | Carga horária (h) | Distribuição (%) |
|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------|
| Conteúdos Básicos | 540 | 15,63 |
| Conteúdos Profissionais Essenciais | 2220 | 60,16 |
| Conteúdos Profissionais Específicos | 330 | 8,94 |
| Estágio Curriculares | 420 | 11,38 |
| Trabalho de Conclusão de Curso | 30 | 0,81 |

| | | |
|---------------------------|------|--------|
| Atividades Complementares | 150 | 4,07 |
| Total | 3690 | 100,00 |

4.1.2. Apresentação do currículo conforme as subáreas do conhecimento

Os conteúdos curriculares formativos do curso apresentam uma carga horária total de 3.090h, distribuídas em 540h para os conteúdos básicos e 2.550h para os conteúdos profissionais, tanto essenciais quanto os específicos.

Por sua vez as disciplinas que compreendem os conteúdos profissionais, podem ser agrupadas dentro de nove subáreas de conhecimento: das Ciências Humanas e Sociais (Quadro 12), das Ciências Biológicas (Quadro 13), dos Solos (Quadro 14), da Fitotecnia (Quadro 15), da Fitossanidade (Quadro 16), da Zootecnia (Quadro 17), da Engenharia (Quadro 18) e da Tecnologia de Produtos Agropecuários (Quadro 19).

Quadro 12 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea das Ciências Humanas e Sociais | Carga horária |
|----------------|--|---------------|
| 2 | Metodologia da Pesquisa | 30 |
| 3 | Sociologia | 30 |
| 5 | Empreendedorismo e Inovação | 30 |
| 6 | Economia | 60 |
| 7 | Deontologia e Ética Profissional | 30 |
| 7 | Extensão Rural e Cooperativismo | 60 |
| 7 | Legislação Agrária e Ambiental | 30 |
| 8 | Antropologia | 30 |
| Total = | | 300 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 13 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento das Ciências Biológicas, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea das Ciências Biológicas | Carga horária |
|----------------|--|----------------------|
| 1 | Genética e Biotecnologia | 30 |
| 2 | Fisiologia Vegetal | 60 |
| 3 | Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos | 30 |
| 4 | Agroecossistemas | 30 |
| Total = | | 150 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 14 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento de Solos, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea dos Solos | Carga horária |
|----------------|--|----------------------|
| 2 | Morfologia e Gênese do Solo | 60 |
| 4 | Classificação dos Solos | 60 |
| 5 | Fertilidade do Solo | 60 |
| 6 | Corretivos e Fertilizantes do Solo | 30 |
| 9 | Manejo e Conservação do Solo | 60 |
| Total = | | 270 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 15 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento da Fitotecnia, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea de Fitotecnia | Carga horária |
|-------------|--|----------------------|
| 1 | Introdução à Agronomia | 30 |
| 4 | Climatologia Agrícola | 60 |
| 5 | Cultivos Agrícolas I | 60 |
| 5 | Melhoramento Vegetal | 30 |
| 6 | Agrostologia | 60 |
| 6 | Cultivos Agrícola II | 60 |
| 6 | Olericultura I | 60 |
| 7 | Cultivos Agrícola III | 60 |
| 7 | Manejo e Produção Florestal | 60 |
| 7 | Olericultura II | 30 |

| | | |
|----------------|---|------------|
| 8 | Avaliação e Perícia Agrária e Ambiental | 30 |
| 8 | Cultivos Agrícola IV | 60 |
| 8 | Fruticultura I | 60 |
| 8 | Paisagismo e Plantas Ornamentais | 30 |
| 9 | Agroecologia e Plantas Bioativas | 30 |
| 9 | Fruticultura II | 30 |
| 9 | Plantas Indesejadas | 30 |
| 9 | Produção e Tecnologia de Sementes e Mudas | 60 |
| Total = | | 840 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 16 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento da Fitossanidade, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea de Fitossanidade | Carga horária |
|----------------|---|----------------------|
| 3 | Fitopatologia I | 60 |
| 4 | Entomologia Agrícola I | 60 |
| 4 | Fitopatologia II | 30 |
| 5 | Entomologia Agrícola II | 30 |
| 8 | Defesa Sanitária Vegetal | 30 |
| Total = | | 210 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 17 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento da Zootecnia, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea de Zootecnia | Carga horária |
|-------------|---|----------------------|
| 3 | Zootecnia Especial | 60 |
| 4 | Alimentação Animal I | 30 |
| 4 | Melhoramento Animal | 30 |
| 5 | Alimentação Animal II | 60 |
| 6 | Ovinocultura e Caprinocultura | 30 |
| 7 | Bovinocultura de Corte | 60 |
| 8 | Bovinocultura de Leite | 60 |
| 9 | Suinocultura e Avicultura | 60 |

| | |
|----------------|-----|
| Total = | 390 |
|----------------|-----|

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 8 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento da Engenharia, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea de Engenharia | Carga horária |
|----------------|--|----------------------|
| 3 | Topografia | 60 |
| 4 | Topografia Aplicada | 30 |
| 5 | Construções Rurais | 60 |
| 5 | Geoprocessamento | 30 |
| 6 | Hidrologia e Hidráulica Agrícola | 60 |
| 7 | Mecanização Agrícola e Logística | 60 |
| 8 | Irrigação e Drenagem Agrícola | 60 |
| Total = | | 330 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

Quadro 19 – Distribuição semestral das disciplinas do currículo do curso de Agronomia da URCAMP dentro da subárea de conhecimento de Tecnologia de Produtos Agropecuários, com suas respectivas cargas horárias.

| Sem. | Disciplinas - Subárea de Tecnologia de Produtos Agropecuários | Carga horária |
|----------------|--|----------------------|
| 8 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas I | 30 |
| 9 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas II | 30 |
| Total = | | 60 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; A carga horária correspondente a cada disciplina em horas relógio (60 minutos).

A distribuição relativa das subáreas do conhecimento dentro do currículo, composta pelo somatório das cargas horárias das suas respectivas disciplinas pertinentes, vai definir o perfil de formação profissional do curso de Agronomia da URCAMP. Observa-se que a área do conhecimento de maior carga horária é a de Fitotecnia (32,94%), seguida pelas áreas de Zootecnia (15,29%) e Engenharia (12,94%), conforme disposto no quadro 20.

Quadro 20 - Distribuição quantitativa das subáreas de conhecimento, dentro do componente curricular de conteúdos Profissionais Essenciais e Profissionais Específicos, no currículo do curso de Agronomia da URCAMP.

| Subáreas | Carga horária (h) | Distribuição (%) |
|--------------------------------------|--------------------------|-------------------------|
| Ciências Humanas e Sociais | 300 | 11,76 |
| Ciências Biológicas | 150 | 5,88 |
| Solos | 270 | 10,59 |
| Fitotecnia | 840 | 32,94 |
| Fitossanidade | 210 | 8,24 |
| Zootecnia | 390 | 15,29 |
| Engenharia | 330 | 12,94 |
| Tecnologia de Produtos Agropecuários | 60 | 2,35 |
| Total | 2550 | 100,00 |

4.2. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO DISCENTE

A avaliação do desempenho do aluno, em consonância com as disposições regimentais da URCAMP, enfatiza a dimensão qualitativa, considerando o aproveitamento e a frequência. Utiliza-se de diversificadas estratégias e mecanismos de coleta de informações, definidas em coerência com o nível e a natureza do trabalho desenvolvido.

Os critérios para avaliação do desempenho do aluno são disciplinados pela Resolução nº 007/2006 da Câmara de Ensino do Conselho Universitário (CONSUN), considerando o §3º do Art. 47 da Lei 9394/96, o Art. 47 do Estatuto, o Art. 64 do Regimento Geral da URCAMP, conforme:

Art. 1º - A verificação do rendimento do aluno compreende a avaliação do aproveitamento e a apuração da frequência por componente curricular.

Art. 2º - A frequência mínima em cada componente curricular é de 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária total.

Parágrafo único: É reprovado o aluno que não atingir a frequência mínima estabelecida.

Art. 3º - A avaliação do aproveitamento se realiza através de diferentes procedimentos de verificação do desempenho do aluno, atendendo à natureza do componente curricular e aos objetivos estabelecidos no plano de

estudos.

Art. 4º - O aproveitamento do aluno é expresso em notas numa escala de 0 (zero) a 10 (dez). Parágrafo único: A expressão dos resultados do desempenho do aluno ocorre bimestralmente.

Art. 5º - É aprovado o aluno que, tendo atingido a frequência mínima, obtiver:

I – Média igual ou superior a 7,0 (sete) nas avaliações parciais ou

II – Média das avaliações parciais e reavaliação igual ou superior a 6,0 (seis) segundo a expressão: Média das avaliações parciais + reavaliação => 6,0.

§1º - A reavaliação do aluno, sob a responsabilidade do professor do componente curricular, integraliza o período letivo.

§2º - Tem direito à reavaliação o aluno que alcançar a frequência mínima estabelecida.

Art. 6º - É assegurada ao aluno a revisão de prova, por solicitação à Direção de Centro, no prazo de 48 (quarenta e oito) horas após a publicação dos resultados.

Art. 7º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua divulgação na comunidade acadêmica, revogando as disposições em contrário.

No Curso de Agronomia, os procedimentos de avaliação constituem um conjunto contínuo e integrado de ações de aspectos qualitativos e quantitativos, que permitem o acompanhamento da formação do aluno.

Os indicadores, critérios, instrumentos e estratégias são definidos nos planos de estudos de cada disciplina. O olhar do avaliador é fundamentado nas competências, habilidades e conteúdos curriculares desenvolvidos, tendo como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais e em consonância com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

São utilizadas estratégias e instrumentos avaliativos como por exemplo: provas dissertativas e objetivas, seminários, relatório de atividades práticas, relatório de estágios supervisionados, projetos, análise crítica de textos, estudos e simulações de problemas e estudos de casos, pesquisas bibliográficas, elaboração de artigos e notas científicos. Os instrumentos de investigação, trabalhos, testes e provas são devolvidos aos alunos com posterior discussão e superação de dúvidas.

4.3. CONTEÚDOS CURRICULARES

Para o adequado desenvolvimento do perfil profissional do egresso adequado

ao conjunto de competências e habilidades exigidas pelo mercado da região da fronteira oeste do RS, o curso oferece uma estrutura curricular pertinente, estudada e analisada pelo NDE, visando atender as necessidades de atualização, adequação e demais fatores que interessam para as características da região.

Os conteúdos dos componentes curriculares estão compatíveis com o perfil definido para o egresso e alinhados às mais recentes necessidades de aprimoramento nas práticas do Curso. Existe forte embasamento teórico permeado por numerosas iniciativas de capacitação prática complementar à teoria, materializadas pelas atividades complementares e pelo estágio curricular, além das aulas prática, visitas técnicas, eventos de capacitação, pesquisas e extensão.

O curso contempla, em seu currículo, 72 disciplinas planejadas para o pleno atendimento do perfil do profissional desejado e dos objetivos do curso, atentando sempre para a integração de conhecimentos, a relação entre teoria e prática e a interdisciplinaridade.

Atende os eixos estruturantes definidos pelas Diretrizes do MEC. Os planos de ensino estão em consonância com a concepção do curso e com o perfil do egresso, sendo atualizados semestralmente pelos docentes e aprovados pelo NDE.

4.4. METODOLOGIA

A organização curricular é integrada por concepções metodológicas, pressupostos que direcionam a estrutura curricular para a formação do perfil profissional pretendido. Entende-se que é na metodologia da abordagem dos conteúdos que efetivamente se processa a formação profissional, nas perspectivas técnica, humana e social.

O currículo do curso é desenvolvido através de aulas teóricas e práticas ministradas na estrutura disponibilizada no Campus Central, no Instituto Tecnológico de Reprodução Vegetal (INTEC) e no Fazenda Escola (Campus Rural).

Como metodologia para realização de atividades práticas além da autonomia de cada docente, organiza-se, em conformidade com o corpo docente, um calendário para que todas as disciplinas do curso sejam ministradas e/ou orientadas junto a Fazenda Escola. Assim são propostas datas em que as aulas normalmente ministradas junto ao Campus Central, sejam transferidas para o Campus Rural, proporcionando, no mínimo uma vez por semestre, que os discentes realizem

atividades teórico/práticas de cada disciplina no ambiente rural. Este calendário é disponibilizado aos discentes por e-mail ou redes sociais.

O objetivo desta prática é o de proporcionar, aos docentes e aos discentes, mais uma possibilidade de vivência das atividades de pesquisa, de extensão e de produção realizadas na Fazenda Escola, além de oportunizar o desenvolvimento de relações interpessoais e a disseminação dos conhecimentos técnicos durante as diferentes atividades teórico/práticas das disciplinas. Aulas práticas poderão também ser desenvolvidas em fazendas, empresas rurais e instituições agropecuárias da região, conforme a demanda dos docentes e a disponibilidade das instituições. Cabe salientar o grande número de alunos que realizam estágio na EMBRAPA-CPPSul, unidade que desenvolve pesquisas em bovinocultura de corte e leite, ovinocultura e forrageiras nos Campos Sul-Brasileiros, compreendidos pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

São princípios metodológicos do Curso de Agronomia:

- a) Relação dos conteúdos com os interesses dos alunos e entendimento de suas práticas sociais, que determinarão onde estes serão usados;
- b) Preparação do acadêmico para identificação da realidade profissional e sua inserção no mercado de trabalho;
- c) Constante inter-relação dialética entre teoria e prática;
- d) Revisão e atualização dos conhecimentos científicos e pedagógicos;
- e) Atenção permanente às peculiaridades regionais da área rural, sem desconsiderar perspectivas mais abrangentes da realidade nacional e internacional;
- f) Prevalência da dimensão qualitativa do conhecimento, desenvolvendo técnicas didáticas atualizadas que propiciem a abordagem de concepções científicas e técnicas;
- g) Respeito às perspectivas divergentes e estímulo à integração dessas concepções na busca de novos conhecimentos científicos e técnicos;
- h) Integração entre os saberes, especialmente pelas atividades de extensão, adotando-se os procedimentos próprios da pesquisa didática, no sentido de desenvolver atitudes de compreensão e intervenção na realidade rural;
- i) Adoção de estratégias didáticas que busquem promover, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de concepções individuais e coletivas, predispondo para o trabalho em equipe;

- j) Comprometimento com o desempenho profissional, seja comprovado pelo desenvolvimento de atitudes básicas de competência, atualização, comportamento ético, pontualidade e assiduidade.

4.5. EMENTAS E BIBLIOGRAFIA DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO CURSO

O quadro 21 apresenta as disciplinas do currículo do curso de agronomia com suas respectivas cargas horárias e ementas. O quadro 22 apresenta as disciplinas do currículo do curso de agronomia com suas respectivas bibliografias.

Quadro 21 - Distribuição semestral das disciplinas e demais conteúdos curriculares do curso de Agronomia da URCAMP, com suas respectivas cargas horárias semestrais.

| Sem. | Disciplinas | Ementas | C/H |
|------|--|--|-----|
| 1 | Biologia e Microbiologia Agrícola | Estudo e caracterização da microfauna, mesofauna e macrofauna que habitam a camada superficial dos horizontes do solo, seus ciclos do carbono, nitrogênio, fósforo e enxofre orgânico e suas interações com o meio ambiente e homem. | 60 |
| 1 | Cálculo Básico | Sistema Internacional de Unidades de Medidas; Equação Linear; Funções; Trigonometria; Geometria Plana; Geometria espacial; Noções de Limites, Derivadas e Integrais. | 30 |
| 1 | Genética e Biotecnologia | Bases físicas da hereditariedade. Herança monofatorial e polifatorial. Interação genética. Genética do sexo. Citogenética. Ligação e permutação. Bases químicas da hereditariedade. Genética das populações. Genética quantitativa. Noções de biotecnologia. | 30 |
| 1 | Introdução à Agronomia | Histórico da Agricultura e da Agronomia. Pesquisa e desenvolvimento tecnológico no Brasil. A atuação da Extensão Rural no RS e Brasil. Produção agrícola no RS, Brasil e mundo. A importância global do agronegócio Brasileiro como fornecedor de alimentos, fibras e energia. Temas atuais da agronomia (Biotecnologia, agroquímicos, sustentabilidade, sistemas integrados de produção, conservação ambiental, código florestal, intensificação sustentável da agropecuária). Regulamentação profissional para a agronomia. Áreas de atuação do engenheiro agrônomo. | 30 |
| 1 | Introdução da Tecnologia da Informação | Evolução do computador. Sistema de numeração. Configuração. Arquivos, registros e campo. Tipos de linguagem. Sistemas operacionais. Linguagem de 4ª geração. Fluxogramas. | 30 |
| 1 | Língua Portuguesa | Variação linguística. Norma padrão: aspectos da oração. Tópicos gramaticais da norma padrão. Coesão. Coerência. Análise e produção textual. | 30 |
| 1 | Morfologia Vegetal | Estudo da citologia, histologia e organologia dos vegetais de interesse agrônomo. | 60 |

| | | | |
|---|--|---|----|
| 1 | Química Analítica e Orgânica | Introdução ao estudo da química analítica; Teoria da dissociação eletrolítica; Equilíbrio químico; Hidrólise dos sais; Solução; Métodos de análise gravimétrica; volumétrica, titulometria, complexométrica, potenciometria. Introdução ao estudo da Química Orgânica: Aspectos estruturais das substâncias orgânicas, Cadeias carbônicas, Radicais, Funções Hidrocarbonetos, oxigenadas, nitrogenadas. | 60 |
| 2 | Bioquímica Agrícola | Introdução ao estudo bioquímico das proteínas, dos lipídios e dos carboidratos. Fundamentação e contextualização do metabolismo, da fotossíntese e da respiração. Estudo do Ciclo de Krebs e da química de hormônios vegetais e das fermentações. | 60 |
| 2 | Botânica Sistemática | Introdução aos conceitos de evolução e filogenia em plantas. Estudo da sistemática, taxonomia e nomenclatura botânica. Caracterização das principais famílias botânicas de interesse econômico agrícola. | 60 |
| 2 | Desenho Técnico Aplicado à Agronomia | Apresentação da normatização de Desenho Técnico conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas. Contextualização e estudo das metodologias e tecnologias de representação gráfica bidimensional e tridimensional. Apresentação e estudo dos princípios de Desenho Arquitetônico, Topográfico e Cartográfico. | 30 |
| 2 | Física | Pré-requisitos matemáticos. A Física como uma ciência experimental. Grandezas vetoriais. Forças. Equilíbrio de uma partícula. Equilíbrio de um corpo rígido. Trabalho, potência e energia. Máquinas simples. Noções de atritos cinéticos. Seminários e aulas práticas. | 30 |
| 2 | Fisiologia Vegetal | Conceitos e bases para o estudo da fisiologia vegetal. Estudo do funcionamento da célula. Respiração. Metabolismo da água. Nutrição mineral. Fotossíntese. Plantas C3, C4 e CAM. Transporte de açúcares. Fisiologia do Desenvolvimento. Hormônios. Fotoperíodismo. Vernalização. Dormência. | 60 |
| 2 | Metodologia da Pesquisa | Estuda a pesquisa científica seus conceitos, características, métodos, técnicas e etapas. A organização do trabalho acadêmico, trabalhos científicos: fichamentos, resenhas bibliográficas, artigos científicos, relatórios, seminários, comunicações científicas e monografias O projeto de pesquisa: noções preliminares e estrutura. Normas técnicas para a elaboração do trabalho científico. ABNT. | 30 |
| 2 | Morfologia e Gênese do Solo | Descrição dos solos de acordo com os princípios químicos básicos, revelando sua composição química, propriedades e reações químicas e fornecer bases para a compreensão dos fenômenos relacionados à interação entre o solo e plantas, adubos e corretivos. Fatores e processos de formação do solo. Física do solo. Relação massa/volume. Conhecimento das propriedades e características do solo. | 60 |
| 3 | Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos | Características gerais dos seres vivos. Sistema endócrino. Fisiologia do sistema nervoso. Sistema sensorial. Sistema circulatório. Aparelho respiratório. Sistema urinário. Sistema reprodutor. | 30 |

| | | | |
|---|------------------------------|--|----|
| 3 | Estatística e Experimentação | Bases da estatística. Obtenção de dados. Medidas de tendência central. Medidas de dispersão e variação. Distribuição das probabilidades. Distribuições contínuas. Princípios da experimentação. Planejamento experimental. Análise de variância. Teste de comparações de médias. Delineamento completamente casualizado. Delineamento em blocos casualizados. Delineamento em quadrado latino. Regressão linear. Experimentos fatoriais. | 60 |
| 3 | Fitopatologia I | Estudo dos conceitos e divisão da fitopatologia. Histórico e importância da fitopatologia. Conceitos e princípios fundamentais da fitopatologia. Ciclo das relações patógeno-hospedeiro. Caracterização dos métodos de detecção dos principais agentes fitopatogênicos. Caracterização e classificação dos fungos, das bactérias, dos vírus e dos viróides fitopatogênicos. Contextualização de fitoplasmas e de espiroplasmas. | 60 |
| 3 | Sociologia | Ciências Sociais. Processos sociais. Os agrupamentos sociais. Sociedade Rural e Sociedade Urbana. Mudanças sociais. | 30 |
| 3 | Topografia | Fundamentos de geodésia geométrica. Representação plana do modelo geodésico da terra. Instrumentação. Grandezas de medição. Métodos de levantamentos horizontais. Métodos de levantamentos verticais. Posicionamento por satélites artificiais. | 60 |
| 3 | Zootecnia Especial | Estudos básicos teóricos e práticos da atividade apícola - embasamento biológico, manejos, extração dos produtos apícolas e sua comercialização. Produção de peixes, envolvendo seus sistemas anatômico fisiológico, produtivo, reprodutivo e opções de mercado. Produção de equinos, envolvendo: origem dos equinos; estudo do exterior; principais características das raças eqüinas; funções econômicas; instalações; avaliação "Trinômio", manejo; alimentos e alimentação; higiene e profilaxia. Características das espécies de coelho, raças de coelhos sistemas de criação, ritmos reprodutivos, instalações, alimentos e alimentação, manejo, higiene e profilaxia, industrialização e comercialização. | 60 |
| 4 | Agroecossistemas | Definições da ecologia; história e objeto da ciência ecológica; história e objetivos da ecologia filosófica e política; ecologia das populações e estudo dos ecossistemas; as características dos principais ecossistemas naturais; fluxos de energia e cadeias alimentares; fatores determinantes da dinâmica das populações; capacidade de suporte, curva de Gauss; dinâmica dos sistemas predadores-presa; ciclos biogeoquímicos; definição, importância e valor da biodiversidade; estudos dos agroecossistemas; análise de riscos ambientais e gestão ambiental na agricultura familiar | 30 |
| 4 | Alimentação Animal I | Esta disciplina transmite conhecimentos que envolvem processos de digestão e absorção dos componentes do alimento como: proteína, gorduras, carboidratos, minerais e fibras, bem como manejo das diferentes espécies quanto ao sistema de alimentação. | 30 |
| 4 | Classificação dos Solos | Introdução e conceitos utilizados em classificação do solo, Fatores e processos de formação do solo, Horizontes e camadas, Descrição do perfil do solo, Sistemas de classificação: genético-natural, compreensivo e brasileiro, | 60 |

| | | | |
|---|-----------------------------|---|----|
| | | classes de solos do Brasil e RS, interpretação de mapas de solos . | |
| 4 | Climatologia Agrícola | Visa fornecer subsídios aos futuros profissionais Engenheiros Agrônomos para melhor entendimento dos elementos do tempo e dos fatores climáticos sobre o meio ambiente e sobre as culturas, bem como desenvolver meios e tecnologias de adequação aos fatores adversos do clima. | 60 |
| 4 | Entomologia Agrícola I | Introdução ao estudo da entomologia. Caracterização do filo <i>Arthropoda</i> e estudo da classe <i>Insecta</i> . Taxonomia, nomenclatura, morfologia e reprodução dos insetos. Apresentação dos métodos de controle de pragas agrícolas. | 60 |
| 4 | Fitopatologia II | Importância das doenças das plantas, classificação das doenças das plantas, sintomatologia, etiologia, fisiologia do parasitismo, epidemiologia, controle de doenças. Doenças dos cereais de estação fria, milho, sorgo, arroz irrigado, soja, videira, rosáceas, citros e feijão. | 30 |
| 4 | Melhoramento Animal | Envolve o conteúdo frequência gênica, frequência genotípica, acasalamento, equilíbrio de população, probabilidade, ganho genético, seleção, migração, mutação e deriva genética. | 30 |
| 4 | Topografia Aplicada | Estudo dos conceitos de Topografia aplicados à divisão e parcelamento de terras, locação de pontos topográficos e projetos de terraplanagem. Introdução ao estudo dos Sistemas Globais de Posicionamento por satélites artificiais. | 30 |
| 5 | Alimentação Animal II | A disciplina será um complemento à formação profissional na área de produção animal, abordando as seguintes determinações: matéria seca (M.S.); proteína bruta (PB); extrato etéreo (EE); fibra bruta (FB); extrativos não nitrogenados (ENN); matéria mineral (MM); estimativa de nutrientes digestivos totais (NDT) e cálculo de ração. | 60 |
| 5 | Construções Rurais | Materiais de construções. Noções de resistência dos materiais. Projetos de edificações rurais. Procedimentos construtivos. Etapas construtivas. Instalações zootécnicas. Galpões e silos de armazenagem. Memorial descritivo, orçamento e cronograma físico-financeiro. | 60 |
| 5 | Cultivos Agrícolas I | Introdução e aspecto gerais, cultivo, tratos culturais e colheita das culturas agrícolas da soja, do arroz, do milho e do sorgo. | 60 |
| 5 | Empreendedorismo e Inovação | Empreendedorismo: características; oportunidades; desenvolvimento de atitudes empreendedoras. Novos paradigmas. Administração do crescimento da empresa. Prospecção Empresarial. Plano de Negócios. Inovação e Criatividade. Modelagem. Organizacional. Pesquisa de Mercado. Técnicas de Vendas. Técnicas de Negociação. Qualidade. Formação de Preços. Ferramentas Gerenciais. | 30 |
| 5 | Entomologia Agrícola II | Estudo das pragas associadas às principais atividades agrícolas regionais e seu respectivo manejo. | 30 |
| 5 | Fertilidade do Solo | Panorama da fertilidade do solo no Brasil, leis da fertilidade do solo, elementos essenciais, elementos benéficos, elementos tóxicos, nutrientes minerais, classificação dos nutrientes | 60 |

| | | | |
|---|------------------------------------|---|----|
| | | minerais, nutrição mineral como fator de crescimento, exigências nutricionais, ciclo do nitrogênio, potássio, fósforo, cálcio, magnésio, enxofre e micronutrientes, reações do solo, calagem, análise de solos e interpretação e recomendação de adubação e calagem. | |
| 5 | Geoprocessamento | Noções de Sensoriamento Remoto, de Fotogrametria e Fotointerpretação, de Sistemas de Informações Geográficas e Geoprocessamento, de Cartografia. Georreferenciamento de Imóveis Rurais. | 30 |
| 5 | Melhoramento Vegetal | Gene, mitose e meiose. Regras do melhoramento das plantas. Herança poligênica. Interação gênica. Origem das plantas cultivadas. Fatores de evolução. Melhoramento ambiental e genético. Herdabilidade. Fundamentos do melhoramento. Mutações. | 30 |
| 6 | Agrostologia | Agrostologia: morfofisiológica e taxonomia das plantas forrageiras. Fisiografia das regiões pastoris do estado. Sucessão vegetal e ecologia dinâmica. Características agronômicas das principais espécies forrageiras. Pastagens nativas de Santa Catarina. Implantação de pastagens. Melhoramento das pastagens naturais. Manejo das pastagens. Flutuação estacional das pastagens. Conservação de forragens. Integração lavoura e pecuária. Métodos de avaliação da produção e composição botânica das pastagens. | 60 |
| 6 | Corretivos e Fertilizantes do Solo | Fornecer fundamentos de Corretivos e Fertilizantes que propiciem aos estudantes do curso de Agronomia condições de compreender a agricultura como agente de transformação ambiental e alertá-los de sua responsabilidade social quando da orientação e / ou condução destas atividades. | 30 |
| 6 | Cultivos Agrícolas II | Introdução e aspecto gerais, cultivo, tratos culturais e colheita das culturas agrícolas do: trigo, aveia, centeio, cevada e triticale. | 60 |
| 6 | Economia | Conceitos, definições e história da economia. Sistemas econômicos. Indicadores macroeconômicos. Políticas governamentais. Nível de emprego. Inflação. Produção agrícola. Oferta e demanda. Intervenção do governo no mercado. Conceitos e definições de administração rural. Fatores de produção. Formação de preços. Avaliação do patrimônio. Depreciação. Índices tecnológicos. Custos de produção. Estudo técnico e econômico da propriedade rural. | 60 |
| 6 | Hidrologia e Hidráulica Agrícola | Fundamentos de hidrologia e hidráulica agrícola. Manejo de Bacias Hidrográficas e hidrometria. Estudos em hidrostática e hidrodinâmica. Dimensionamento de vertedores, encanamentos e condutos livres. Máquinas hidráulicas e otimização de sistemas de bombeamento. Estudos em barragem de terra. | 60 |
| 6 | Olericultura I | Conceitos e histórico, importância econômica, social e nutricional das hortaliças; classificação das hortaliças; características e tipos de produção de hortas no Brasil; aspectos gerais da propagação e adubação das hortaliças; aspectos ambientais e gerais do cultivo a campo, cultivo protegido e cultivo orgânico, implantação de horta, substratos, cucurbitáceas. | 60 |

| | | | |
|---|----------------------------------|--|----|
| 6 | Ovinocultura e Caprinocultura | Origem, introdução e distribuição dos ovinos e caprinos. Raças ovinas e caprinas. Características da produção de lã e carne. Instalações. Formação do rebanho. Reprodução. Manejo. | 30 |
| 6 | Práticas Agrícolas I | Realização de atividades práticas relacionadas ao exercício agrônômico. | 60 |
| 7 | Bovinocultura de Corte | Fornecer subsídios teórico-práticos para que o acadêmico possa executar com segurança e confiabilidade atividades básicas da rotina diária em diferentes laboratórios de análises, referentes às disciplinas do currículo de agronomia cursadas até o referido semestre, serão realizadas práticas em análise de alimentos e bebidas, análises fisiológicas, biológicas e microbiológicas. | 60 |
| 7 | Cultivos Agrícola III | Introdução, caracterização da cultura, classificação taxonômica, importância econômica de cada cultura estudada, origem evolutiva e centros de origem, cadeia produtiva, melhoramento e biotecnologia, tratos culturais e industrialização das culturas de amendoim, cana-de-açúcar, ervilha, fumo, girassol, mamona, batata, amendoim, feijão comum e caupi e mandioca. | 60 |
| 7 | Deontologia e Ética Profissional | Fundamentos da moral e da ética. A deontologia. O Código de Ética. As atividades profissionais. | 30 |
| 7 | Extensão Rural e Cooperativismo | Proporcionar aos alunos, conhecimento de Extensão Rural, como veículo para promover o desenvolvimento da população do meio rural. Para tal, serão desenvolvidas atividades visando demonstrar a importância do trabalho educativo que está inserido na Extensão Rural, bem como toda a metodologia do trabalho propriamente dito. Associativismo. Estrutura das cooperativas. Legislação cooperativa. | 60 |
| 7 | Legislação Agrária e Ambiental | Introdução ao Direito Agrário. Conceitos básicos. Reforma Agrária. Contratos agrários. Crédito Rural. Noções de Direito Ecológico. | 30 |
| 7 | Manejo e Produção Florestal | Estudo das formas de propagação de espécies florestais, da instalação e manejo de viveiros, das técnicas de florestamento, de reflorestamento e de manejo das florestas. Caracterização de algumas espécies florestais. Caracterização dos métodos de conservação e processamento da madeira. | 60 |
| 7 | Mecanização Agrícola e Logística | Caracterização de máquinas e equipamentos para implantação, condução e colheita de culturas agrícolas. Introdução a mecanização, a análise operacional e econômica de operações agrícolas. Planejamento e dimensionamento de sistemas mecanizados. Logística operacional, de transporte e de comercialização de produtos agrícolas. | 60 |
| 7 | Olericultura II | Estudo das relações econômicas, do efeito dos fatores abióticos e bióticos, que afetam o crescimento e o desenvolvimento das plantas, e das técnicas de pesquisa e cultivo adotadas na produção de Solanáceas (tomate, pimentão e batata), Rosáceas (morango), Alliáceas (cebola e alho), Cichoriáceas (alface) e Apiáceas (cenoura) e aulas práticas a produtores da região e pesquisa na horta didática da URCAMP. | 30 |

| | | | |
|---|--|--|----|
| 8 | Antropologia | Filosofia da Ciência. Noções de Antropologia. Princípios Elementares de Sociologia. Sociologia Rural. Deontologia: estudo da Ética e do Exercício Profissional. A Vocação Humana da Agronomia. | 30 |
| 8 | Avaliação e Perícia Agrária e Ambiental | Avaliação da terra nua. Vistoria. Pesquisa de valores. Homogeneização. Avaliação de benfeitorias. Avaliação de culturas, recursos naturais, obras rurais, máquinas e implementos agrícolas, semoventes. Avaliação do passivo ambiental. Laudos segundo ABNT. Apresentação de laudos e níveis de precisão. | 30 |
| 8 | Bovinocultura de Leite | Características gerais da pecuária leiteira. Descrição nas áreas de nutrição, sanidade preventiva, manejo e genética para que possa atuar na área de pecuária leiteira, criando e adaptando alternativas econômicas e ecologicamente sustentáveis. | 60 |
| 8 | Cultivos Agrícola IV | Aspectos gerais, introdução, tratos culturais e industrialização das culturas de algodão, cacau, café, colza, linho, seringueira e sisal. | 60 |
| 8 | Defesa Sanitária Vegetal | Estudo da legislação brasileira de defesa sanitária vegetal. Estudo de agrotóxicos. Tecnologia de aplicação de agrotóxicos. Legislação de defesa sanitária vegetal. | 30 |
| 8 | Fruticultura I | Serão abordados os temas sobre: O panorama e importância da produção frutícola; o sistema de produção Integrada de Frutas, conceitos e classificação das plantas frutíferas; propagação das árvores frutíferas; morfologia e fisiologia das plantas frutíferas; implantação e manejo de pomares; adubação, poda, raleio e uso de fitorreguladores na fruticultura. | 60 |
| 8 | Irrigação e Drenagem Agrícola | Importância da irrigação no Brasil. Fontes e o Armazenamento de Água para Irrigação. Relação solo-água-clima e planta. Necessidade de água para as Principais Culturas. Métodos de Aplicação de Água. Qualidade da Água e Balanço de Sais. Drenagem das terras agrícolas. | 60 |
| 8 | Paisagismo e Plantas Ornamentais | Noções gerais sobre a construção de jardins, através da escolha adequada das plantas, dentro de uma proposta contemporânea, aliado aos fatores ideais de solo, água, fertilidade, rusticidade e beleza plástica de plantas ornamentais. | 30 |
| 8 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas I | Caracterização e classificação de matérias-primas agrícolas. Tecnologia de conservação e de transformação dos vegetais. Controle de qualidade de produtos transformados e armazenados. | 30 |
| 8 | Práticas Agrícolas II | Implantação, desenvolvimento, tratos culturais, controle fitossanitário e colheita das principais culturas agrícolas na região. | 60 |
| 9 | Agroecologia e Plantas Bioativas | Introdução: origem, histórico e importância sócio-econômica. Botânica: classificação, descrição da planta e cultivares. Clima e solo. Preparo do solo, adubação e calagem. Propagação, plantio e semeadura. Tratos culturais. Tratamento fitossanitário. Colheita. Armazenamento. Culturas: café, cacau, chá e plantas medicinais. | 30 |

| | | | |
|---|--|---|----|
| 9 | Fruticultura II | Aspectos gerais sobre a fruticultura de clima temperado. Fruticultura de clima sub-tropical. Fruticultura de clima tropical. | 30 |
| 9 | Manejo e Conservação do Solo | Importância e desenvolvimento da conservação do solo no Brasil e no Rio Grande do Sul, Noções básicas de física do solo relacionadas com a conservação, manejo e utilização. Textura, estrutura, M. O., ar, água, permeabilidade, consistência, degradação do solos, causas do declínio da capacidade produtiva dos solos, erosão eólica e hídrica, práticas conservacionistas. | 60 |
| 9 | Plantas Indesejadas | Manejo de plantas indesejáveis. | 30 |
| 9 | Produção e Tecnologia de Sementes e Mudanças | Morfologia, fisiologia e embriologia de sementes. Produção, secagem, beneficiamento e armazenamento de sementes. Legislação. Análise de sementes. | 60 |
| 9 | Suinocultura e Avicultura | Aspectos gerais a respeito da suinocultura. Exterior dos suínos. Raças suínas. Melhoramento dos suínos. Reprodução dos suínos. Alimentação dos suínos. Instalações. Manejo. Sanidade. Avaliação dos suínos. Estudo geral sobre os principais aspectos que envolvem a avicultura: genética, economia, manejo, nutrição e tecnologia de produtos. Estudo sobre criação de emas: releva aspectos da criação em cativeiro, sanidade, manejo, bem como sua importância econômica e preservacionista. | 60 |
| 9 | Tecnologia de Produção e Conservação e Produtos Agrícolas II | Os produtos de origem animal, as diferentes etapas nas produções e industrialização de carnes e leites, as suas diferentes espécies, sistemas diversos empregados nas mais variadas formas de fabricação de produtos lácteos. | 30 |
| 9 | Trabalho de Conclusão de Curso | Desenvolvimento de trabalhos acadêmicos de pesquisa/extensão que poderá ser desenvolvido nas dependências da URCAMP ou ainda empresas públicas ou privadas, desde que apresentem atividades relacionadas a área da Agronomia. | 30 |

Onde: **Sem.** é a indicação do semestre de oferecimento da disciplina; **C/H** é a carga horária correspondente a cada disciplina.

Quadro 22 - Distribuição semestral das disciplinas do curso de Agronomia da URCAMP, com suas respectivas bibliografias.

| Sem. | Disciplinas | Bibliografias | C/H |
|------|-----------------------------------|---|-----|
| 1 | Biologia e Microbiologia Agrícola | VIEIRA, L. S. Manual da ciência do solo. Editora Agronômica Ceres, São Paulo, 1988. 464 p. BRADY, N. C. Natureza e Propriedades dos Solos. 1985. CARDOSO, E. J.; TSAI, S. M.; NEVES, M. C.; Microbiologia do solo. Campinas, Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 1992. 302p. DAVIS, B. E OUTROS . MICROBIOLOGIA. Ed. EDART, São paulo, 1973. MARTINEZ, A. A. A Grande Poderosa Minhoca: Manual Prático do Minhocultor. Secretaria da Agricultura e | 60 |

| | | | |
|---|--------------------------|---|----|
| | | Abastecimento do Estado de São Paulo. 1990, 101 p. VIEIRA, M. I. Criação de Minhocas: Comercialização, Reprodução, Produção, Instalações e Bons Lucros. Prata Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo - SP. 1995. 87p. | |
| 1 | Cálculo Básico | CAROLI, A. et. al. Matrizes, vetores, geometria analítica. São Paulo, Nobel, 1978 GUIDORIZZI, H. Um curso de cálculo diferencial e integral, vol. 1, 2, 3 e 4. São Paulo, Livros Técnicos. KAPLAN, W. Cálculo avançado, vols. 1, 2, 3 e 4. São Paulo, Edgard Blucher Use. 1972 LEITHOLD, L. O cálculo com geometria analítica, vols. 1 e 2. Harba. Editora do Brasil Ltda. BRAUN, M. Equações diferenciais e suas aplicações. R. de Janeiro, Ed. Campus Ltda. 1979. FERREIRA, R. S. Matemática aplicada as ciências agrárias: análise de dados e modelos. Viçosa - UFV, Minas Gerais, 1999. | 30 |
| 1 | Genética e Biotecnologia | ALLARD, R. W. Princípios do Melhoramento das Plantas. Edgard Blücher. São Paulo, 1971. BURNS, George W. Genética, uma Introdução ao Estudo da Hereditariedade. Interamericana. Rio de Janeiro, 1984. CROW, James F. Fundamentos de Genética. Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro, 1978. DOBZHANSKY, Theodosius. Genética do Processo Evolutivo. Polígono. São Paulo, 1973. _____. O Homem em Evolução. Polígono. São Paulo, 1976. FALCONER, D. S. Introdução à Genética Quantitativa. U.F. V. Viçosa, 1987. ALBERTS, B; JOHNSON, A; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K.; WALTER, P. Biologia Molecular da Célula. 5 ed. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2009. 1396p. TORRES, A.C.; CALDAS, L.S.; BUSO, J.A. (Eds). Cultura de Tecidos e Transformação Genética de Plantas. Vol.1 e 2. Brasília: Embrapa, 1998 e 1999, 864p. ZAHA, A. (Coord.). Biologia Molecular Básica. Porto Alegre: Mercado Aberto, 336p. 1996. GARDNER, Eldon & D. Peter Snustad. Genética. Quanabara. Rio de Janeiro, 1986. LEVINE, Louis. Biologia do Gene. Edgard Blücher. São Paulo, 1977. STANFIELD, William D. Genética. McGraw-Hill do Brasil. São Paulo, 1985. WATSON, James D. Biologia Molecular del Gen. Fondo Educativo Interamericano. Bogotá, 1970. WHITE, M. J. D. Os cromossomos. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1977. | 30 |

| | | | |
|---|--|--|----|
| 1 | Introdução à Agronomia | <p>CAMPOS, Humberto de. Enciclopédia Agrícola Brasileira. São Paulo: EDUSP. 1995.</p> <p>CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. São Paulo: McGraw-Hill.1978.</p> <p>EMPRESA JORNALÍSTICA CERES. Revista Cultivar. Rio Grande do Sul: Ceres, nº 01 a 12. 1999-2000.</p> <p>MACEDO, Francisco Rioportense. Histórico da Área Tecnológica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Rio Grande do Sul. 1993.</p> <p>PIAZZA, Gilberto. Fundamentos de Ética e Exercício Profissional em Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Ed. Palloti. 1991.</p> | 30 |
| 1 | Introdução da Tecnologia da Informação | <p>ANTUNES, L.M. & ENGEL, A. A informática na agropecuária. 2 ed. Livraria e Editora Agropecuária. Guaíba, RS. 1996. 175p.</p> <p>NORTON, P. & JOURDAIM, R. O manual do disco rígido. Editora Campus. Rio de Janeiro, RJ. 1991.</p> <p>NORTON, P. Desvendando periférico e extensões. Editora Campus. Rio de Janeiro, RJ. 1993.</p> <p>_____. Desvendando o PC e PS/2. 3.ed. Editora Campus. Rio de Janeiro, RJ. 1991.</p> <p>STAA, A.V. Engenharia de programas. LTC. 2. ed. Rio de Janeiro, 1987.</p> <p>VELOSO, P.; SANTOS, C. dos; AZEREDO, P.; FURTADO, A. Estrutura de dados. Editora Campus. Rio de Janeiro, RJ. 1986.</p> | 30 |
| 1 | Língua Portuguesa | <p>CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. 15.ed. São Paulo: Ática, 2000.</p> <p>COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1976.</p> | 30 |
| 1 | Morfologia Vegetal | <p>ALMEIDA, Roberto S.E. & PEREIRA, Álvaro, Bióloga Molecular. Diálogo Livraria e Ed. Ltda, Niterói, 1971.</p> <p>ALVAREZ, Frank Uribe. Botânica. Instituto Paranaense de Botânica 2ª ed. Medellin, Colombia, 1991. BUCHERI, Wolfgang. Técnicas Microscópicas. Ed. Polígono, 4ª ed. São Paulo, 1972.</p> <p>CANTO, Maria de Lourde, Botânica, 1º, 2º, 3º Vol. Liv.Nobel S.A . São Paulo, 9ª Ed. 1970.</p> <p>CUTTER, Elizabeth G. Anatomia Vegetal. Pt. 1 Células e Tecido. Pt 2 Órgãos. Ed. Roca. São Paulo, 1986-1987.</p> <p>ESAU, Katerine, Anatomia Vegetal. Ed. Omega, Barcelona, 1977.</p> <p>FERRI, Mario Guimarães, Botânica. Ed. Melhoramento, 3ª ed. São Paulo, 1962.</p> <p>OLIVEIRA, Fernando de, & SAITO Maria Lúcia. Práticas de Morfologia Vegetal. Liv. Atheneu Editora, São Paulo, 1991.</p> | 60 |

| | | | |
|---|------------------------------|---|----|
| | | <p>OVERBUK, John. A Célula. Biblioteca Científica LIFE. Liv. José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1973.</p> <p>RAWITSCHER, Félix. Elementos Básicoas da Botânica. Ed. Nacional 8ª ed. São Paulo, 1979.</p> <p>SCHULTZ, Alarich. Estudos Práticos de Botânica Geral. Ed. Globo, Porto Alegre.</p> <p>STRASBURGER, E. Tratado de Botânica. Ed. Labor. Barcelona, 1970.</p> <p>Estudo da citologia, histologia e organologia dos vegetais de interesse agrônômico.</p> | |
| 1 | Química Analítica e Orgânica | <p>BOBBIO,P.A ; BOBBIO,F.O Química do processamento de alimentos. São Paulo: Varela, 1992.151p</p> <p>CAMARGO, R. et.alii Tecnologia dos produtos agropecuários. São Paulo: Nobel, 1984. 305p.</p> <p>LUTZ,A Normas analíticas do Instituto Adolfo Lutz. São Paulo, 1976. 380p.</p> <p>MALAVOLTA, E. Manual de Química agrícola: adubos e adubação. São Paulo: Ed. Agrônômica Ceres, 1981. 600p.</p> <p>ROSENEY, R.C. Priciples of cereal science and tecnology. Minesota, USA. American Associate of Cereal Chemists, Inc.1991. 325p.</p> <p>LASZLO,H.; BASSO,L.M.; COELHO, C.M.de L. Química de alimentos. São Paulo: Nobel, 1986. 212p.</p> <p>SEYMOUR,G.B; TAYLOR,J.E and TUCKER, G.A Biochemistry of fruit ripening. London. Chapman & Hall. 1993. 500p.</p> | 60 |
| 2 | Bioquímica Agrícola | <p>BONNER, J. & GALSTON, A. W. - Princípios de Fisiologia Vegetal - 5ª ed. 1973.</p> <p>LEHNINGER, A. L. - Bioquímica - Trad. 2ª ed. São Paulo, Edgard Blücher 1976.</p> <p>WANNMACHER, C. M. D. & DIAS, R. D.. Bioquímica Fundamental. 2ª ed. Porto Alegre, Emma, 1975.</p> <p>SMITH, E. L.; HILL, R.L.; LEHMAN, I. R.; LEFKOWITZ, R. J.; HANDLER, P.; WHITE, A. - Bioquímica, Aspectos Gerais - 7ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 1985.</p> <p>SIQUEIRA, A. J. S.; REMIÃO, J. O. R.; AZEVEDO, A. M. P. - Bioquímica - Um Guia de Estudos - Porto Alegre, Sulina, 1990.</p> | 60 |
| 2 | Botânica Sistemática | <p>JOLY, Aylton B. Botânica: Introdução à taxonomia vegetal. 3ª ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1976.</p> <p>SCHULTZ, A. R. Introdução ao estudo da botânica sistemática. 4ª ed. rev. P. A. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Vol. I, 1977.</p> <p>SMITH, Gilbert M. Botânica criptogâmica. V. I Algas e Fungos. V. II Briófitas e pteridófitas. 3ª ed., Lisboa, Fundação Clouste Gulbenkian, 1979.</p> <p>GEMTCHÚJNICOV, Irina Delanova de. Manual de Taxonomia Vegetal: plantas de interesse econômico, agrícolas, ornamentais e medicinais. São Paulo, SP, Ed.</p> | 60 |

| | | | |
|---|--------------------------------------|--|----|
| | | <p>Agronômica Ceres, 1976.</p> <p>SCHULTZ, Alarich R. H. Introdução à Botânica Sistemática. Vol. II, 4ª ed. revisada, Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1984.</p> <p>THOMAS - DOMÉNECH, J. M. Atlas de botânica. 3ª ed., Portuguesa, Rio de Janeiro, Ed. Jover S. A., 1972.</p> <p>AGAREZ, F. V.; PEREIRA, C.; RIZZINI, C. Botânica: taxonomia, morfologia e reprodução dos angiospermae: chaves para determinação das famílias. 2ª ed., Rio de Janeiro : Âmbito Cultural, 1994.</p> <p>BARROSO, Graziela M. et. alii. Sistemática de Angiospermas do Brasil. Viçosa, UFV, Impr. Univ., Vol. II e III, 1991.</p> | |
| 2 | Desenho Técnico Aplicado à Agronomia | <p>BUENO, C. P. D.; PAPAOGLOU, R. S. Desenho Técnico para Engenharias. Editora Juruá, 1º Edição, 2008.</p> <p>ROCHA, A. J. F.; GONÇALVES, R. S. Desenho Técnico. Vol I. Editora Plêiade, 4º Edição, 2008.</p> <p>SILVA, A.; RIBEIRO, C. T.; DIAS, J.; SOUSA, L. Desenho Técnico Moderno, Editora LIDEL, 8ª Edição, 2008.</p> <p>RIBEIRO, A. C.; PERES, M. P.; IZIDORO, N. Desenho Técnico e AutoCAD. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013. Disponível em:<https://urcamp.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788581430843/pages/-22>.</p> <p>SILVA, A. S. et all. Desenho Técnico. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014. Disponível em:<https://urcamp.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788543010977/pages/-12>.</p> <p>GHILANI, C. D.; WOLF, P. R. Geomática. Traduzido por Daniel Vieira; revisão técnica Alessandro Salles Carvalho. São Paulo : Pearson Education Brasil, 2013. Disponível em:<https://urcamp.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788581434506/pages/-20>.</p> <p>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Noções básicas de cartografia. Rio de Janeiro: IBGE. 1998. 127 p. Disponível em:<http://www.cartografica.ufpr.br/home/wp-content/uploads/2013/09/Nocoas-Basicas-Cartografia.pdf>.</p> | 30 |
| 2 | Física | <p>ÁLVARES, B. A.. Curso de Física. vol. 1, 2 e 3, São Paulo. Horper & Row do Brasil, 1979.</p> <p>BUECHE, F. J.. Física Geral Problemas e Exercícios. São Paulo, Mc Graw - Hill, 1983.</p> <p>JUNIOR, F. R. et al. Os Fundamentos da Física. vol. 1, 2 e 3. São Paulo. Ed. Moderno, 1982.</p> <p>PAULI, R. V. et. al. Física 1, 2 e 3. São Paulo, EPV. 1978.</p> <p>SEARS, F. W.. Física por Lars e Zemansky. Trad. Prof. José de Lima Accioli. Rio de Janeiro Livros Técnicos e Científicos. 1981.</p> | 30 |
| 2 | Fisiologia Vegetal | <p>AWAD, M. & CASTRO, P. R.C. Introdução a Fisiologia Vegetal. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.</p> <p>DEVLIN, P. Fisiologia Vegetal. Ediciones Barcelonas, 1982.</p> <p>FERRI, M. G. Fisiologia Vegetal. V. 1. São Paulo: Edusp, 1979.</p> | 60 |

| | | | |
|---|--|--|----|
| | | FERRI, M. G. Fisiologia Vegetal. V. 2. São Paulo: Eutsp, 1979. MORHR, H. & SCHOPFER, P. Plant Physiology. Ed. Springer. Verlag, New York: 1995 | |
| 2 | Metodologia da Pesquisa | ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1998. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996. LAKATOS, E. M., MARCONI, M. Fundamentos da metodologia do trabalho científico. 3ª ed. ampl. São Paulo: Atlas, 1993. RUDIO, F.V. Introdução ao projeto de pesquisa científica.. 27ª ed. São Paulo: Vozes, 2000. SALOMON, D. V. Como fazer uma monografia. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. | 30 |
| 2 | Morfologia e Gênese do Solo | BRADY, N. C. Natureza e Propriedades dos Solos. 7ª ed. Freitas Bastos, 1989. 878p. KIEHL, E. J. Manual de Edafologia - Relação Solo-Planta - Ceres, São Paulo, 1979, 273 p. LIBARDI, P. L. Dinâmica da água no solo. Piracicaba. 497 p. 1995. PAULLETO, E.; A. Determinação de atributos físicos do solo. Manual de Laboratório. Pelotas - RS. 1997. 38 p. VIEIRA, L. S. Manual da ciência do solo. Editora Agronômica Ceres, São Paulo, 1988. 464 p. JORGE; J. A. Física e Manejo dos Solos Tropicais Instituto Campineiro de Ensino Agrícola.1985.328p. LEMO; R.C. de .; SANTOS; R. D. dos. Manual de descrição e coleta de solo no campo.2a ed. Campinas.1984.45p. KIEHL. E. J .Manual de Edafologia: relações solo - planta. Editora Agronômica Ceres.S.P.1979.262p. PRADO, H. do. Manual de Classificação de solos do Brasil. FUNEP. Jaboticabal, 1993. 218 p. PRADO; H. do. Manejo dos solos :Descrições pedológicas e suas iplicações.Nobel.1991.116p. VIEIRA, L. S.; VIEIRA, M. N. F. Manual de Morfologia e Classificação de Solos. Editora Agronômica Ceres. São Paulo, 1983. 313 p. | 60 |
| 3 | Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos | BERKALOF, A. et. Alii. Biologia e fisiologia celular. São Paulo. Blucher. 1973. 325 p. DUKES, H. H. Fisiologia de los animales domesticos. Madrid. Aguillar. 1973. 3ª ed. 962 p. GETTY, R. ; SISSON / GROSSAN. Anatomia dos Animais Domésticos. Editora Guanabara, 5ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara, 1986., 2000 p. GUYTON, A. C. Fisiologia Humana Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 1988. 6ª ed. 564 p. KOLB, E. Fisiologia Veterinária. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 1984. 610 p. | 30 |

| | | | |
|---|------------------------------|---|----|
| | | POPESCO, P. Atlas de Anatomia Topográfica dos Animais Domésticos. Editora Manole Ltda. São Paulo, 1985, Vol. I, II e III, 211, 194, 205. | |
| 3 | Estatística e Experimentação | GOMES,F.P. Curso de Estatística Experimental.13ª ed.,Piracicaba.1990.486p. KALIL,E.B. Princípios de Técnica Experimental com Animais, Piracicaba.1974.209p. MARCUS,R. Elementos de Estatística Aplicada. Porto Alegre,1973.329p. NAZARETH,H. Curso Básico de Estatística,7ªed.,São Paulo,1995.160p. SPIEGEL,M.R. Estatística,ed. Guanabara,São Paulo.1974.580p. | 60 |
| 3 | Fitopatologia I | GALLY, FERDINANDO et ALLI. Manual de Fitopatologia. Biblioteca Agronomica Ceres. 1ª e 2ªvol. 2ª Ed. São Paulo. 1968. BERGAMIN; Filho amado, Hiroshi Kimati (et al) Manual de Fitopatologia. Vol. 1, FREIRE, J, JARDIM. Microbiologia do Solo. URGs, Porto Alegre Poligrafo KIMATI, HIROSHI et al. Manual de Fitopatologia Vol. 2. Doenças das Plantas Cultivadas. Ed.Agronômica CERES . 3ª Ed. São Paulo. 1997 MARCHIONATO, JUAN B. Enfermidades de las Plantas Florales. L. del Colégio Buenos Aires Arg. 1950 PONTE, J.JÚLIO. Fitopatologia. Principios e Aplicações. Ed. Nobel. 2ª Ed. S.Paulo. 1980 SILVEIRA, VERLANDE DUARTE. Lições de Micologia.Liv.Koamos Editora. Rio de Janeiro, 2ª Ed. 1946. VALIELA, M.V FERNANDES. Introducion a la Fitopatologia. Coleccion Científica INTA Vol. I Virus, II Bacetérias Fisiogênicas, fungicidas e Nematoides. III e IV HONGOS, Buenos Aires 3ª Ed. 1978. VIEGAS AMÉS PINTO. Dicionário de Fitopatologia. Ed. Instituto Agronomico de Campinas Drascan, Banco do Nordeste Brasília S.ª Ed. Agronomica Ceres. 1ª Ed. S.paulo 1979 WALKER, JOHN CHARLES, Patologia Vegetal. Ed. Omega S.ª Barcelona. 2ª Ed. 1065 | 60 |
| 3 | Sociologia | ESPINOSA, José Carlos. Manual de Educación Cooperativa. Série Manualesnº 9.Ediciones Intercoop. Buenos Aires, Argentina 1978. DEMO, Pedro. Sociologia. 1989, São Paulo, Editora Atlas S/A.SZMRECSÁNJI, Tamas; LAKATOS, Eva Maria. Sociologia Geral. 4º ed., São Paulo. 1984. Editora Atlas. MOREIRA, Igor. O Espaço Geográfico. 28º ed., 1990, São Paulo, Editora Ática. | 30 |

| | | | |
|---|----------------------|--|----|
| | | OCB. Cooperativismo . Brasília, 1996. OLIVEIRA, Pécio dos Santos. Introdução à Sociologia. 16º ed. 1996, São Paulo, Editora Ática. | |
| 3 | Topografia | BORGES, A. C. Topografia aplicada à Engenharia Civil. V. 1. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Blücher, 2013. BORGES, A. C. Topografia aplicada à Engenharia Civil. V. 2. 2ª. São Paulo: E. Blücher, 2013. SILVA, Irineu; SEGANTINE, Paulo. Topografia para Engenharia-Teoria e Prática Geomática. São Paulo: Campus, 2015. TULER, M. Fundamentos de Topografia. Porto Alegre: Bookman, 2014. Disponível: Biblioteca Virtual Grupo A. TULER, M.; SARAIVA, S. Fundamentos de Geodésia e Cartografia. Porto Alegre: Bookman, 2016. Disponível: Biblioteca Virtual Grupo A. | 60 |
| 3 | Zootecnia Especial | CRANE, Eva. O livro do Mel. Editora Nobel S/A – São Paulo. 2ª Edição. 1985. HOOPER, Ted. Guia do Apicultor. Editora Europa-América. 1981 WIESE, Helmuth. Novo Manual de Apicultura. Livraria e Editora Agropecuária. Gauíba – RS. 1995. MUXFELD, Hugo. Apicultura Para Todos. Editora Sulina. 6ª edição. 1987. JEAN-PROST, P. Apicultura. Ediciones Mundi-Prensa. Madri. 1985 FURTADO, J. F. R. Piscicultura - uma alternativa rentável. Livraria e editora Agropecuária, 1995, 180 p. PROENÇA. C. E. M de & BITTENCOURT, P. R. L. Manual de Piscicultura Tropical. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, 1994, 196 p. SENHORINI, J. A. Sanidade, Patologia e controle de enfermidades de peixes. 25 p. CPTA. SALARO, A. L. Considerações quais de Anatomia e Fisiologia do Aparelho Respiratório e Circulatório de peixes. CPTA, 7 p. BUIDE, R. Manejo de Haras. Buenos Aires. Hemisfério Sur, 1977. 716 p. EVANS, W. J.; BORTON, A.; HINTZ, H. F. & VLECK, L. D. V. El Caballo. Zaragoza, Ed. Acribia, 1979. 742 p. TORRES, A. D. P. & JARDIM, W. R. Criação do Cavalo e Outros Equinos. São Paulo, Livraria Nobel, 1979. 654 p. | 60 |
| 4 | Agroecossistemas | BONILLA, José A. Fundamentos da agricultura ecológica. 1. ed. São Paulo: Nobel, 1992. EMBRAPA. Marco referencial em agroecologia. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Embrapa Informação Tecnológica, 2006 | 30 |
| 4 | Alimentação Animal I | ANDRIGUETTO, J. M.; PERLY, L.; MINARDI, I.; FLEMMING, J.S.; GEMAEL, A.; SOUZA, G.A de.; BONA FILHO, A. Nutrição Animal. Vol.I e II Ed. Nobel 3Ed. 1989. 411p. | 30 |

| | | | |
|---|-------------------------|---|----|
| | | <p>BERGNER, H. Elementos de Nutrição Animal.</p> <p>CHURCH, C. D. El ruminante. Fisiologia Digestiva y Nutricion. Ed. Acribia, S. A. Zaragoza España. 646p.</p> <p>CRAMPTON, E. W. Nutricion animal aplicada</p> <p>ISLABÃO, N. Manual de Cálculo de Rações. Ed. Hemisfério Sul do Brasil. 6 Ed. 1995.</p> <p>NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient Requerements of Dairy Catle. Washington D.C. National Academy of Sciences, 1978.</p> <p>NRC. United States - Canadian Tables of Feed Composition. 2 nd Rev. Washington D.C. National Academy of Sciences, 1969, 92p.</p> <p>MAYNARD, L.A. LOOSLI.; HINTZ.; WARNER. Nutrição Animal Bibl. Tecn. Freitas Bastos 3Ed. 1984. R.J. 726p.</p> | |
| 4 | Classificação dos Solos | <p>PRADO, H. do. Manual de Classificação de solos do Brasil. FUNEP. Jaboticabal, 1993. 218 p.</p> <p>OLIVEIRA, J. B. et al. Classes gerais de solos do Brasil. FUNEP. Jaboticabal, 1992. 201 p.</p> <p>VIEIRA, L. S. Manual da ciência do solo. Editora Agronômica Ceres, São Paulo, 1988. 464 p.</p> <p>VIEIRA, L. S.; VIEIRA, M. N. F. Manual de Morfologia e Classificação de Solos. Editora Agronômica Ceres. São Paulo, 1983. 313 p.</p> | 60 |
| 4 | Climatologia Agrícola | <p>TUBELIS, Antônio & NASCIMENTO, Fernando José Lino do., – Meteorologia Descritiva – Fundamento e Aplicações – 1986 - Editora Nobel</p> <p>MOTA, Fernando S. da., - Meteorologia Agrícola – 1986 - Editora Nobel</p> <p>OMETTO, José Carlos. – Bioclimatologia Vegetal – 1981 – Editora Agroceres Ltda – S. Paulo</p> <p>MOTA, Fernando Silveira da., & AGENDES, Marisa Oliveira de Oliveira., – Clima e Agricultura no Brasil – 1986 – Editora Sagra – Porto Alegre</p> <p>ATLAS AGROCLIMÁTICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 1989 – Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. IPAGRO. Volumes I, II e III.</p> | 60 |
| 4 | Entomologia Agrícola I | <p>CAVERO, S. E. 1985 Inseticida e Acaricidas-Toxicologia e Receituário Agronômico. Piracicaba, Livro-ceres, 424 p.</p> <p>FORTES, F. Parasitologia Veterinária. Sulina. Porto Alegre: 1987, 453p.</p> <p>FREITAS, M. G.; COSTA, H. M.; COSTA, J. O. & LIDE, P. Entomologia e Acarologia Médica e Veterinaria. 4ª ed. Precisa Editora Gráfica. Belo Horizonte: 1978. 252p.</p> <p>FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS DE QUEIRÓZ - FEALQ. Curso de Entomologia Aplicada à Agricultura. Piracicaba: FEALQ, 1999. 460p.</p> <p>GALLO, F. et. alii 1988. Manual de Entomologia Agrícola. 2ª ed. São Paulo, Ceres, 531 p.</p> <p>GAZZONI, D. L. Manejo de pragas de soja. IN: Fundação</p> | 60 |

| | | | |
|---|---------------------|---|----|
| | | <p>CARGIL, Campinas, 1983. v. 1, cap. 5, p.193-340.</p> <p>GUERRA, M. S. Receituário caseiro: alternativas para o controle de pragas e doenças de plantas cultivadas e de seus subprodutos. Brasília, EMBRATER, 1985. 166p. (Informações Técnica, 7).</p> <p>NAKANO, O. et alii. Manual de Inseticidas - Dicionário. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1977. 272p.</p> <p>NASCIMENTO, A. S. Manual de manejo integrado das pragas do pomar cítrico. Brasília, EMBRAPA-did, 1982. 48 p. (EMBRAPA-CNPMPF. Documentos, 16).</p> | |
| 4 | Fitopatologia II | <p>GALLY, FERDINANDO et ALLI. Manual de Fitopatologia. Biblioteca Agronomica Ceres. 1ª e 2ªvol. 2ª Ed. São Paulo. 1968.</p> <p>FREIRE, J, JARDIM. Microbiologia do Solo. URGs, Porto Alegre Polígrafo</p> <p>KIMATI, HIROSHI et al. Manual de Fitopatologia Vol. 2. Doenças das Plantas Cultivadas. Ed.Agronômica CERES . 3ª Ed. São Paulo. 1997</p> <p>PEREZ, LIGIA; Enfermidade de las Plantas: Editorial Lealon Medellin, Colombia, 1993</p> <p>PEREZ, LIGIA, Patologia Vegetal. Editorial Lealon, Medellin Colombia, 1994</p> <p>PONTE, J.JÚLIO. Fitopatologia. Principios e Aplicações. Ed. Nobel. 2ª Ed. S.Paulo. 1980</p> <p>SILVEIRA, VERLANDE DUARTE. Lições de Micologia.Liv.Koamos Editora. Rio de Janeiro, 2ª Ed. 1946</p> <p>VIEGAS AMÉS PINTO. Dicionário de Fitopatologia. Ed. Instituto Agronomico de Campinas Drascan, Banco do Nordeste Brasília S.ª Ed. Agronomica Ceres. 1ª Ed. S.paulo 1979.</p> | 30 |
| 4 | Melhoramento Animal | <p>FALCONER, D. S. Introdução à Genética Quantitativa. U.F. V. Viçosa, 1987.</p> <p>GARDNER, Eldon & D. Peter Snustad. Genética. Quanabara. Rio de Janeiro, 1986.</p> <p>GIANNONI, Marcos Antônio et alii. Genética e Melhoramento dos Rebanhos nos Trópicos. Nobel. São Paulo,1983.</p> <p>GIANNONI & GIANNONI, M. L. Genética e Melhoramento . Gado de Leite. Livraria Nobel. S. A. 374 p., 1987.</p> <p>KOGER, M.; CUNHA, T. J., WARNICK, A. C. Cruzamentos en ganado vacuno de carne. Ed. Hemisfério Sur. 559 p., 1976.</p> | 30 |
| 4 | Topografia Aplicada | <p>BORGES, A. C. Topografia aplicada à Engenharia Civil. V. 1. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Blücher, 2013.</p> <p>BORGES, A. C. Topografia aplicada à Engenharia Civil. V. 2. 2ª. São Paulo: E. Blücher, 2013.</p> <p>SILVA, Irineu; SEGANTINE, Paulo. Topografia para Engenharia-Teoria e Prática Geomática. São Paulo: Campus, 2015.</p> | 30 |

| | | | |
|---|-----------------------------|---|----|
| | | TULER, M. Fundamentos de Topografia. Porto Alegre: Bookman, 2014. Disponível: Biblioteca Virtual Grupo A. TULER, M.; SARAIVA, S. Fundamentos de Geodésia e Cartografia. Porto Alegre: Bookman, 2016. Disponível: Biblioteca Virtual Grupo A. | |
| 5 | Alimentação Animal II | ANDRIGUETTO, J. M.; PERLY, L.; MINARDI, I.; FLEMMING, J.S.; GEMAEL, A.; SOUZA, G.A de.; BONA FILHO, A. Nutrição Animal. Vol.I e II Ed. Nobel 3Ed. 1989. 411p. CHURCH, C. D. El ruminante. Fisiologia Digestiva y Nutricion. Ed. Acribia, S. A. Zaragoza España. 646p CRAMPTON, E. W. Nutricion animal aplicada. ISLABÃO, N. Manual de Cálculo de Rações. Ed. Hemisfério Sul do Brasil, 6 Ed. 1995. KLAPP, E. Prados e Pastagens. Fundação Cau Ouste Gulbenkian, Lisboa. 4Ed. 1971. NATIONAL RESEARCH COUNCIL. Nutrient Requerements of Dairy Catle. Washington D.C. National Academy of Sciences, 1978. MAYNARD, L.A. LOOSLI.; HINTZ.; WARNER. Nutrição Animal Bibl. Tecn. Freitas Bastos 3Ed. 1984. R.J. 726p. McDONALD. P.; EDWARDS, R. & GREENHALGHK,J. Nutrição Animal 4 Ed. NRC. United States - Canadian Tables of Feed Composition. 2 nd Rev. Washington D.C. National Academy of Sciences, 1969, 92p. | 60 |
| 5 | Construções Rurais | FABICHAK, I. Pequenas construções rurais. 1. ed. São Paulo: Nobel, 2004. 129p. OBERG, L. (Lamartine). Desenho arquitetônico. 32.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. 160p. PEREIRA, Milton Fisher. Construções rurais. São Paulo: Nobel, 2004. 330p. | 60 |
| 5 | Cultivos Agrícolas I | Arroz e Culturas Alternativas na Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul. 1999 - 2000. Diversos autores. Manual de produção de arroz irrigado. Empasc. Santa Catarina. Diversos autores. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. Milho em Várzeas na Região Sul do Brasil. EMBRAPA. 1998. LEAL, J. C.. Plantas da lavoura sul-riograndense. C. A. L. C. Porto Alegre. 1970. PEDROSO, B. A.. A Cultura do arroz irrigado. Porto Alegre. 1985. Viabilização e Difusão do Sistema de Plantio Direto no Planalto Sul - Rio Grandense e na Planície Costeira do Rio Grande VIRGARA, B. S. Manual para o novo rizicultor. CODEVASF. | 60 |
| 5 | Empreendedorismo e Inovação | LÍRIO, Viviane Silva. ERU 534 – Cadeias Produtivas. Viçosa: UFV, 2003. 83 p. (Curso de Pós-Graduação em Gestão do Agronegócio). | 30 |

| | | | |
|---|-------------------------|--|----|
| | | NEVES, Marcos Fava; CASTRO, Luciano & THOME, E. Marketing e Estratégia em Agronegócio e Alimentos. São Paulo: Atlas, 2007. 368p. 4ex. de 2003. | |
| 5 | Entomologia Agrícola II | CAVERO, S. E. 1985 Inseticidas e Acaricidas-Toxicologia e Receituário Agrônomo. Piracicaba, Livro-ceres, 424 p. FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS DE QUEIRÓZ - FEALQ. Curso de Entomologia Aplicada à Agricultura. Piracicaba: FEALQ, 1992. 760p. GALLO, F. et. ali. 1988. Manual de Entomologia Agrícola. 2ª ed. São Paulo, Ceres, 531 p. GAZZONI, D. L. Manejo de pragas de soja. IN: Fundação CARGIL, Campinas, 1983. v. 1, cap. 5, p.193-340. GUERRA, M. S. Receituário caseiro: alternativas para o controle de pragas e doenças de plantas cultivadas e de seus subprodutos. Brasília, EMBRATER, 1985. 166p. (Informações Técnica, 7). JURUENA, L. F. et. alii. 1980. As formigas cortadeiras. Porto Alegre, IPAGRO, 32 p. MARICONI, F. A. et alii. Insetos e outros invasores de residências. Piracicaba: FEALQ, 1999. 960p. NAKANO, O. et alii. Manual de Inseticidas - Dicionário. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1977. 272p. | 30 |
| 5 | Fertilidade do Solo | COMISSÃO. Recomendação da adubação e calagem para os estados do RS e SC. 1995. (ROLAS). FERREIRA, M. E.; CRUZ, M. C. P. Micronutrientes a agricultura. Associação Brasileira para Pesquisa da Potassa e do Fosfato. Piracicaba. São Paulo, 1991. MANUAL DE FERTILIDADE DO SOLO. Associação Brasileira para Pesquisa da Potassa e do Fosfato. Piracicaba. São Paulo, 1989. MALAVOLTA, E. Nutrição mineral de plantas. Ed. Agronômica Ceres. São Paulo, 1980. _____. Manual de química agrícola, adubos e adubação. Ed. Agronômica Ceres, São Paulo, 1983. MELLO, F. A. F. et al. Fertilidade do solo. Livraria Nobel. São Paulo, 1988. RAIJ, B. V. Fertilidade do solo e adubação. Ed. Agronômica Ceres, São Paulo, 1991. | 60 |
| 5 | Geoprocessamento | ASSAD, E.D.; SANO, E.E. Sistema de Informações geográficas - Aplicações na Agricultura. Embrapa: Brasília, 1998. | 30 |
| 5 | Melhoramento Vegetal | ALLARD, R.. Sistemas Reprodutivos nas Plantas Cultivadas. In: Princípios do Melhoramento Genético das Plantas. Editora Edgard Blücher Ltda. 1971. BREWBAKER, J. L. (1964) Genética na Agricultura; Editora Polígono, São Paulo. STEBBINS, G. L. (1957) Self Fertilization And Populations Variability In The Higher Plants; American Naturalist. STANSFIELD, W. D. (1930) Genética; McGraw - Hill do | 30 |

| | | | |
|---|------------------------------------|---|----|
| | | <p>Brasil</p> <p>VIEIRA, C. (1970) Modo de Reprodução das Plantas Superiores. Universidade Federal de Viçosa.</p> <p>WILLIAMS, W.. Princípios de Genética Y Mejora de las Plantas; Editora Acribia, Zaragoza, Espanha.</p> | |
| 6 | Agrostologia | <p>ALCÂNTARA, P. B. & BUFARAH, G. Plantas Forrageiras - Gramíneas e Legumino-sas. Ed. Nobel. São Paulo: 1986.</p> <p>CARÂMBULA, M. 1977. Producción y manejo de pasturas sembradas. Montevideo. Hemisfério Sur. 464 p.</p> <p>DUTHIL, J. A Produção de Forragens. Ed. Presença. Porto: 1986.</p> <p>KLAPP, E. Prados e Pastagens. Ed. Fundação Coloustre Gulberkian. Lisboa: 1986.</p> <p>LANGER, R. H. M. 1983. Las pasturas y sus plantas. Montevideo, Hemisfério Sur. 515 p.</p> <p>PUPO, N. I. H. Manual de Pastagens e Forrageiras. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. São Paulo: 1987.</p> <p>SEMPLE, A. T. Avances en Posturas Cultivadas y Naturales. Ed. Hemisferio Sur. Montevideo: 1974.</p> <p>VOISIN, A. Dinâmica das Pastagens. Ed. Mestre Jou. São Paulo: 1979.</p> | 60 |
| 6 | Corretivos e Fertilizantes do Solo | <p>LEMOS, R. C. de; SANTOS, R. D. dos. Manual de Descrição e Coleta de Solos no Campo. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos. 2ª ed., Campinas: 1984. 45p.</p> <p>MALAVOLTA, E. Manual de Química Agrícola: adubos e adubações. Editora Agronômica Ceres. São Paulo: 1981. 596 p.</p> <p>MALAVOLTA, E. ABC da Adubação. 5ª ed. Editora Agronômica Ceres. São Paulo: 1989. 292 p.</p> <p>Manual de normas gerais, métodos e técnicas de rotina para uso de ROLAS e calcário dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para fins de recomendação de adubação e corretivos. IX REUNIÃO DE ANÁLISES DE SOLOS DO RS E SC. 20 p.</p> <p>NOVAES, R. R. de; VENEGAS, V. H. A.; BARROS, N. J. de; RIBEIRO, A. C. & DEFELIPO, B. U. Práticas, Fertilizantes de Solos. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa: 1982. São Paulo.</p> <p>TEDESCO, M J.; VOLKWEISS, S. J. & BOHNEN, H. Análise de solo, plantas e outros materiais. Boletim técnico. Nº 5. Departamento de Solos, Faculdade de Agronomia, UFRGS. Porto Alegre, 118 p.</p> | 30 |
| 6 | Cultivos Agrícolas II | <p>BAIER, A. C.; FLOSS, L. E.; AUDE, M. I. S. As Lavouras de Inverno. São Paulo: Globo, 1988.</p> <p>FUNDACEP. A cultura do trigo no sistema de plantio direto. Cruz Alta: 1999.</p> <p>FUNDACEP. A cultura da aveia no sistema de plantio direto. Cruz Alta: 1999.</p> | 60 |

| | | | |
|---|----------------------------------|--|----|
| | | MUNDOSTOCK, C. M. Cultivo de cereais de estação fria. Porto Alegre: Gráfica e Editora NBS, 1983. OSÓRIO, E. A. A cultura do trigo. São Paulo: Globo, 1992, 218p. | |
| 6 | Economia | MENDES, J. T. G. Economia agrícola - princípios básicos e aplicações. Curitiba. Scientia et Labor, 1989. 399p. OLIVEIRA, C. P. Economia e Administração Rural. 3ª ed. Porto Alegre. Sulina, 1976. 159p. ROSSETTI, J. P. Introdução à Economia. 12ª ed. São Paulo, Atlas, 1987. | 60 |
| 6 | Hidrologia e Hidráulica Agrícola | AZEVEDO NETTO, J. M. Manual de Hidráulica. Ed. Edgart Blücher, vol. I e II. São Paulo: 1982. DAKER, A. A água na Agricultura. Ed. Freitas Bastos, vol. I, II e III. Rio de Janeiro: 1983. REICHARDT, K. A Água em Sistemas Agrícolas. Ed. Manolle Ltda. Piracicaba: 1990. VILLELA, S. M. e MATTOS, A. Hidrologia Aplicada. Ed. Mcgraw-Hill do Brasil. 1975. | 60 |
| 6 | Olericultura I | BARBOSA, J.C. A horta. Porto, Livraria Chardron. CAMARGO, L.S. As hortaliças e seu cultivo. Fundação Cargill, 1984. DECKER, J.S. Horticultura. Criação e Lavoura. N.º 7. Edições Melhoramento. FILGUEIRA, F.A.R. Manual de Olericultura. Volumes I e II. 1982. | 60 |
| 6 | Ovinocultura e Caprinocultura | AZZARINI, M & PONZONI, Raul. Aspectos Modernos de la Producción Ovina. Primeira Contribución. Universidad de la Republica. Montevideo, 1971. COOPER, M. Mc G & R. J. Thomas. Producción del Cordero. Aedos. Barcelona, 1978. GOODWIN, D. H. Producción y Manejo del Ganado Ovino. Acribia. Zaragoza, 1985. HELMAN, Maurício B. Ovinotecnia. Tomos I e II. El Ateneo. Buenos Aires, 1965. JARDIM, W. R. Os Ovinos. Nobel. São Paulo, 1985. PINHEIRO JUNIOR, G. C. Ovinos no Brasil. Itatiaia. Belo Horizonte, 1973 SANTOS, Virginio Teixeira dos. Ovinocultura. Nobel. São Paulo, 1985. | 30 |
| 7 | Bovinocultura de Corte | BONSMA, J. C. Estudios sobre selección del ganado. Montevideo, Hemisfério Sur, 1996, 131 p. CARRILLO, J. Manejo de um rodeo de cria. Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA) , Buenos Aires, Hemisfério Sur, 1998, 194 p. GALLI, I.; MONJE, A. e HOFER, C. Los nuevos sistemas de cria. Jornada de difusión técnica – Destete precoz em cria vacuna. INTA, Concepción del Uruguay, 1993, p. 5-11. ROVIRA, J. Manejo nutritivo de los rodeos de cria en pastoreo. Montevideo, Hemisfério Sur, 1996. 287p. | 60 |

| | | | |
|---|----------------------------------|---|----|
| | | <p>SALOMONI, E.; BORBA, E. R.; LEAL, J.J.B. e MARTINS, C.A. Efeito da época de acasalamento no desempenho produtivo de vacas de corte. In: Produção de terneiros, manejo de matrizes. Bagé, EMBRAPA/CNPO/URCAMP, 1991, 6. P.51-57.</p> <p>TORROBA, J. C. Como entrar com los rodeos de cria al invierno. Revista de los CREA, Corrientes, (112): 26-32, 1985.</p> | |
| 7 | Cultivos Agrícola III | <p>CANECCHIO FILHO, V. e Outros 1973. Principais Culturas. vol. 1 e 2. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, Campinas. São Paulo.</p> <p>COSTA, J. A. Cultura da soja. Ivo Mânica e J. A. Costa Editores. Porto Alegre.</p> <p>FERNANDES, A. J.. Manual da Cana-de-açúcar. Piracicaba, São Paulo. Livrocere, 1984.</p> <p>GASSEN, D. e GASSEN F. Plantio Direto - o caminho do futuro. Aldeia Sul Editora.</p> <p>INSTITUTO CAMPINEIRO DE ENSINO AGRÍCOLA. Principais Culturas, Vol. I e II. Campinas, SP, 1987.</p> <p>LLANOS COMPANYY, M. El Tabaco. Ediciones Mundi Prensa. Madrid.</p> <p>PERIÓDICOS: Revistas técnicas e científicas, teses, relatórios e publicações de entidades de ensino e pesquisa</p> | 60 |
| 7 | Deontologia e Ética Profissional | <p>ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. Temas de Filosofia. São Paulo, Moderna, 1995.</p> <p>ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. Filosofando. Introdução à Filosofia. São Paulo : Editora Moderna, 1993.</p> <p>BLANCHARD, K.; PEALE, N. O Poder da Administração Ética; tradução Ruy Jungmann - Rio de Janeiro : Record, 1994.</p> <p>COTRIM, G. Fundamentos da Filosofia, SER, SABER e FAZER. São Paulo : Editora Saraiva, 1993.</p> <p>SOARES, M. S. Ética e Exercício Profissional. Brasília, ABEAS, 1996.</p> <p>TOFFLER, B. L.; SALIOLA; M.C.C. (Tradução); ARRUDA, M.C.C. (Revisão Técnica). Ética no Trabalho. São Paulo, Makron Books do Brasil Editora</p> | 30 |
| 7 | Extensão Rural e Cooperativismo | <p>BORDENAVE, Juan E. D. . O que é comunicação rural? Ed. Brasiliense. SP, 1983.</p> <p>BORDENAVE, Juan E. D.. O que é participação? Ed. Brasiliense.Sp, 1983</p> <p>DIAS, Cleimon E. A. , Espaço de conflito e permanência das agências de estados: o exemplo da extensão rural em Santa Catarina. Tese de Mestrado. 97 pg. UFRRJ/ CPDA. Rio de Janeiro/RJ, dezembro,99.</p> <p>FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Paz e Terra, RJ, 1977.</p> <p>FRIEDRICH, Odilo A.. Comunicação rural: proposição crítica de uma nova concepção. Síntese elaborada por N. Queiroz, Brasília, 1978.</p> | 60 |

| | | | |
|---|----------------------------------|--|----|
| | | <p>PADILHA, Romeu F. . Extensão rural no Brasil: novos tempos. In; Rev. Bras. De Tec., vol. 15(4), jul/ago,1984</p> <p>QUEDA, Oriovaldo. Aextensão rural no Brasil: da anuñciação ao milagre da modernização agrícola. Piracicaba, SP,1987.</p> <p>OLIVEIRA, Nestor Braz de. Cooperativismo: Guia prático. 2º ed., Porto Alegre. Graf. Metrópole, 1984.</p> | |
| 7 | Legislação Agrária e Ambiental | <p>ALMEIDA, Paulo G. de. Aspectos Jurídicos da Reforma Agrária no Brasil, ed. Ltr.</p> <p>BORGES, Paulo Torminn. Institutos Básicos do Direito Agrário, Ed. Saraiva.</p> <p>FERREIRA, P.. Curso de Direito Agrário. Ed. Saraiva.</p> <p>LEGISLAÇÃO - Estatuto da Terra (Lei 4.504).</p> <p>SOUZA, João B. M. de. Direito Agrário - Lições Básicas, Ed. Saraiva.</p> | 30 |
| 7 | Manejo e Produção Florestal | <p>FISCHESSER, B. Conhecer as árvores.</p> <p>LINDMAN, C. M. e Ferri M.G., A vegetação do Rio Grande do Sul.</p> <p>REITZ, R., Kléin, R.M., Reis A., Projeto Madeira do Rio Grande do Sul.</p> <p>KOLLÉR, O. C. e Martins N., Notas de Silvicultura _ UFRGS, POA, 1972.</p> <p>MATTOS, J.R., Contribuição ao estudo do cedro _ Publicação/ PRNR "ap" n4, 1980.</p> <p>ROIG, J.T., El Cedro _ Estudio ecológico de las plantaciones existente y recomendaciones para la propagacion y el cultivocomercial.</p> <p>MATTOS, J.R., O Pinheiro Brasileiro, S.P. 1972.</p> | 60 |
| 7 | Mecanização Agrícola e Logística | <p>MIALHE, Luiz Geraldo. Mecanização Agrícola. Maquinas Motoras na Agricultura.</p> <p>GALETI, Paulo Anestar. Mecanizaçã Agrícola(Preparo do solo).</p> <p>MEYERS, A.Robert- Handbook of energy tecnologia and economics</p> <p>BALESTREIRE, L. A. Máquinas Agrícolas</p> <p>CERQUEIRA, J. M. C. Agricultura Geral – Preparo dos Solos.</p> <p>GALETI, P. A. Mecanização Agrícola.</p> <p>MIALHE, L. G. Mecanização Agrícola. Vol.II.</p> <p>SAAD,O.. Máquinas e Técnicas de Preparo dos Solos Catálogos e boletins técnicos dos fabricantes.</p> | 60 |
| 7 | Olericultura II | <p>BARBOSA, J.C. A horta. Porto, Livraria Chardron.</p> <p>CAMARGO, L.S. As hortaliças e seu cultivo. Fundação Cargill, 1984.</p> <p>DECKER, J.S. Horticultura. Criação e Lavoura. N.º 7. Edições Melhoramento.</p> <p>FILGUEIRA, F.A.R. Manual de Olericultura. Volumes I e II. 1982.</p> <p>GRANATO, L. Manual do horticultor. São Paulo Editora Ltda.</p> <p>JANICK, J. Horticultura científica e industrial. Editora Acribia. Zaragoza. Espanha.</p> <p>LOEWENTAL, H. Nossa horta. 2.a Edição. Edições</p> | 30 |

| | | | |
|---|---|---|----|
| | | <p>Melhoramento. N.º 6. MURAYAMA, S. Horticultura. NUTRIÇÃO MINERAL EM HORTALIÇAS. Fundação Cargill. 2.ª edição. Campinas. São Paulo. 1989. TAMARO, D. Manual de horticultura. 3.ª edição. Barcelona. Editorial Gustavo Gili S.A. 1962. BOLETINS TÉCNICOS – Empresas de Pesquisas. SADE, A., Cultivos Bajo Condiciones Forzadas – Nociones Generales. SGANZERLA, Edílio – Nova Agricultura – Porto Alegre. Petroquímica Triunfo, 1986. Fundação Educacional e Cultural Pe. Landel de Moura. Manual de Plasticultura. Editora Feplam 1997.</p> | |
| 8 | Antropologia | <p>BASTIDE, R. Antropologia Aplicada. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. CARDOSO, R. (org.) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. DA MATTA, R. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. GEERTZ, C. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997. WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.</p> | 30 |
| 8 | Avaliação e Perícia Agrária e Ambiental | <p>DESLANDES, C.A.; VIEIRA, E.A.. Avaliação de imóveis rurais. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002. MACHADO, P.A.L. Direito ambiental brasileiro. 21. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Malheiros, 2013. SÁNCHEZ, L. E. Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos. São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2006. YEE, Z.C. Perícias rurais & florestais: aspectos processuais e casos práticos . 3. ed . rev.e atual. Curitiba: Juruá, 2009.</p> | 30 |
| 8 | Bovinocultura de Leite | <p>BATTISTON, W. C. Gado Leiteiro. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. Campinas. SP. 1977. CAMPOS, O. F. DE E LIZIEIRE, R. S. Gado de Leite, 500 Perguntas, 500 Respostas. EMBRAPA/CNPGL 1993. DOMINGUES, O. Gado Leiteiro para o Brasil. Nobel, SP, 1969. HOLMES, C. W. & WILSON, G. F. Produção de Leite à Pasto. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. Campinas, SP, 1990. ISLABÃO, N. Alimentação de Gado Leiteiro. Pelotense. 2ª ed. 1987. MICHELETTI, J. V. E DA CRUZ, J. T. Bovinocultura Leiteira - Instalações. 5ª ed. Líter Técnica. 1985.</p> | 60 |
| 8 | Cultivos Agrícola IV | <p>CANECCHIO FILHO, V. e Outros 1973. Principais Culturas. vol. 1 e 2. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, Campinas. São Paulo.</p> | 60 |

| | | | |
|---|--|--|----|
| | | <p>INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ. Manual da Cultura do Café. Ministério da Indústria</p> <p>INSTITUTO CAMPINEIRO DE ENSINO AGRÍCOLA. Principais Culturas, Vol. I e II. Campinas, SP, 1987.</p> <p>PERIÓDICOS: Revistas técnicas e científicas, teses, relatórios e publicações de entidades de ensino e pesquisa.</p> | |
| 8 | Defesa Sanitária Vegetal | <p>DEUBER, Robert. Ciências das Plantas Daninhas - Fundamentos. FUNEP. Jaboticabal</p> <p>HERTWIG, Kurt Von. Manual de herbicidas. Ed. Ceres.</p> <p>KISSMANN, Kurt Gottyried. Plantas Infectantes e Nocivas. Basf. Tema I.</p> <p>LORENZI, Harri. Plantas Daninhas do Brasil. Ed. Plantaram. 2ª ed.</p> <p>LORENZI, Harri. Manual de Identificação e Controle de Plantas Daninhas. Ed. Plantaram.</p> <p>SAAD, Odion. A vez das herbicidas. Livraria e Editora Nobel</p> | 30 |
| 8 | Fruticultura I | <p>COUTINHO, Manuel. Como fazer enxertos em plantas. Ed. Tecnopruit S.A., São Paulo, 1979.</p> <p>GOMES, Pimentel. Fruticultura Brasileira. Ed. Nobel, São Paulo, 1973.</p> <p>MURAYAMA, Shizuto. Fruticultura ICEA. Campinas, 1973.</p> <p>SALIM, Simão. Manual de Fruticultura. Ed. Ceres, São Paulo, 1971.</p> <p>ROSSETI, Vitória. Instituto de Pesquisas Agronômicas. Porto Alegre, aulas em Taquari, 1977.</p> <p>Seminário de Integração e pesquisa, Secretária da Agricultura, Porto Alegre, 1977.</p> | 60 |
| 8 | Irrigação e Drenagem Agrícola | <p>BERNARDO, S. Manual de Irrigação. Imprensa Universitária UFV. Viçosa: 1986.</p> <p>MACINTYRE, A. J. Bombas e Instalações de Bombeamento. Ed. Guanabara. Rio de Janeiro: 1982.</p> <p>OLITTA, A. F. L. Os Métodos de Irrigação. Ed. Nobel. São Paulo: 1984.</p> <p>TIBAU, A. O. Técnicas Modernas de Irrigação. Ed. Nobel. São Paulo: 1984.</p> | 60 |
| 8 | Paisagismo e Plantas Ornamentais | <p>DAWSON. Plantas para Jardim.</p> <p>DIOGO, José Salmeron. Las Flores y su Cultivo.</p> <p>FERRI, Lindman. A Vegetação no RS.</p> <p>RIZZINI. Árvores e madeira úteis do Brasil.</p> <p>SANTOS, M. Coutinho dos. Manual de Jardinagem e Paisagismo. 3ª ed., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1978.</p> <p>WETTSTEIN, Ferri. Aspectos de Vegetação do Sul do Brasil.</p> | 30 |
| 8 | Tecnologia de Produção e Conservação de Produtos Agrícolas I | <p>BOBBIO, P.A.; BOBBIO, F.O. Química do processamento de alimentos. São Paulo: Varela, 1992. 213p.</p> <p>BOULOS, M.E.M.da S. Guia de leis e normas para profissionais e empresas da área de alimentos. São Paulo:</p> | 30 |

| | | | |
|---|----------------------------------|--|----|
| | | <p>Livraria Varela,1999. 180 p.</p> <p>CHEFTEL,J.; CHEFTEL,H.; BESANÇON,P. Introducción a la bioquímica y tecnologia de los alimentos. Zaragoza: Acribia, 1989. 456 p.</p> <p>LASZLO,H.; BASSO,L.M.; COELHO, C.M.deL. Química de alimentos. São Paulo: Nobel, 1986. 212p.</p> <p>LUTZ. A Normas analíticas do Instituto Adolfo Lutz. São Paulo. 1976. 380p.</p> <p>PALLAORO,H.T.M.(coord.). Nutrição molecular. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.125p.</p> | |
| 9 | Agroecologia e Plantas Bioativas | <p>ALMEIDA, F. S. A alelopatia e as plantas. Londrina: IAPAR, 1998. 60p. ilustrado IAPAR. Circular, 53)</p> <p>ALTIERI, M. A., VAZ, P. (trad.) Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. 240p.</p> <p>BETTIOL, W. Controle biológico de doenças de plantas. Jaguariúna: EMBRAPA-CNPDA, 1991, 388p. (EMBRAPA-CNPDA, Documentos,15)</p> <p>FORNARI, E. Novo Manual de Agricultura Alternativa. São Paulo: Sol Nascente, 237p.</p> <p>HOEHNE, F. C. Plantas e substâncias vegetais, tóxicas e medicinais. São Paulo: S.C.P., 1939. 355p.</p> <p>PASCHOAL, A. D. Produção orgânica de alimentos - Agricultura Sustentável para os séculos XX e XXI. Piracicaba-SP: ESALQ-USP, 1994, 191p.</p> <p>PINHEIRO, S., AURVALLE, A., GUAZZELLI, M. J. Agropecuária sem veneno. Porto Alegre: L&PM, 1986, 128p.</p> <p>PRIMAVESI, A. Manejo ecológico de pragas e doenças. São Paulo: Nobel, 1988, 137p.</p> <p>PRIMAVESI, A. Agricultura sustentável. São Paulo: Nobel, 1992, 142p.</p> <p>VIVAN, J. L. Pomar ou floresta: princípios para o manejo de agroecossistemas. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1995, 95p.:il.</p> | 30 |
| 9 | Fruticultura II | <p>Berni, A. L. Hampenthal. Cultivo da Macieira, Sec. da Agricultura., RS.</p> <p>Boletim Técnico-Ipagro, nº2 de dez./88, Fruticultura no RS.</p> <p>KUHN, Gilmar Barcelos et alii. O cultivo da videira. EMBRAPA, 1984, Bento Gonçalves.</p> <p>SACHS et alii. A Cultura do Pessegueiro. Pelotas. EMBRAPA.</p> <p>SIMÃO, S. Manual de Fruticultura. SP. Ed. Ceres, 1971.</p> | 30 |
| 9 | Manejo e Conservação do Solo | <p>BERNTONI, J. e Lombardi; F. Conservação do solo. São Paulo: 1990.</p> <p>BRADY, N. C. Natureza e propriedade dos solos. Livraria Freitas Bastos S. A., São Paulo: 1989.</p> <p>DERPSCH, R.; ROTH, C. H.; SIDRAS, N. et al. Controle da erosão no Paraná, Brasil: Sistemas de cobertura do solo, plantio direto e preparo coservacionista do solo. GTZ-IAPAR: 1991.</p> | 60 |

| | | | |
|---|--|--|----|
| | | <p>EMBRAPA. Plantio Direto. 1997.</p> <p>KIELHL, E. J. Manual de edafologia. Ed. Agronômica Ceres. São Paulo: 1979.</p> <p>MONEGAT, C. Plantas de cobertura do solo. Chapecó: 1991.</p> | |
| 9 | Plantas Indesejadas | <p>DEUBER, Robert. Ciências das Plantas Daninhas - Fundamentos. FUNEP. Jaboticabal</p> <p>HERTWIG, Kurt Von. Manual de herbicidas. Ed. Ceres.</p> <p>KISSMANN, Kurt Gottyried. Plantas Infectantes e Nocivas. Basf. Tema I.</p> <p>LORENZI, Harri. Plantas Daninhas do Brasil. Ed. Plantaram. 2ª ed.</p> <p>LORENZI, Harri. Manual de Identificação e Controle de Plantas Daninhas. Ed. Plantaram.</p> <p>SAAD, Odion. A vez das herbicidas. Livraria e Editora Nobel</p> | 30 |
| 9 | Produção e Tecnologia de Sementes e Mudanças | <p>CARVALHO & NAGALHARA. Ciência, Tecnologia e Produção de Sementes. Fundação Cargill.</p> <p>MERCH, R. F. & GOMES, N. K.. Armazenamento de Grãos. CESA, 1983.</p> <p>PUZZI, D.. Manual de Armazenamento de Grãos - Armazéns e Silos. Editora Agronômica Ceres. São Paulo, 1977.</p> <p>TOLEDO, F. F. & FILHO, J. M.. Manual de sementes - Tecnologia da Produção. Editora Agronômica Ceres, São Paulo. 1977.</p> <p>WILCK, G. B.. Beneficiamento de sementes no Brasil.</p> <p>VANGHAN, C. E. & GREG, B. R. & DILANCHE, J. C.. Beneficiamento e Manuseio de Sementes.</p> | 60 |
| 9 | Suinocultura e Avicultura | <p>BERTOLIN, A. Suínos. Lítero Técnica. Curitiba. 1992.</p> <p>CAVALCANTI, S. de S. Produção de Suínos. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. 2ª ed. Campinas, SP. 1985.</p> <p>ENGLERT, SÉRGIO. Avicultura.</p> <p>FERREIRA, PAULO G. Corte e produção de aves de postura. Editora Agropecuária.</p> <p>GIANNONI, M. L. Emas e avestruzes - uma alternativa para o produtor animal. FUNEP - UNESP. São Paulo, 1996. 50p.</p> <p>MACHADO, L. C. P. Os Suínos. Porto Alegre. 1967. (Los Cerdos 1973).</p> <p>MALAVAZZI, GILBERTO. Avicultura - Manual Prático. Livraria Nobel S. A.</p> <p>REIS, LUÍZ FELIPE. Incubação artificial de ovos.</p> <p>RODRIGUES FILHO, A. Criação de Suínos em Confinamento. Tecnoprint S. A., 1988.</p> <p>VIEITES, C. M. & BASSO, L. R. Cerdos para Carne. Hemisfério Sur. Argentina. 1986.</p> | 60 |
| 9 | Tecnologia de Produção e Conservação e Produtos Agrícolas II | <p>GAVA, A. Princípios da tecnologia de alimentos. 3ed. São Paulo, 1981.</p> <p>PARDI, M., SANTOS, F., SOUZA, E. Ciência, higiene e tecnologia da carne. Ed. UFG, Niterói, 1993.</p> <p>... Sipa. Portaria n.5 de 08 de novembro, 1988. A prova a</p> | 30 |

| | | | |
|---|--------------------------------|--|----|
| | | <p>padronização de cortes de carnes bovinas. Diário Oficial da união, 1988.</p> <p>BEHEMER M.L. A. – Tecnologia do Leite. 15º ed. São Paulo, Nobel, 1991, 320 p.</p> <p>CARUSO, J.G.B. e OLIVEIRA, A. J. – Obtenção, Controle de Qualidade e Processamento. São Paulo, Universidade de São Paulo - USP, 1985, 116p.</p> <p>FAGUNDES, C.M. – Inibidores e Controle de Qualidade do Leite. Pelotas Universitário. UFPEL, 1997, 128p.</p> <p>FREITAS, L. C. G. – Tecnologia da Fabricação de Leites Fermentados. Curso de Treinamento Intensivo para Auxiliares de Inspeção Industrial e Sanitária ou Produtos de Origem Animal – Leite e Derivados, Juiz de Fora, 1982, 324p.</p> <p>GAVA, A. J. – Princípio de Tecnologia de Alimentos, 3ª ed. São Paulo, Nobel, 1981, 284p.</p> <p>TRONCO V. M. – Aproveitamento do Leite. Guaíba. Agropecuária, 1996, 144p.</p> | |
| 9 | Trabalho de Conclusão de Curso | <p>BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008. 158p.</p> <p>KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 182p.</p> | 30 |

4.6. ESTÁGIOS

4.6.1. Estágios Supervisionados

As atividades do Estágio Supervisionado obrigatório do Curso de Graduação em Agronomia da URCAMP, estão de acordo com o que dispõe a Lei nº 11.788/2008, incorporando, também, as orientações da Resolução CNE-CES nº 1, de 2 de fevereiro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Agrônoma ou Agronomia e que dá outras providências e pela Resolução nº 2 de junho de 2007, emitida pelo MEC para os cursos de Agronomia.

O estágio supervisionado é desenvolvido através das disciplinas denominadas de Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I, com 90 horas e Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II, com 330 horas, totalizando 420 horas de estágio.

O Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I, contempla no mínimo em 90 horas, é desenvolvido no terceiro semestre do curso, e tem como objetivo introduzir o acadêmico nas atividades profissionais vivenciadas na Agronomia de forma a permitir que adquira, já no início do curso, uma percepção do ambiente de trabalho ao qual a sua grade curricular lhe proporcionará formação para atuar.

O Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II é definido como uma atividade obrigatória, subsequente às demais disciplinas do currículo pleno do Curso de Graduação, tendo como objetivo o aprimoramento e a consolidação do conhecimento e habilidades adquiridas nas disciplinas já cursadas, na vivência de experiências técnico-práticas, devidamente supervisionadas, capacitando-o para o exercício qualificado nas diferentes áreas de atuação profissional, inerentes à Agronomia. Apresenta sua integralização mínima em 330 horas, sendo amparado e regimentado por legislação própria (Anexo 1), aprovada pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da URCAMP, e transcrita no Manual de Estágio Prático Profissional (em anexo), que é disponibilizado previamente a todo o aluno que se encontra em fase de conclusão de todas as disciplinas do curso.

Após a conclusão do estágio o aluno deverá apresentar um relatório e defendê-lo na presença de uma banca examinadora constituída de professores da área de conhecimento em que o estágio foi realizado

4.6.2. Estágios extracurriculares

Os Estágios não obrigatórios são realizados voluntariamente pelos alunos, em locais, dias e horários escolhidos pelos mesmos e concordância da entidade demandante, sendo que a coordenação do curso enviará para a entidade demandante, o comprovante de matrícula e se necessário, carta de apresentação do aluno. No certificado de participação, emitido pela entidade demandante, deverá constar o número de horas e o período de sua realização.

A IES dispõe, ainda, de convênio com o CIEE (Centro de Integração Empresa Escola), no que se refere a estágio remunerado em atividades práticas nas áreas de conhecimento da Agronomia.

4.7. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As Atividades Complementares do Curso de Agronomia da URCAMP visam a complementação do conteúdo programático das disciplinas que constituem a grade curricular, destacando a importância da interdisciplinaridade para a aquisição de conhecimentos, bem como, o desenvolvimento de um raciocínio lógico essencial para o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais.

O Colegiado do Curso, reunido em 25 de março de 2008, decidiu por estabelecer uma carga horária mínima de 150 horas a serem estabelecidas para o cumprimento das Atividades Complementares, obrigatórias para a conclusão do Curso, conforme o Regimento das Atividades Complementares (Anexo 2).

As atividades complementares podem ser desenvolvidas pelos alunos nas seguintes modalidades de trabalho:

- a) Participação em conferências, congressos, palestras, seminários e semanas acadêmicas, que abordem assuntos de sua área de atuação ou áreas afins;
- b) Exercício de monitorias das disciplinas que abrangem a área de formação dos Cursos de Ciências Rurais;
- c) Elaboração, participação, apresentação e publicação de trabalhos de iniciação científica e pesquisa;
- d) Realização de estágios extracurriculares em áreas específicas ou afins, comprovados mediante apresentação de certificados e relatórios de atividades;
- e) Execução de trabalhos de extensão acadêmicas e comunitária na forma de prestação de serviços e participação em projetos de extensão oferecidos pela Instituição;
- f) Inclusão de disciplinas não previstas no currículo do Curso de Agronomia, cursadas na própria URCAMP ou em outras Instituições de Ensino Superior (IES);
- g) Participação em cursos de curta e média duração, em áreas específicas ou afins, que ampliem os conhecimentos ou ofereçam a oportunidade de aprimoramento e treinamentos de atividades práticas dentro da área de atuação do Engenheiro Agrônomo;
- h) Acompanhamento técnico das atividades realizadas por profissionais de nível superior ou médio, ligados às áreas das Ciências Rurais, como dia de campo, feiras agropecuárias, exposições e programações semelhantes.

4.8. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um componente curricular do Curso de Agronomia de síntese e integração do conhecimento, que contempla aspectos pertinentes à formação profissional, sendo desenvolvido mediante acompanhamento, orientação e avaliação docente e deverá ser desenvolvido individualmente.

O TCC constitui-se de uma atividade desenvolvida em uma disciplina com 30 horas, com o objetivo de produção de uma Monografia ou Projeto Executivo, apresentado na forma de Relatório da Pesquisa Científica e/ou Tecnológica Aplicada.

O trabalho a ser desenvolvido pelo discente deve compreender uma entre as seguintes modalidades:

- I. Projeto de Iniciação Científica: trabalho que objetiva a análise e/ou solução de determinado problema de interesse para a Agronomia, envolvendo metodologia científica;
- II. Projeto de Extensão: trabalho que objetiva a resolução de problemas existentes no setor produtivo e na sociedade de maneira geral;
- III. Projeto de Formação Profissional: trabalho que objetiva a elaboração de projetos técnicos normalmente solicitados aos Engenheiros Agrônomos no exercício da profissão.

O TCC não deve ficar restrito a mera revisão bibliográfica ou ao relato de aspectos práticos, ou de observações acumuladas que não contenham contribuições do discente.

O trabalho final é apresentado pelo discente, perante Banca Examinadora, em data e local definidos pelo coordenador do curso, e divulgados em Edital. O aluno para ser aprovado deve atingir a média 6,0 (seis) conforme regimento da Instituição.

O TCC é, obrigatoriamente, cumprido pelo discente por meio do desenvolvimento de trabalho individual relacionado com as áreas de conhecimento da Agronomia, assistido por docente orientador graduado em Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia ou Biologia (dependendo da atribuição profissional deste em relação a área escolhida pelo acadêmico) e sob a supervisão geral do docente coordenador de TCC.

5. CORPO TUTORIAL DO CURSO

O PDI da URCAMP prevê em sua política para graduação, entre outros o reforço das instâncias coletivas de deliberação, expressa por discussão permanente sobre a qualidade do ensino do curso, através de diferentes fóruns envolvendo diretores de áreas, coordenadores de cursos, comitês de gestão, colegiados de cursos e a participação de docentes e discentes.

A URCAMP regulamenta no nível administrativo e pedagógico as atribuições dos colegiados dos cursos e das coordenações que atuam conjuntamente. Recentemente, a Legislação Federal (Portaria 1.081/2008-MEC), conferiu maior destaque à participação dos docentes na gestão dos cursos no que diz respeito à implantação e consolidação do PPC, através do Núcleo Docente Estruturante (NDE).

5.1. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Agronomia é constituído pelo Coordenador do Curso e quatro professores, do corpo docente, contratados em regime de tempo parcial ou integral, graduados em Agronomia na sua totalidade, com pós-graduação *Strictu Sensu* e com experiência docente na Instituição, que respondem diretamente pela produção, implantação e consolidação do PPC.

A normatização do NDE foi aprovada através da resolução nº 001/2010, sendo informada conforme regimento aprovado pelo CONSUN da IES. A definição dos componentes do NDE fica sob responsabilidade do Coordenador do Curso, por meio de portaria, podendo ser alterado a cada processo eletivo do curso. O NDE se reúne periodicamente ou conforme a demanda, com registros dos encontros em ata.

O NDE do curso planeja os mecanismos de preparação para avaliações externas, conduzidas pelo Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), levantando as necessidades estruturais e pedagógicas do curso e apontando medidas corretivas. O NDE também avalia os Planos de Ensino dos componentes curriculares e tem a atribuições relativas ao monitoramento das avaliações do corpo docente, cabendo elaborar sugestões ao Colegiado de Curso.

São atribuições do NDE:

- a) Elaborar o Projeto Pedagógico do curso definindo sua concepção e fundamentos;
- b) Atualizar, quando necessário, o projeto pedagógico do curso;

- c) Conduzir os trabalhos de reestruturação curricular, sempre que necessário;
- d) Supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso;
- e) Requisitar e analisar os Planos de Ensino dos componentes curriculares;
- f) Promover a integração horizontal e vertical do curso, respeitando os eixos;
- g) Estabelecidos pelo projeto pedagógico;
- h) Analisar e dar parecer referente a projetos de pesquisa e extensão que envolvam docentes do curso.

5.2. COLEGIADO DO CURSO

O Colegiado do Curso de Agronomia se destina ao planejamento, acompanhamento e avaliação do ensino, associado à pesquisa e à extensão. Compreende uma instância de decisões coletivas relacionadas ao pleno desenvolvimento das atividades propostas pelo curso.

O Colegiado é constituído pelos seguintes membros:

- a) Coordenador do Curso (presidente);
- b) Professores do curso;
- c) Representante técnico-administrativo;
- d) Representante discente do respectivo curso.
- e) São competências do Colegiado de Curso:
- f) Definir o perfil profissional do curso;
- g) Decidir sobre as diretrizes de ensino, pesquisa e extensão no âmbito de sua competência;
- h) Propor ao Conselho de Centro a organização curricular do Curso;
- i) Promover a orientação dos alunos no ato da matrícula ao longo do seu desempenho;
- j) Supervisionar o ensino;
- k) Analisar e aprovar os planos de ensino;
- l) Orientar quanto às estratégias de avaliação do desempenho do aluno;
- m) Realizar, ao final de cada período letivo a avaliação do curso, especialmente em termos de desempenho docente e discente, sem prejuízo da avaliação Institucional;
- n) Reconhecer as disciplinas cursadas com aproveitamento em outros cursos da instituição observadas às normas da Câmara de Ensino;

- o) Validar as disciplinas cursadas com aproveitamento em outras instituições, podendo delegar poderes ao presidente para decidir, servindo então de órgão recursal;
- p) Proceder à regulamentação do estágio curricular, encaminhando à Câmara de Ensino para homologação;
- q) Solicitar ao Centro de origem, a substituição de seu representante;
- r) Manifestar-se sobre as diretrizes do calendário da Instituição;
- s) Decidir os feitos que lhe forem apresentados;
- t) Votar proposta de demissão de docente conforme norma estabelecida no Regimento Geral;
- u) Determinar as adaptações necessárias aos alunos transferidos;
- v) Zelar pela excelência da área de conhecimento pertinente num processo constante de reflexão, ação e de redimensionamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- w) Analisar os trabalhos produzidos pelo corpo docente para fins de publicação;
- x) Homologar, ao final do semestre letivo, o nome dos concluintes para a devida colação de grau.

O setor de apoio técnico-pedagógico é responsável pela divulgação da legislação do ensino superior e no suporte aos coordenadores de curso no que se refere às questões legais, especialmente à elaboração, acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

5.3. COORDENAÇÃO DO CURSO

A Coordenação do Curso, conforme o artigo 15 do Regimento da URCAMP, é responsável pelo planejamento, execução e controle das atividades de gestão, ensino, inovação, extensão, pesquisa, iniciação científica e tecnológica, ainda quando for o caso, intervindo no sentido de orientá-lo e de favorecer a integração do acadêmico nos processos que envolvam o ensino e a aprendizagem do curso, subsidiando os professores na elaboração de estratégias para implementar a formação acadêmica qualificada.

O Coordenador e o NDE, são responsáveis pela implantação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), por orientar e acompanhar o estudante desde o ingresso na IES até a sua conclusão do Curso. As principais atribuições da Coordenação do

Curso estão regulamentadas no Regimento da URCAMP, no artigo 16 e conforme segue:

- a) Presidir e coordenar o NDE;
- b) Presidir o colegiado de curso, representá-lo e fazer cumprir suas determinações;
- c) Zelar pela execução e eficiência das atividades de ensino, inovação, de pesquisa e de extensão do curso sob sua competência;
- d) Implementar ações de melhoria decorrentes do processo de avaliação do curso em conjunto com a Comissão Própria de Avaliação (CPA);
- e) Promover ações para o bom desempenho do curso nas avaliações externas;
- f) Prover aos docentes, a infraestrutura e os recursos necessários para a execução das atividades acadêmicas, em consonância com o PDI e o PPI;
- g) Acompanhar o desempenho dos docentes do seu curso e propor medidas de melhorias;
- h) Proceder a imposição de grau aos concluintes do curso, quando delegado pelo reitor;
- i) Manter a ordem e a disciplina no âmbito de seu curso e propor a abertura de sindicância ou inquérito;
- j) Aplicar as sanções previstas no artigo 70, incisos I, II e III deste Regimento;
- k) Incentivar a pesquisa e a extensão por parte dos docentes e discentes do curso;
- l) Atender o docente e discente.

Para o desenvolvimento de suas atribuições, o Coordenador do Curso realiza reuniões com as instâncias da URCAMP a que se compete, com o corpo docente e discente, buscando a participação dos mesmos nas proposições, discussões e encaminhamento de decisões, de medidas necessárias e pertinentes ao bom desenvolvimento das atividades do Curso de Agronomia da instituição.

5.3.1. Regime de Trabalho do Coordenador do Curso

O Coordenador do Curso tem regime de tempo parcial, 30 horas.

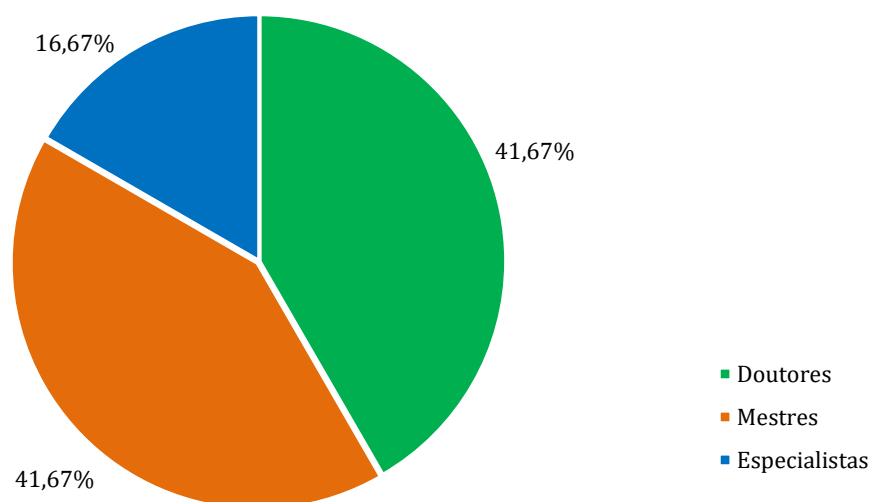
5.3.2. Carga horária de Coordenação de Curso

A carga horária do (a) Coordenador (a) do Curso está distribuída em 22 horas dedicadas à coordenação e 8 horas em sala de aula.

5.4. CORPO DOCENTE DO CURSO

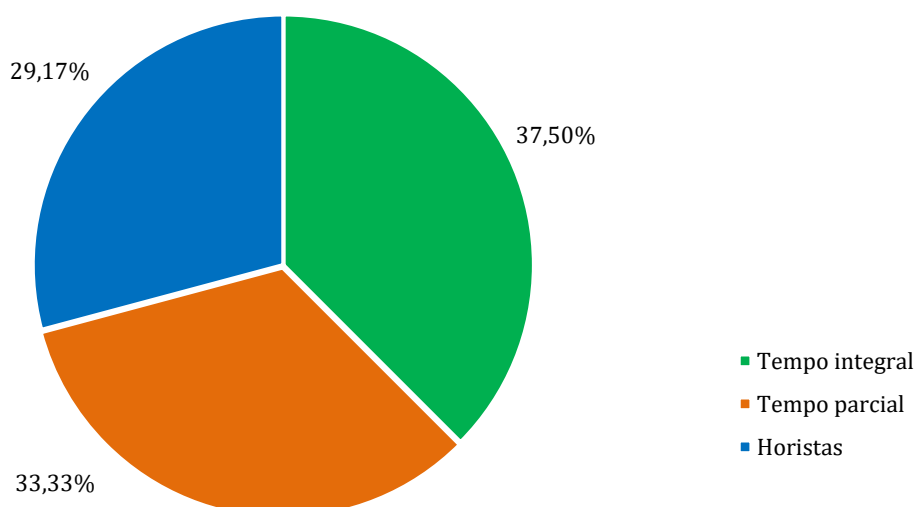
O Curso de Agronomia da URCAMP possui no seu corpo docente 24 professores, sendo a titulação destes distribuída em: 10 doutores, 10 mestres e 4 especialistas, conforme apresentado na figura 1 e no quadro 23.

Figura 1 - Distribuição percentual da titulação dos professores do curso de Agronomia da URCAMP.



Dos 24 docentes do Curso, 9 possuem regime integral de trabalho, 8 possuem regime parcial de trabalho e 7 são horistas. Os percentuais dos regimes de trabalho são visualizados na figura 2.

Figura 2 - Distribuição percentual do regime de trabalho dos professores do curso de Agronomia da URCAMP.



Quadro 23 - Docentes do curso de Agronomia – URCAMP - Bagé, titulação.

| Ordem | Código | Nome | Titulação | Regime de Trabalho |
|--------------|---------------|---------------------------------------|------------------|---------------------------|
| 01 | 162894 | Ana Carolina Silveira da Silva | Doutor | Parcial |
| 02 | 162893 | Ana Cláudia Kalil Huber | Doutor | Integral |
| 03 | 162889 | Ana Maria Oliveira Bicca | Doutor | Parcial |
| 04 | 102327 | Cléia Maria Gisler Siqueira | Mestre | Integral |
| 05 | 102251 | Clotilde Maria Duarte Calvete | Mestre | Integral |
| 06 | 102256 | Cristinemar Martins Fagundes Vinholes | Mestre | Horista |
| 07 | 162675 | Daniel Carlos Cheron Pimentel | Mestre | Integral |
| 08 | 162661 | Derli João Siqueira da Silva | Doutor | Integral |
| 09 | 162906 | Eliana Antonia Valente Silveira | Doutor | Parcial |
| 10 | 162907 | Fernando Pereira de Menezes | Doutor | Parcial |
| 11 | 168114 | Iara Janete Roman Soares | Especialista | Parcial |
| 12 | 102238 | João Abelar Martins Costa | Mestre | Integral |
| 13 | 162883 | João Henrique Mendes Costa | Mestre | Horista |
| 14 | 162680 | João Leonardo Marques Roschildt | Mestre | Horista |
| 15 | 162914 | Luciane Nunes Pereira Suñe | Doutor | Integral |
| 16 | 109307 | Marcelo Benevenga Sarmento | Doutor | Parcial |
| 17 | 102272 | Maria Elaine dos Santos Leon | Mestre | Parcial |
| 18 | 161270 | Narciso Pereira Suñe | Especialista | Horista |
| 19 | 162916 | Patricia de Freitas Salla | Mestre | Integral |
| 20 | 162917 | Paulo Ricardo Ebert Siqueira | Doutor | Parcial |
| 21 | 162919 | Renê Evaldo Isoppo | Especialista | Horista |
| 22 | 162918 | Rosete Aparecida Gottinari Kohn | Doutor | Integral |
| 23 | 102318 | Rubens Lunelli | Especialista | Horista |
| 24 | 162982 | Tania Mariza Garcia de Castilhos | Mestre | Horista |

5.4.1. Experiência de magistério do Corpo Docente

Quadro 24 - Identificação, data de admissão e regime de trabalho dos docentes do curso de Agronomia.

| Ordem | Código | Nome | Admissão | Tempo Docência |
|-------|--------|---------------------------------------|----------|----------------|
| 01 | 162894 | Ana Carolina Silveira da Silva | 01/06/06 | 12 Anos |
| 02 | 162893 | Ana Cláudia Kalil Huber | 01/10/94 | 23 Anos |
| 03 | 162889 | Ana Maria Oliveira Bicca | 01/05/97 | 21 Anos |
| 04 | 102327 | Cléia Maria Gisler Siqueira | 01/06/87 | 30 Anos |
| 05 | 102251 | Clotilde Maria Duarte Calvete | 01/09/92 | 26 Anos |
| 06 | 102256 | Cristinemar Martins Fagundes Vinholes | 24/07/01 | 6 Anos |
| 07 | 162675 | Daniel Carlos Cheron Pimentel | 23/03/09 | 9 Anos |
| 08 | 162661 | Derli João Siqueira da Silva | 01/09/87 | 30 Anos |
| 09 | 162906 | Eliana Antonia Valente Silveira | 01/03/04 | 14 Anos |
| 10 | 162907 | Fernando Pereira de Menezes | 10/08/93 | 25 Anos |
| 11 | 168114 | Iara Janete Roman Soares | 10/03/14 | 4 Anos |
| 12 | 102238 | João Abelar Martins Costa | 01/05/93 | 26 Anos |
| 13 | 162883 | João Henrique Mendes Costa | 10/05/03 | 15 anos |
| 14 | 162680 | João Leonardo Marques Roschildt | 23/02/12 | 6 anos |
| 15 | 162914 | Luciane Nunes Pereira Suñe | 17/04/95 | 23 Anos |
| 16 | 109307 | Marcelo Benevenga Sarmiento | 03/08/15 | 3 Anos |
| 17 | 102272 | Maria Elaine dos Santos Leon | 01/08/07 | 11 Anos |
| 18 | 161270 | Narciso Pereira Suñe | 01/09/94 | 24 Anos |
| 19 | 162916 | Patricia de Freitas Salla | 01/09/99 | 19 Anos |
| 20 | 162917 | Paulo Ricardo Ebert Siqueira | 01/08/90 | 27 Anos |
| 21 | 162919 | Renê Evaldo Isoppo | 01/09/84 | 32 Anos |
| 22 | 162918 | Rosete Aparecida Gottinari Kohn | 04/08/97 | 20 Anos |
| 23 | 102318 | Rubens Lunelli | 01/03/76 | 42 Anos |
| 24 | 162982 | Tania Mariza Garcia de Castilhos | 01/08/03 | 15 Anos |

Dos 24 docentes do curso, todos (100%) apresentam experiência no magistério superior. Destes 14 (48%) têm mais de 10 anos de magistério superior no curso e 10 (34,48%) têm mais de 2 anos de magistério superior no curso (Quadro 24).

5.4.2. Produção científica, cultural, artística ou tecnológica

De um total de 24 docentes do curso de Agronomia, 16 (dezesseis) apresentaram nos últimos três anos 60 produções científicas. Um professor apresentou no período mais de 70 (setenta) artigos publicados em jornais.

6. APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

O aluno poderá aproveitar estudos realizados em outras instituições e mesmo em outros cursos da URCAMP. Validação dos componentes curricular é realizada, conforme apresentado a seguir.

6.1. VALIDAÇÃO DE COMPONENTE CURRICULAR EXTERNO

O aluno poderá ter aproveitamento de estudo externo quando solicitar a equivalência em disciplinas cursadas em instituições de ensino externas à URCAMP.

Para as disciplinas a serem dispensadas, o aluno deverá preencher um formulário fornecido pela Central do Aluno, anexando os seguintes documentos: o Histórico Escolar original com carimbo e assinatura da instituição de ensino, confirmando aprovação e créditos cursados acompanhado de cópia simples; o Ementa (s) original (is) da (s) disciplina (s) cursada (s) com carimbo e assinatura da instituição de ensino acompanhada de cópia simples.

A Central do aluno encaminhará a solicitação à coordenação do curso que analisará juntamente com professor responsável pela disciplina e aprovado pelo colegiado de curso, com base nos componentes curriculares apresentados quanto aos conteúdos e carga horária.

Uma disciplina poderá ser validada se tiver 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária e do conteúdo da disciplina que será aproveitada. As disciplinas que tiverem seu aproveitamento deferido serão inseridas no histórico do aluno através do portal SEGUE.

6.2. VALIDAÇÃO DE COMPONENTE CURRICULAR INTERNO

Para alunos que desejam efetivar equivalência com disciplinas cursadas no próprio curso de Agronomia da URCAMP ou em qualquer outra unidade da URCAMP. Para as disciplinas a serem dispensadas, o aluno deverá preencher um formulário fornecido pela Central do Aluno, sem necessidade de entregar documentos complementares.

A Central do aluno encaminhará a solicitação à coordenação do curso que analisará juntamente com professor responsável pela disciplina e aprovado pelo

colegiado de curso, com base nos componentes curriculares apresentados quanto aos conteúdos e carga horária. As disciplinas que tiverem seu aproveitamento deferido serão inseridas no histórico do aluno através do portal SEGUE.

7. PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO- PRENDIZAGEM

O processo avaliativo do curso é globalizado, contínuo e integrado, abrangendo aspectos qualitativos e quantitativos que permitem o acompanhamento da formação do aluno numa visão profissionalizante, integral e generalista. Propõem-se o desenvolvimento dessa concepção por meio do pressuposto da flexibilidade e contextualização teórico-prática do currículo, focando o processo de aprendizagem através das relações entre conteúdos e conjunturas, significando o aprendizado por metodologias que integrem a vivência e a prática profissional ao longo do processo formativo.

A concepção de avaliação, enquanto mediação, de acordo com Hoffman, 2008 é outro aspecto preponderante. Implica na dinâmica do processo de apropriação de conhecimentos na qual a ação provocativa do professor é fundamental na travessia do avançar dos conhecimentos do senso comum para o conhecimento científico.

Nesta perspectiva o educando é instigado a refletir sobre as noções estudadas e as situações vividas, a formular e reformular seus próprios conceitos. O significado principal dessa prática é o de incentivar o envolvimento do aluno, sua curiosidade e comprometimento com o objeto de conhecimento, refletindo conjuntamente com o professor.

Ao ampliarmos a concepção sobre a avaliação, faz-se necessário conceber também a avaliação para além dos saberes conceituais, enfatizando também a importância da formação do aluno como sujeitos integrantes de uma sociedade que revela a necessidade de cidadãos críticos, criativos, éticos, comprometidos, empreendedores e participativos, e princípios avaliativos que possam valorizar estas características nos alunos egressos do curso de Agronomia.

Diante do fato é importante que os processos avaliativos contemplem os três conjuntos de saberes, ou seja, de natureza conceitual, atitudinal e procedimental, afirma Vasconcellos (1997, 2008). O professor deve estar atento ao processo usado para conclusões e soluções de desafios e hipóteses realizados pelos estudantes e partindo dele avaliar: (1) o saber conceitual, o que o estudante demonstra diante de signos da língua ou material impresso, vocalizações que transmitem conhecimentos, o que significa que ele sabe que o material impresso transmite informações; (2) o saber procedimental que demonstra que ele decodifica esses signos em vocalizações

correspondentes com as estabelecidas pela sua cultura, isto é, se ele lê; (3) o saber atitudinal é indicado quando o estudante, a partir do que lê, muda a sua prática na resolução de problemas cotidianos.

Ampliar a concepção de avaliação é a reflexão transformada em ação, confirma-se, então, que toda ação educativa concretizada na evolução do processo de aprendizagem será de sucesso e não pode estar associado somente ao processo de medida, e nem mesmo contemplar um único instrumento, nem ser restrito a um só momento ou uma única forma. Os processos de avaliação devem ser contínuos, possibilitando canais adequados para a manifestação de múltiplas competências. Desta forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o estudante, ou seja, uma conexão entendida como reflexão aprofundada a respeito das formas como ocorre a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento.

Avaliar diante desse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação, é a reflexão, em um acompanhamento permanente do professor, e este deve propiciar ao estudante, em seu processo de aprender a aprender, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas. Sendo assim a avaliação é concebida como um o processo pelo qual se observa, verifica, analisa e interpreta um determinado fenômeno (construção de conhecimento), ou seja, um processo onde são observados o desenvolvimento e o progresso dos alunos.

A realização de reuniões periódicas com o corpo docente oportuniza uma continuidade no processo avaliativo dos alunos no sentido de promover um maior conhecimento dos mesmos, e, conseqüentemente, mais subsídios importantes para uma avaliação dinâmica e contextualizada. Ressalta-se que a avaliação do aluno é diagnosticada a medida que se investiga o seu nível de aprendizagem e o seu crescimento profissional. A processualidade é necessária uma vez que, em avaliação dever-se-á acompanhar a realidade do futuro profissional desde o seu ingresso no Curso até a sua saída e, se possível, o seu ingresso no mercado de trabalho. Por outro lado, a avaliação precisa ser somativa, à medida que expressa os resultados da aprendizagem em termos numéricos.

Diante dessa realidade propõem-se diferentes abordagens nos processos avaliativos pautados em instrumentos de avaliações pautados da forma diagnóstica, formativa e somativa.

- a. Diagnóstica: busca demonstrar o estado atual de um fenômeno para possibilitar um “tratamento” futuro, ver o discente enquanto produtor, quer conhecer suas aptidões, interesses, capacidades e competências enquanto pré-requisitos para trabalhos futuros. Tem como objetivo orientar, explorar, identificar, adaptar e prever. A avaliação diagnóstica pode ser realizada através de tarefas de sondagens, pré-testes, questionários, observações.
- b. Formativa: tem como meta comprovar se as atividades que estão sendo desenvolvidas estão de acordo com o planejado, documentando como estão ocorrendo, apontando sucessos e fracassos, identificando áreas problemáticas e fazendo recomendações. Vê o aluno em processo de produção. A avaliação formativa pode ser realizada através de pareceres escritos ou orais do professor sobre seminários, artigos, etc. desenvolvidos pelos alunos.
- c. Somativa: não enfoca processos e sim resultados, vendo o aluno enquanto produto final. Busca observar comportamentos globais, socialmente significativos, e determinar conhecimentos adquiridos. A avaliação somativa pode ser realizada através de testes e provas.

Essas formas de avaliação são permeadas pela valorização da capacidade de pensamento crítico; pela capacidade de comunicação e interação com outros profissionais de saúde e público em geral; pela liderança no trabalho em equipe; pela capacidade de organização e responsabilidade técnica; por sua participação em ações de promoção, manutenção, prevenção, proteção e recuperação da saúde, respeitando e valorizando o ser humano.

A avaliação no Curso de Agronomia prevê a utilização de procedimentos que possibilitem mensurar as habilidades e competências do aluno. Dentre as estratégias de avaliação, oportuniza-se a realização de provas dissertativas, objetivas e práticas; seminários; relatório de atividades práticas; relatório de estágios supervisionados; projetos; análise crítica de textos; estudos e simulações de problemas e estudos de casos; pesquisas bibliográficas, descritivas e experimentais, dentre outros.

Os instrumentos de avaliação utilizados variam desde a observação da participação e contribuições nas aulas, bem como a realização e a qualidade dos trabalhos propostos, incluindo a auto avaliação, atividades específicas como testes, provas e produções escritas e/ou orais.

Assim, em relação as disciplinas teóricas são aplicadas avaliações teóricas subjetivas e/ou objetivas. Nas disciplinas teórico/práticas, provas práticas cujos

resultados se estabelecerão a partir de critérios que evidenciem a execução das técnicas em sua excelência, bem como apresentação de relatórios de atividades práticas, evidenciando o desenvolvimento dos procedimentos envolvidos.

É também plausível destacar as normatizações institucionais, segundo a Resolução nº 007/06 da Câmara de Ensino do CONSUN da URCAMP:

- a. A frequência mínima em cada componente curricular é de 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária total;
- b. A avaliação do aproveitamento se realiza através de diferentes procedimentos de verificação do desempenho do aluno, atendendo à natureza do componente curricular e os objetivos estabelecidos no plano de estudos.

O aproveitamento é expresso em notas numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), sendo considerado aprovado o aluno que obtiver média final ou superior a 7,0 (sete) nas avaliações parciais. O aluno ainda terá direito a uma reavaliação que é uma prova escrita, sendo aprovado se obtiver média mínima 6,0 (seis) calculada entre a média dos conceitos obtidos nas avaliações parciais e a nota obtida na prova de reavaliação.

Enfim, é importante ainda considerar, que diante da complexidade das normatizações e concepções sobre avaliação, que o professor acompanhe os estudantes em seu processo de desenvolvimento, o que exige de todo quadro docente um olhar teórico-reflexivo sobre contexto sociocultural e manifestações decorrentes do caráter evolutivo do pensamento dos discentes. Significando respeitá-los em sua individualidade e em suas sucessivas e gradativas conquistas de conhecimento em todas as áreas.

Assim, é importante que o educador utilize o diálogo como fundamental eixo norteador e significativo do papel da ação pedagógica, pois o confronto na sala de aula não se passa entre alguém que sabe um conteúdo (professor) e alguém que não sabe (estudante), mas entre pessoas e o próprio conteúdo, na busca do desenvolvimento de um profissional que possa contribuir para o desenvolvimento regional.

8. PROCESSOS DE AVALIAÇÃO E AUTO- AVALIAÇÃO DO CURSO

A instituição possui a Comissão Própria de Avaliação (CPA) que realiza avaliações anuais on-line, através do portal SEGUE, com relação a Instituição, cursos de graduação, disciplinas e professores do nível superior. Os resultados no âmbito do curso são encaminhados ao coordenador e posteriormente aos docentes.

Ainda, os discentes do curso realizam o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) tem calendário trienal e segue as orientações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

Assim, são elaboradas e adotadas diferentes estratégias de acompanhamento e de melhorias do curso de Agronomia, com a atuação da coordenação, do NDE e do colegiado e considerando os resultados destas avaliações.

8.1. AÇÕES DECORRENTES DOS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DO CURSO

A Comissão Própria de Avaliação (CPA) subsidia o curso com relatórios de informações específicas do curso e relatórios da realidade institucional. As informações colhidas são sistematizadas através de processamento eletrônico e compiladas em relatórios parciais. Os relatórios são analisados em pequenos grupos e as informações colhidas são discutidas em reunião de professores, no intuito de acolher as críticas, sanando as dúvidas e valorizando as sugestões.

A CPA cumpre um papel importante na condução deste processo, seja em reuniões, discussão das diretrizes, elaboração de documentos, reflexão e acompanhamento do mesmo. Com base nos resultados do processo avaliativo são discutidas soluções para os aspectos que necessitam de atenção especial, seja para sanar dificuldades constatadas em curto prazo, seja para a definição de prioridades e estratégias em nível de curso, de área e de instituição.

A CPA da URCAMP apresenta em seu relatório a compilação dos resultados da avaliação institucional, realizada ao longo do ano de 2013, considerando o PDI, a avaliação interna (realizada junto aos discentes, docentes, gestores e funcionários), o ENADE e as avaliações de curso. No que se refere à avaliação externa, o curso foi avaliado pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) do ano de 2010, no qual obteve conceito 3.

9. POLÍTICAS DE ATENÇÃO AO DISCENTE

9.1. ORIENTAÇÕES GERAIS

O discente tem acesso à Central do Aluno, onde pode buscar informações sobre os diferentes programas e projetos da instituição, assim como fazer solicitações pertinentes ao melhor aproveitamento das atividades na IES.

O aluno também tem à sua disposição uma secretaria junto ao curso, na qual conta com apoio de funcionários e orientações direta do Coordenador do Curso. Outro recurso disponível é o site da URCAMP que traz informações sobre o Curso de Agronomia.

A URCAMP ao implantar o Programa de Atendimento Psicopedagógico, através da Portaria nº 048/2013, cria o Núcleo de Apoio ao Docente e Discente (NADD), que tem como finalidade o atendimento ao aluno de graduação e pós-graduação no que diz respeito ao seu desenvolvimento psicossocial e acadêmico, ao planejamento de carreira, sua adaptação ao ensino superior, em relação às dificuldades de aprendizagem e execução de programas de auxílio ao aluno.

9.2. SISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DE GESTÃO ACADÊMICA (SEGUE)

O Portal denominado Sistema de Acompanhamento de Gestão Acadêmica (SEGUE), tem por objetivo o acesso amplo de informações da IES para a comunidade acadêmica. É um ambiente de apoio ao ensino, cujas ferramentas permitem disponibilizar, na modalidade online, diversas informações para os alunos e professores.

Nesse ambiente está disponibilizado para o aluno, o plano de ensino das disciplinas de graduação, a verificação dos registros de frequência e das avaliações. Para o professor é disponibilizado do “webdiário” onde são registradas as frequências e as notas dos alunos, possibilitando também, a comunicação com os alunos por meio de e-mail.

O Portal SEGUE busca oportunizar fácil comunicação entre professores e alunos, de modo a dinamizar e otimizar o gerenciamento do processo ensino-aprendizagem.

9.3. APOIO E INCENTIVOS FINANCEIRO

A URCAMP dispõe de um programa de ajuda econômica aos alunos através de convênios e da oferta de bolsas (PROUNI), financiamentos (FIES, CREDIES/FUNDACRED e FIPRES) e auxílios institucionais (Bolsa dependente de funcionário, Bolsa dependente de professor, Bolsa funcionário). Há também um desconto de 25% da mensalidade para o aluno pagante que fizer todas as disciplinas referente ao semestre completo da matriz curricular.

O PROUNI (Programa Universidade para Todos), foi criado pelo governo federal e concede bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições de ensino superior privadas e tem como público-alvo estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda familiar per capita máxima de três salários mínimos.

O FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) é um programa federal destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em cursos superiores não gratuitos. Podem solicitar este financiamento estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação.

O FIPRES (Financiamento Próprio Estudantil da URCAMP) permite ao aluno ingressante financiar 30% de sua graduação e o pagamento do restante. 70% somente após a conclusão do Curso. O estudante dispõe, ainda, com um desconto de 15% fazendo o semestre todas as disciplinas da grade curricular.

O CREDIES/FUNDACRED permite que o aluno ingressante financiar 50% de sua graduação, deverá realizar inscrição através do site da fundação.

As bolsas para dependente de funcionário, de professor e para o funcionário, são custeadas pela própria URCAMP e variam de 20% a 80% de desconto dependendo da carga horária do professor ou funcionário na Instituição.

A instituição oferece programas de incentivo, com editais que contemplam recursos para o apoio financeiro na execução de projetos - Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAP); para bolsas acadêmicas de iniciação científica – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); e para a divulgação dos conhecimentos da pesquisa e da extensão por meio do Programa Institucional de Apoio à Divulgação do Ensino, Pesquisa e Extensão (PADEPEX).

9.4. NÚCLEO DE ATENDIMENTO AO DOCENTE E DISCENTE

A URCAMP ao implantar o Programa de Atendimento Psicopedagógico, através da Portaria nº 048/2013, cria o Núcleo de Apoio ao Docente e Discente (NADD), que tem como finalidade o atendimento ao aluno de graduação e pós-graduação no que diz respeito ao seu desenvolvimento psicossocial, acadêmico, planejamento de carreira, sua adaptação ao ensino superior, dificuldade de aprendizagem e execução de programas de auxílio ao aluno.

O NADD é um programa que visa promover a integração do aluno com a Instituição de ensino. O Serviço tem como meta o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem em geral, recuperando as motivações e promovendo a integridade psicológica dos alunos.

Os atendimentos são realizados a partir de encaminhamentos dos professores e/ou coordenadores de curso, ou ainda por procura espontânea por parte dos alunos. Este serviço é prestado através do Núcleo de Atendimento Psicopedagógico que se propõe a mediar, estimular e promover ações envolvendo os docentes e discentes.

A URCAMP conta com uma unidade central do núcleo em Bagé e mais 4 unidades de atendimentos nos Campi. Os atendimentos do Núcleo são prestados por psicopedagogas e psicólogas.

9.4.1. Objetivos do NADD

- a) Promover o desenvolvimento psicossocial do estudante universitário;
- b) Oferecer auxílio à vivência acadêmica como parte da construção de um projeto profissional;
- c) Promover a integração do aluno à Instituição;
- d) Promover maior adesão à Instituição e ao Curso, contribuindo assim para a prevenção da evasão;
- e) Disponibilizar um canal de comunicação entre os alunos e a Instituição através da ouvidoria;
- f) Realizar atendimento emergencial aos alunos, docentes e/ou colaboradores, envolvendo: a escuta da situação-problema; a identificação da área de dificuldade: profissional, pedagógica, relações interpessoais; fornecimento de orientações objetivas que minimizem sua ansiedade;

- g) Elaborar programas que visem prevenir a violência; o uso de drogas e o alcoolismo, bem como visem prestar esclarecimento e informações sobre doenças infectocontagiosas e demais questões de saúde pública;
- h) Articular com instituições públicas, privadas, assistenciais e organizações comunitárias locais, com vistas ao encaminhamento de pais e alunos para atendimento de suas necessidades;
- i) Propor projetos complementares às ações educacionais a partir das demandas levantadas.

9.4.2. Atribuições do NADD

- a) Atender aos docentes e aos discentes nas suas necessidades de ensino-aprendizagem;
- b) Propor ações que contribuam para a melhoria da qualidade do ensino, para a democratização das relações institucionais e para a socialização do conhecimento;
- c) Prestar acompanhamento pedagógico e psicossocial aos discentes por meio de programas de apoio e suporte à aprendizagem;
- d) Desenvolver ações de acompanhamento do egresso e de sua empregabilidade, fortalecendo a ponte entre a IES e o mercado de trabalho;
- e) Orientar atividades acadêmicas aos docentes e discentes decorrentes do desenvolvimento das disciplinas;
- f) Elaborar, anualmente, plano de ação condizente às prioridades e necessidades do trabalho pedagógico da Instituição;
- g) Acompanhar as atividades complementares realizadas pelos discentes;
- h) Encaminhar os docentes e discentes a outros setores competentes mediante as suas necessidades;
- i) Receber e orientar aos estudantes que desejam ingressar na URCAMP;
- j) Atender os diretores, coordenadores dos cursos, docentes e demais colaboradores que estabeleçam relação direta ou indireta com os estudantes, professores ou coordenadores;
- k) Funcionar como agente facilitador e integrador dessas relações;

- l) Promover a adaptação, a satisfação e a integração dos estudantes com a instituição, contribuindo, deste modo para a formação e para o exercício profissional;
- m) Diagnosticar as situações divergentes em relação aos processos de ensino-aprendizagem;
- n) Propor e acompanhar os projetos de capacitação dos professores como processo contínuo e permanente;
- o) Participar, quando convidado pelos respectivos Coordenadores de Curso, das reuniões dos Colegiados de Cursos, acompanhando a análise e a reflexão do processo pedagógico, a fim de conhecer as necessidades de cada curso e elaborar propostas de intervenção e após diagnóstico;
- p) Prestar assessoria pedagógica individual e coletiva às Coordenações dos Cursos quando solicitadas e agendadas antecipadamente, salvo em situações emergenciais.

9.4.3. Coordenador do NADD

Ao Coordenador do NADD compete:

- a) Cumprir e fazer cumprir as normas adotadas pela URCAMP;
- b) Promover a realização das atividades do Núcleo Central e diferentes unidades nos Campi;
- c) Apresentar relatório das atividades do órgão à Diretoria Geral e Coordenação de Curso;
- d) Propor à Direção Geral a contratação e dispensa do pessoal do Núcleo;
- e) Aprovar o calendário de atividades do NADD;
- f) Indicar o pessoal do Núcleo para fazer cursos especializados;
- g) Assinar os certificados que vierem a ser expedidos pelo Núcleo;
- h) Controlar o material permanente e providenciar sua manutenção;
- i) Controlar o material de consumo e providenciar sua reposição;
- j) Organizar e manter atualizados os arquivos do NADD;
- k) Providenciar o levantamento de dados estatísticos e administrativos;
- l) Distribuir aos responsáveis, diariamente, as tarefas solicitadas ao NADD;
- m) Executar outras atividades equivalentes e necessárias ao assessoramento administrativo à Diretoria do Núcleo;

n) Auxiliar na avaliação de desempenho de docentes.

9.5. NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA

Para auxílio aos docentes e discentes que ministram disciplinas híbridas (semipresenciais) a URCAMP disponibiliza o Núcleo de Ensino à Distância (NEAD), que faz parte do programa URCAMP Virtual, que foi instituído pela resolução nº 04/2009 e que regulamentou a utilização e oferta de disciplinas na URCAMP.

Considerando a possibilidade de utilizar a oferta de disciplina na modalidade EAD na organização pedagógica e curricular dos cursos de graduação reconhecidos da URCAMP, conforme o disposto no art. 81 da Lei da Lei 9394/96, e na Portaria Ministerial nº4.059/2004. A proposta do foi servir de suporte ao docente e ao discente para o desenvolvimento de materiais que permitam a interatividade, a aprendizagem independente, a construção de novos saberes, por meio de um espírito investigativo e crítico trabalhando com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) – Moodle e plataformas digitais (Sagah/Grupo A).

9.6. NIVELAMENTO

O processo de nivelamento na IES é obrigatório conforme Resolução nº 01/2015. Os alunos que ingressam no primeiro semestre do Curso, são recepcionados e acolhidos pela Coordenação e NDE. Aqueles em que o docente perceber necessidade do nivelamento ou manifestarem interesse pelo nivelamento, são convidados a participarem do processo.

Os docentes dos semestres iniciais são orientados a captarem a real condição psicológica e pedagógica dos acadêmicos, para se necessário, realizar o devido encaminhamento ao NADD.

Em relação às ações de redução da evasão que visam à manutenção e retenção do acadêmico, o Curso desenvolve algumas ações citadas abaixo:

- a) O ensino híbrido ou *blended learning* mescla aulas online e presenciais, intercalando conteúdos que se complementam sendo conceituado por, como algo inovador na educação, que envolve metodologias ativas. (Disponível em <https://eadbox.com/o-que-e-ensino-hibrido>)

- b) Divulgação do Curso na sociedade, com o intuito de preparar o acadêmico antes que o mesmo ingresse na Instituição, de forma a reduzir as frustrações das expectativas geradas pela falta de familiaridade com a área escolhida.
- c) Participação em feiras vocacionais, ações de divulgação em ambientes públicos (praças e principais Avenidas) antecedendo o vestibular, visitas às Escolas de Ensino Médio, entre outros.
- d) Inserção dos acadêmicos do Curso em ações práticas como projetos de pesquisa e extensão e encaminhamento de estágios não obrigatórios e remunerados.
- e) Controle pela Coordenação do Curso de matrículas semestrais e solicitações de trancamento, cancelamento e transferências solicitadas pelos acadêmicos através da identificação dos motivos alegados e entrevista com o aluno como forma de redução da evasão.

9.7. MONITORIAS

O Artigo 84 da Lei nº 9394/96, prevê que os discentes da Educação Superior podem ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas Instituições, exercendo funções de monitorias, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.

Neste sentido, a Instituição propõe o desenvolvimento de ações que se voltem para um ensino de qualidade e a valorização do ser humano, através das monitorias, regulamentadas na Resolução nº 02/2015 emitida pela Pró-Reitoria Acadêmica.

O aluno se inscreve para uma seleção solicitada pelo docente. São oferecidas duas modalidades, a saber, nivelamento e apoio, que podem ser exercidas no prazo máximo de dois semestres letivos para cada aluno.

A atividade de monitoria visa atender os seguintes objetivos:

- I. Propiciar ao acadêmico a oportunidade de desenvolver e compartilhar suas habilidades e competências para a carreira docente, nas funções de ensino;
- II. Assegurar a cooperação didática entre o corpo docente e discente nas funções universitárias;
- III. Oportunizar ao acadêmico a preparação e o direcionamento profissional técnico e/ou docente, nas várias áreas de interesse, visando seu treinamento em serviço, exploração de aptidões intelectuais e ampliar as oportunidades profissionais;

IV. Oferecer aos acadêmicos de cada Curso oportunidades de complementação e aprofundamentos de conteúdos nas diversas disciplinas.

As atividades de monitoria, no Curso de Agronomia, são exercidas por acadêmicos regularmente matriculados, durante o período letivo. Cabe ao professor do componente curricular solicitar o auxílio de monitor, mediante projeto de monitoria, para o respectivo componente curricular a ser encaminhado à coordenação de Curso.

Em todas as modalidades, após o cumprimento do programa de monitoria, o estudante recebe um certificado comprobatório.

I. Pré-requisitos

O aluno monitor deverá trabalhar com componente curricular que já tenha cursado e obtido nota superior à média 7,0 e em horário extracurricular.

Cabe à Coordenação de Curso juntamente com o professor responsável pela disciplina avaliarem o projeto apresentado pelo docente e homologarem o nome do monitor.

II. Atribuições do Monitor

Cabe ao Monitor auxiliar o docente nas seguintes atividades:

Parágrafo I – atender pequenos grupos em horários que não coincidam com os seus horários de aula;

Parágrafo II – auxiliar o corpo discente nas tarefas didáticas, sob a supervisão docente, na orientação de trabalhos de laboratório, de pesquisas bibliográficas, de trabalhos de campo e de outros compatíveis com seu grau de conhecimento e experiência.

É vedado ao Monitor elaborar, aplicar ou corrigir provas, ministrar aulas como substituto ou outras funções exclusivamente docentes.

III. Avaliação

Parágrafo III - O aluno monitor será avaliado:

Pelo sua frequência e desempenho nas atividades propostas para o período de monitoria;

Após o cumprimento do programa de monitoria, o Monitor recebe um certificado comprobatório.

9.8. BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Visando o despertar de vocações científicas entre os acadêmicos, a URCAMP conta com Programa de Iniciação Científica, possibilitando, além da participação em pesquisas, o apoio financeiro ao acadêmico através de concessão de bolsas. Este programa, implantado na URCAMP no ano de 2005, visa a ampliação das possibilidades de participação da pesquisa discente e destina-se a acadêmicos de Cursos de graduação, matriculados a partir do segundo ano de estudos, com excelente desempenho escolar

As bolsas são provenientes de recursos próprios, como parte da arrecadação da URCAMP, de financiamentos de empresas contratantes de projetos de pesquisa junto aos Núcleos de Pesquisa registrados na Vice-Reitoria de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – PROIPPEX, ou ainda de programas de agências de fomento de desenvolvimento científico como CNPq, FAPERGS, entre outras.

Poderão se inscrever no Programa de Iniciação Científica, alunos dos Cursos de graduação que tenham concluído os dois primeiros semestres letivos do Curso em que estão matriculados ou, no caso de alunos transferidos, tendo cursado pelo menos dois semestres letivos completos em nossa Instituição.

10. INTEGRAÇÃO COM AS POLÍTICAS INSTITUCIONAIS

O Curso de Agronomia encontra-se integrado e instituído dentro das políticas gerais da URCAMP e balizado pelo Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI).

O planejamento da instituição universitária pressupõe vários níveis de decisão e operacionalização que devem possuir coerência e convergência entre si. Concorrem para que este processo se concretize, os documentos normativos e orientadores produzidos pela Pró-Reitoria Acadêmica em harmonia com os colegiados de curso e submetidos aos conselhos deliberativos superiores.

Os NDEs constituem-se em instâncias de concepção, implementação e consolidação entre os diversos níveis de planejamento da instituição, são responsáveis junto ao Coordenador de Curso pela elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos, como também, viabilizam as conexões necessárias com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Os princípios gerais de formação humana (ética, solidariedade, cidadania e meio ambiente), atendendo aos valores humanos da instituição, são buscados não só pelas disciplinas de Introdução à Agronomia, Deontologia e Ética Profissional, Antropologia, Legislação Agrária e Ambiental, Sociologia, Extensão Rural e Cooperativismo, Libras e outras, mas também pela atividade transversal realizada pela convivência monitorada com colegas e com professores.

Atividades artístico-culturais são promovidas pela instituição, de forma aberta à comunidade, cabendo destaque a Feira de Profissões, realizada anualmente onde além de serem apresentados os cursos da URCAMP para a comunidade, são desenvolvidas atividades artísticas diversas.

Contemplando a diversidade e o contexto regional o projeto do curso de Agronomia articula o ensino, a pesquisa e a extensão, onde o professor e o estudante atuam como responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem.

As políticas de Ensino foram amplamente discutidas na elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional e são operacionalizadas no âmbito do Curso expressando suas intenções na formação de profissionais qualificados.

Dessa forma, busca-se a consolidação dos padrões de qualidade do curso, através do programa de incentivo ao mestrado e doutorado, realização de eventos como a Semana Acadêmica que acontece semestralmente promovendo a

interdisciplinaridade, na integração das disciplinas do próprio curso e de outros cursos da instituição.

A IES tem como políticas na graduação a consolidação dos padrões de qualidade dos cursos de graduação por meio das seguintes ações: investimento na qualificação permanente do corpo docente oportunizando a formação pedagógica permanente dos docentes; oferta aos professores de orientação específica para o exercício da docência junto aos alunos com necessidades especiais por meio do Núcleo de Apoio ao Discente e Docente (NADD); monitoramento do desempenho e da sustentabilidade do curso de graduação considerando os resultados das avaliações internas e externas; aprimoramento do projeto pedagógico do curso; estabelecimento de parcerias com instituições públicas e privadas, implementação de processos de capacitação de gestores; ampliação e qualificação do acervo bibliográfico.

O aperfeiçoamento do processo de auto avaliação e planejamento dos cursos se dá através pela disseminação, perante o curso, do compromisso institucional da URCAMP com a comunidade interna e externa e; através da explicitação da importância dos processos auto avaliativos; pela contribuição do curso na consolidação dos processos auto avaliativos da Instituição. O desenvolvimento e incorporação de novas tecnologias na educação pela promoção do uso das tecnologias de informação e de suas ferramentas didático-pedagógicas, participando do Núcleo de Educação à Distância (NEAD), que permite aos docentes o uso de 20% da carga horária do curso com metodologias semipresenciais (MOODLE) e oportunizando a capacitação permanente dos docentes em Educação a Distância (EAD).

Oferece apoio psicopedagógico com a integração dos alunos com necessidades especiais à vida acadêmica e o incentivo a atividades de representação estudantil por meio do Diretórios Acadêmicos José Cypriano Nunes Vieira.

O curso incentiva a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, através de grupos de estudos que auxiliam na iniciação científica e na capacitação dos alunos para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de pesquisa no âmbito do curso.

No curso as atividades de Iniciação Científica têm como objetivos: desenvolver a capacidade de investigação e comunicação científica dos discentes e; contribuir com a produção de novos conhecimentos e sua aplicação à realidade regional. Os alunos

são orientados a participar de projetos de iniciação e submetê-los ao Congrega, evento de iniciação científica institucionalizado pela URCAMP, a revistas científicas e a outros eventos de iniciação científica.

O curso busca através das políticas de extensão articular o ensino e a pesquisa com as demandas sociais; estabelecer um fluxo bidirecional entre o conhecimento acadêmico e o saber popular; incentivar a prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social e política; contribuir para reformulações nas concepções e práticas curriculares; contribuir para o desenvolvimento sustentável social, econômico e ambiental.

Os projetos de extensão do curso são desenvolvidos por professores e alunos, com abrangência das demandas sociais além de seminários, palestras. O curso promove semestralmente a Semana Acadêmica do Curso de Agronomia e a participação dos alunos na Expofeira de Bagé.

As políticas de responsabilidade ambiental são realizadas semestralmente em eixos Temáticos, Mostras Científicas e outros.

As políticas de responsabilidade social são operacionalizadas através de programas de extensão como o “URCAMP na comunidade”, de Palestras, Simpósios, além do atendimento a comunidade e bolsas de estudos como o PROUNI, PROIES e bolsa para dependentes de servidores.

Na IES existem políticas institucionais de pesquisa e extensão que orientam os programas de incentivo para o apoio financeiro na execução de projetos - Programa Institucional de Apoio à Pesquisa, para bolsas acadêmicas de iniciação científica – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e para a divulgação dos conhecimentos da pesquisa e da extensão – Programa Institucional de Apoio à Divulgação do Ensino, Pesquisa e Extensão.

10.1. CONCEPÇÕES E AÇÕES NA EXTENSÃO

Na URCAMP a extensão universitária, como prática acadêmica, tem por políticas:

- I. Articular o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, buscando o comprometimento da comunidade acadêmica com os interesses e necessidades da sociedade;

- II. Ampliar a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão por meio da implementação de projetos interdisciplinares orientados para:
 - a) As Linhas de formação, de investigação e de ação comunitária, previstas no Projeto Pedagógico de Curso (PPC), especialmente Trabalhos de Conclusão de Cursos e propostas de ensino que estimulem a prática investigativa e a ação social;
 - b) As Linhas de Pesquisa associadas aos Grupos de Pesquisa, cadastrados no diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq);
 - c) As Linhas Institucionais de Pesquisa associadas aos Programas ou Cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu, em andamento ou em construção;
 - d) Aos Programas de Extensão e Ação Comunitária, resultantes de projetos e ações de pesquisa e de extensão, orientados para a inovação e responsabilidade social.
- III. Incentivar a expressão da diversidade artístico-cultural;
- IV. Contribuir para o desenvolvimento sustentável social, econômico e ambiental;
- V. Estimular a participação da comunidade em geral na Instituição, em ações e projetos promovendo intercâmbio com outras instituições, respeitando a diversidade cultural e garantindo a participação dos diferentes sujeitos sociais;
- VI. Incentivar a prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social e política, formando profissionais-cidadãos;
- VII. Ampliar a internacionalização, por meio de cursos de idiomas e da articulação as cidades da faixa de fronteira com os países do Mercosul;
- VIII. Oferecer a possibilidade de complementação de componentes curriculares para acadêmicos e atualização para a comunidade por meio de cursos e eventos de extensão;
- IX. Atender as disposições legais, oportunizando espaços de atuação do discente para assegurar, o total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária;
- X. Viabilizar ações indissociáveis de ensino de pesquisa, de extensão e de gestão na perspectiva de uma formação de um futuro profissional socialmente responsável, por meio de ações relacionadas:
- XI. À diversidade, ao meio ambiente, à memória cultural, à produção artística e ao patrimônio cultural;

XII. Ao desenvolvimento econômico e social;

XIII. A defesa e a promoção dos direitos humanos e igualdade étnico-racial.

O curso de Agronomia da URCAMP possui os únicos laboratórios de Solos e de Análise de Sementes da região, qualificados para atenderem demandas dos produtores e empresas agrícolas. Assim o curso de Agronomia tem prestado relevante atuação na extensão universitária.

10.2. CONCEPÇÕES E AÇÕES NA PESQUISA

O acadêmico do curso de Agronomia deve ser estimulado à construção da lógica da pesquisa, à prática extensionista e à escrita acadêmica, para que possa desenvolver competências compatíveis com o campo da sua futura atuação profissional, estabelecendo amplas relações entre a realidade prática e a teoria apreendida em sala de aula.

Portanto, a Iniciação Científica, Tecnológica e de Extensão constitui um processo de formação do acadêmico com vistas à iniciação de atividades investigativas, de aprimoramento da construção do conhecimento e desenvolvimento do espírito crítico analítico.

Desta forma é compreendida como princípio educativo, a partir do qual o acadêmico, seja no espaço da sala de aula formalmente associado a um projeto institucional de pesquisa ou de extensão, exercita a prática da investigação científica, tecnológica ou cultural, no âmbito de sua área de formação.

A pesquisa no curso de Agronomia tem sido realizada no âmbito da Iniciação Científica, Tecnológica e de Extensão, as Mostras de Iniciação Científica realizada pelo curso possibilitado que os estudantes compartilhem seus trabalhos com a comunidade universitária.

A divulgação dessas pesquisas tem se dado no CONGREGA da URCAMP e no SIEP – Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e extensão realizado pela Universidade do Pampa (UNIPAMPA).

11. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A área de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) da IES é responsável pela disponibilização da infraestrutura necessária para os alunos, professores e funcionários utilizarem os diversos recursos de informática para auxílio nas áreas de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão.

Os alunos possuem acesso aos equipamentos de informática e internet nas diversas unidades de ensino e Campus. Professores e alunos possuem um ambiente de apoio ao ensino, cujas ferramentas permitem disponibilizar, na modalidade online, o plano de ensino das disciplinas de graduação, efetuar registros de presença e avaliação, oportunizar fácil comunicação entre professores e alunos, de modo a dinamizar e otimizar o gerenciamento do processo ensino-aprendizagem (Sistema Sagu).

A URCAMP mantém uma equipe de técnicos que dão suporte aos professores e alunos na utilização dos recursos de informática e na manutenção destes. Possui uma política de atualização semestral de equipamentos e softwares priorizando sempre a área acadêmica. A URCAMP possui uma licença campus agrément da Microsoft, que permite a utilização do Microsoft Windows e Microsoft Office em todo o parque de equipamentos, sendo incentivado o uso de outros softwares que não proprietários.

Ainda, como forma de dinamização a URCAMP oportuniza formação aos professores, através de orientações para trabalharem na plataforma Moodle como recurso pedagógico podendo ser utilizada em no máximo 20% da carga horária da disciplina em forma de trabalho semipresencial de acordo com a Portaria nº 4.059 de 10/12/2007.

O curso de Agronomia adota estratégias para promover a capacitação na utilização da ferramenta Moodle, incentivando o corpo docente a produzir material didático pedagógico para ser utilizado na modalidade semipresencial.

12. POLÍTICAS PÚBLICAS E PRINCÍPIOS DE LEGISLAÇÃO

12.1. EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão trouxe à tona o debate acerca da temática das liberdades individuais, da justiça e de inclusão na participação política. Estes direitos disseminam-se na sociedade, mudando tradições e estruturas sociais rígidas, ao passo que desencadeiam consequências inimagináveis e desdobramentos imprevisíveis. Atualmente, as políticas da Instituição contemplam diretrizes vinculadas aos direitos humanos no seio das ações de ensino, pesquisa e extensão.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, disposto no Parecer CNE/CP nº 8, de 06/03/2012, que originou a Resolução CNE/CP nº 1, de 30/05/2012, o Curso de Agronomia atende essas Diretrizes por meio do oferecimento em sua grade curricular, as disciplinas de “Deontologia e Ética Profissional” e “Sociologia”.

12.2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O Curso de Agronomia atende a legislação Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e Decreto nº 4.281 de 25 de junho de 2002, desenvolvendo diversas atividades no seu processo didático-pedagógico envolvendo disciplinas-chaves que contemplam o eixo temático ambiente e sociedade, sendo que as atividades propostas em sala de aula vinculam-se a uma atividade integradora interdisciplinar cujos resultados na metodologia de ensino desenvolvida, proporcionam uma oportunidade ao discente de uma visão global do ambiente.

Ainda, a URCAMP contempla em seu calendário acadêmico um evento anual denominado BIOURCAMP, o qual também possibilita a experiência acadêmica nesta área, com submissão de trabalhos, participação em minicursos e práticas ligadas ao meio ambiente.

Em sua grade curricular o Curso de Agronomia atende as políticas de educação ambiental através dos seguintes componentes curriculares: Introdução a Agronomia, Agroecossistemas, Climatologia Agrícola e Legislação Agrária e Ambiental.

12.3. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA

Nos termos da Lei nº 9.394/96, com a redação dada pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e na Resolução CNE/CP nº 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004, a URCAMP, em suas atividades educativas procura desenvolver a consciência política e histórica da diversidade; o fortalecimento de identidades e de direitos; e ações educativas de combate ao racismo e às discriminações, princípios básicos instituídos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações étnico-raciais.

Os temas das relações étnico-racial são tratados em palestras, durante as semanas acadêmicas, aulas inaugurais dos Cursos da URCAMP, participação na organização e no evento do I Encontro Municipal de Combate ao Racismo Institucional. Nas palestras, objetiva-se mostrar a contribuição dos grupos étnico-raciais na construção da sociedade e cultura brasileira, como também a valiosa contribuição deixada para as mais variadas áreas da ciência.

O Curso de Agronomia desenvolve esta temática visando educar, preservar e difundir o patrimônio cultural afro-brasileiro em conteúdos programáticos de disciplinas como, “Antropologia” e “Sociologia”, onde abordam-se temas pertinentes ao assunto e outras ações complementares como palestras e seminários. As conexões entre ensino, extensão e pesquisa, capazes de tornar o processo de formação mais produtivo, ocorrem por iniciativa tanto de professores como de alunos. Ainda, participa-se dos eventos da Instituição, denominados de Dia da Responsabilidade Social e Semana da Consciência Negra.

12.4. PRINCÍPIOS DE INCLUSÃO

O princípio de atendimento ao aluno, envolve as Políticas Acadêmicas de Inclusão que tem como embasamento a Resolução nº 041/2007 que aprova as Diretrizes Institucionais para a Inclusão do aluno com Necessidades Educativas Especiais no Ensino Superior da URCAMP.

Ao ingressar na instituição o planejamento contempla ações quanto à acessibilidade na adaptação de procedimentos, na organização da proposta pedagógica com enfoque nas metodologias, no emprego de recursos, tecnologias,

adoção de jornada de estudo flexível, no processo avaliativo, e a utilização de apoios especiais como a orientação de estudos e as ajudas técnicas, são essenciais para a compensação das Deficiências Permanentes diagnosticados em laudos técnicos (Visual, Déficit Intelectual, Transtorno Espectro Autista, Dislexia) e Transitórias (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Síndrome de Pânico).

Quanto à acessibilidade atitudinal, a Instituição oferece docentes com especialização em libras, quando houver demanda. O Curso oferece a Disciplina de Libras em sua estrutura. Esta, foi inserida como obrigatória no Curso de Pedagogia e Letras da URCAMP, atendendo o Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, ocorre no período noturno, com carga horária de 30 horas, possibilitando a oferta aos alunos de Agronomia como disciplina complementar ao currículo, atendendo o § 2º do referido Decreto.

Quanto a Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, conforme disposto na Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, a Instituição oferece mecanismos de apoio e acompanhamento psicopedagógicos para alunos PCDs, com transtorno do espectro autista, discalculia, dislexia, entre outros, através do Núcleo de Atendimento ao Docente e Discente - NADD. Dessa forma, o Curso oferece aos seus alunos atendimentos no NADD com profissionais habilitados.

A IES oferece condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, conforme disposto na CF/88, Art. 205, 206 e 208, na Norma Brasileira (NBR) nº 9050/2004, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), na Lei nº 10.098/2000, nos Decretos nº 5.296/2004, nº 6.949/2009, nº 7.611/2011 e na Portaria nº 3.284/2003.

12.5. RESPONSABILIDADE SOCIAL

Além das distintas ações sociais manifestadas neste documento, a URCAMP, como IES comunitária, desenvolve assim como todas as comunitárias do país, um projeto denominado Responsabilidade Social URCAMP, o qual está alinhado com a política nacional. O Curso integra este evento com ações voltadas à prevenção e promoção de práticas ambientais adequadas, tais como saneamento básico, coleta seletiva de lixo, conservação de energia, construções sustentáveis, entre outras. Na instituição, este evento faz parte do calendário anual de atividades.

Como parte do desenvolvimento das políticas de desenvolvimento acadêmico a Instituição desenvolve ações de formação permanente de docentes, através do Programa de Pedagogia Universitária, que é um espaço de estudo e reflexão sobre a docência, que tem os seguintes objetivos:

- a) Qualificar o perfil do docente da URCAMP;
- b) Promover a troca de experiências sobre a ação pedagógica entre os docentes;
- c) Organizar atividades institucionais sobre a pedagogia universitária
- d) Articular o Programa com as diferentes áreas e seus respectivos cursos, detectando necessidades específicas para o desenvolvimento de ações de qualificação pedagógica;
- e) Articular o programa com a avaliação interna e externa, nas suas diferentes dimensões;
- f) Organizar a capacitação para os novos docentes da URCAMP no início de cada semestre letivo.

13. INFRAESTRUTURA

13.1. CAMPUS RURAL

O Campus Rural da URCAMP é composto por uma área campestre onde encontra-se inserida grande parte da estrutura humana e material que dá apoio as diversas atividades teórico-práticas dos cursos de agronomia e medicina veterinária.

Essa estrutura também compreende um Fazenda Escola que se apresenta caracterizada por áreas permanentes de produção animal e vegetal, e contribui com as competências exigidas ao profissional das ciências agrárias, proporcionando ao acadêmico da URCAMP a vivência diferenciada e realística da prática pedagógica junto ao meio rural. Essa característica do contato íntimo com este ambiente fortalece a identidade profissional, prestando com isso relevante contribuição para o setor agropecuário, forte braço da economia municipal, regional e do país.

A Fazenda Escola tem sua existência justificada para o atendimento das necessidades dos alunos praticarem em um local que reproduza as condições externas do mercado de trabalho.

Sendo um espaço multidisciplinar onde os professores que ministram as disciplinas dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária encontram material para a demonstração prática dos conteúdos abordados em sala de aula. Para tanto apresenta a criação e as instalações de manejo para bovinos de corte e leite, ovinos, suínos, aves, equinos além dos setores de produção de apicultura, minhocultura, forragicultura, o pomar, a horta didática e a área experimental para grandes culturas (Quadro 25).

Neste contexto, reconhecendo a importância deste Campus para o ensino, o município de Bagé através da Lei Municipal nº 5207 de 28 de dezembro de 2012 declarou Patrimônio Histórico do Município o Campus Rural da Fundação Áttila Taborda/URCAMP, estabelecendo que o mesmo somente poderá ser utilizado para fins educacionais.

Quadro 25 - Setores e laboratórios do Campus Rural

| Setores e laboratórios | Área |
|---|----------------------|
| Apicultura | 182m ² |
| Biblioteca | 253m ² |
| Oficinas e Galpões de Máquinas | 312m ² |
| Sala de Mecanização Agrícola | 171m ² |
| Pocilgas | 181m ² |
| Maternidade de Suínos | 87m ² |
| Balança | 21m ² |
| Tronco | 38m ² |
| Tambo - Sala de Ordenha | 206m ² |
| Galpão Inseminação | 241m ² |
| Ternereira | 38m ² |
| Estufa Hortaliças - Mudas | 38m ² |
| Estufa Hortaliças - Produção | 361mm ² |
| Laboratório de Solos | 293m ² |
| Laboratório de Anatomia Animal | 129m ² |
| Minhocário | 35m ² |
| Laboratório de Entomologia | 98m ² |
| Aviários | 160m ² |
| Abatedouro | 105m ² |
| Estufa de Aclimação | 288m ² |
| Restaurante | 344m ² |
| Hospital Veterinário | 388m ² |
| Afiteatro | 109m ² |
| Laboratório de Bromatologia | 59m ² |
| Laboratório de Reprodução | 35m ² |
| Sala do Grupo de Estudos em Produção Agropecuária | 42m ² |
| Laboratório de Tecnologia de Alimentos | 48m ² |
| Laboratório de Microvinificação | 41m ² |
| Herbário Nicanor Risch | 12m ² |
| Horta | 10.000m ² |

| | |
|--------------|----------------------|
| Fruticultura | 20.000m ² |
| Piscicultura | 10.000m ² |

Quadro 26 - existências animais, junto ao Campus Rural (em 31/12/2017).

| Espécie | |
|--------------------|-------------------|
| Categoria | Número de Animais |
| Bovinos | |
| Vacas de cria | 69 |
| Vacas de leite | 10 |
| Terneiros | 24 |
| Terneiras | 20 |
| Terneiros sobreano | 10 |
| Terneiras sobreano | 15 |
| Novilhos | 13 |
| Novilhas | 21 |
| Vacas de descarte | 13 |
| Bois | 07 |
| Touros | 03 |
| Total | 205 |
| Ovinos | |
| Ovelhas | 62 |
| Cordeiros | 10 |
| Cordeiras | 28 |
| Borregos | 14 |
| Carneiros | 04 |
| Total | 118 |
| Equinos | |
| Éguas | 07 |
| Cavalos | 12 |
| Potranca | 01 |
| Potrancos | 02 |

| | |
|---------|-----------|
| Total | 22 |
| Muar | |
| Burro | 01 |
| Suínos | |
| Porcas | 09 |
| Cachaço | 01 |
| Total | 10 |
| Total | |

14. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

14.1. CENTRAL DO ALUNO

A Central do Aluno está destinada a prestar informações institucionais tornando-se um canal de relacionamento entre Instituição e alunos. Foi criada especialmente para proporcionar ao aluno um atendimento mais eficiente e eficaz em suas necessidades. Possui as informações do campus e presta serviços de protocolo, encaminhando às Secretarias as solicitações feitas pelos alunos. Engloba os serviços do Setor de Atendimento Financeiro, como emissão de boletos, negociação e registros de benefícios sob a supervisão das pró-reitorias.

Alguns dos serviços à disposição dos alunos e visitantes na Central do Aluno:

- a) Orientações específicas sobre os procedimentos acadêmicos da instituição;
- b) Orientações sobre atividades realizadas no campus;
- c) Alteração de dados pessoais do cadastro do aluno;
- d) Emissão de Declaração de escolaridade e outros;
- e) Emissão de Histórico escolar;
- f) Fornecimento de Conteúdo programático;
- g) Solicitação de registro de diplomas;
- h) Assinatura de contrato de estágio;
- i) Cancelamento de matrícula;
- j) Colação de Grau Especial ou Interna;
- k) Reabertura de Matrículas;
- l) Trancamentos de Matrículas;
- m) Recepção de Curso e/ou turno;
- n) Transferência e Aproveitamento de Curso;
- o) Revisão de Notas e/ou Frequência;
- p) E outros serviços.

Vinculado à Central de Atendimento ao Aluno encontra-se, também, o Registro Acadêmico (RA), setor responsável por registrar e manter confiáveis todos os dados institucionais de seus acadêmicos. A Central do Aluno está instalada no Campus Sede de Bagé com atendimento tarde e noite, sendo que quartas e sextas o atendimento é no período da manhã e tarde.

14.2. SECRETARIA DO CURSO

O Centro de Ciências Exatas e Ambientais (CCEA) possui uma Secretaria Unificada que atende quatro cursos, inclusive o de Engenharia Civil. Fica localizada no pavimento térreo do Campus esportivo (Corujão), com uma área física de 16,00m², possuindo iluminação e ventilação natural, que atende as determinações do Código de Obras do município de Bagé. Apresenta mobiliário compatível com a atividade desenvolvida (Quadro 27).

As atribuições da secretaria são:

- a) Confecção de Atestados e Certificados;
- b) Elaboração de Ofícios;
- c) Fornecimento de Fichas de Frequência de Estágios e Monitorias;
- d) Informações sobre históricos;
- e) Recebimento e digitação de Atividades Complementares;
- f) Registro de Atividades Integradoras;
- g) Digitação de validades internas e externas;
- h) Confecção de Crachás;
- i) Informação de horários;
- j) Agendamento e recebimento de Monografias;
- k) Informações referente às salas de aula;
- l) Confecção e divulgação de avisos nos murais;
- m) Envio de e-mails;
- n) Cadastramento de alunos no sistema;
- o) Realização de matrículas, permutas, inclusão e exclusão de disciplinas, etc.

Em relação aos professores, a Secretaria desenvolve os seguintes serviços:

- a) Cópias de prova e trabalhos;
- b) Auxilia no material de apoio para aulas;
- c) Emissão de atas de prova;
- d) Controle e recebimento de documentos (atas, diários, planos, relatórios);
- e) Envio de e-mails, entre outros.

Para a acomodação de materiais próprios, é disponibilizado para os professores: Armário de aço com 16 portas individuais para guarda de utensílios; estantes de Aço para guarda de livros e trabalhos (Quadro 27).

Quadro 27 - Recursos materiais da Secretaria Acadêmica do Centro de Ciências Exatas e Ambientais.

| Especificação | Quantidade |
|--------------------------|-------------------|
| Armário de 2 portas | 6 |
| Balcão com 2 prateleiras | 1 |
| Cadeira giratória | 2 |
| Cadeira fixa | 3 |
| Computador | 2 |
| Impressora HP Laser | 1 |
| Mesa Escrivaninha | 2 |
| Telefone | 1 |
| Ventilador de teto | 1 |

Quadro 28 - Outras instalações do Centro de Ciências Exatas e Ambientais.

| Especificação | Quantidade | Área (m²) |
|---------------------------|-------------------|-----------------------------|
| Hall de Acesso/Circulação | 02 | 473,98 |
| Sanitário de professores | 01 | 2,96 |
| Sanitário feminino | 04 | 34,28 |
| Sanitário masculino | 04 | 30,36 |
| Sanitário P.N.E | 01 | 3,18 |
| Bar | 01 | 16,00 |

Quadro 29 - Recursos Materiais no acesso a sala dos professores.

| Especificação | Quantidade |
|--|-------------------|
| Armário de aço com 16 portas individuais para guarda de utensílios dos professores | 2 |
| Estantes de Aço para guarda de livros e trabalhos dos professores | 4 |

14.3. SALA DE COORDENAÇÃO DE CURSO

A coordenação de curso possui gabinete próprio, mobiliado com mesa, cadeiras, armários, computador, impressora, telefone e ar-condicionado. Estando dentro dos parâmetros legais do Código de Obras do município quanto aos aspectos de ventilação e iluminação natural, dimensão adequada ao uso, acessível com

conservação e limpeza. Os recursos materiais disponíveis na sala do coordenador do curso são adequados para a função (Quadro 30).

Os alunos e professores tem acesso fácil e o encaminhamento é feito pela secretária em sala específica e adequada a sua função. O coordenador também possui notebook pessoal, que de uma maneira geral utiliza para suas atividades, visto a sala possuir conexão com internet wireless.

Quadro 30 - Recursos materiais disponíveis na sala do coordenador do curso.

| Especificação | Quantidade |
|----------------------------|-------------------|
| Armário | 2 |
| Cadeira giratória estofada | 1 |
| Computador com Impressora | 1 |
| Mesa escrivaninha | 1 |
| Rack para computador | 1 |
| Telefone | 1 |

14.4. SALA DE REUNIÕES E ORIENTAÇÃO

O Curso de Agronomia dispõe de uma sala exclusiva para reuniões com 33,38m² e iluminação e ventilação natural, atendendo as condições de conservação e limpeza, acústica, acessibilidade e comodidade, possuindo mesas, cadeiras, estantes e acesso à internet.

As condições da sala são adequadas às necessidades dos docentes para além de reuniões, realizar estudos, reflexões pertinentes ao Curso e atendimento ao aluno. Os recursos materiais da sala de reuniões e orientação pedagógica é adequado à atividade (Quadro 31).

Quadro 31 - Recursos materiais da sala de reuniões e orientação pedagógica.

| Especificação | Quantidade |
|---------------------------------|-------------------|
| Cadeiras Estofadas | 10 |
| Mesa retangular | 2 |
| Estante para guarda de maquetes | 1 |
| Mesas auxiliares | 2 |

14.5. SALA DE PROFESSORES

O curso dispõe de uma sala exclusiva para docentes com área física de 40m², iluminada e ventilada naturalmente, atendendo as condições de conservação, limpeza e acessibilidade. Ainda, há um banheiro.

Os professores utilizam a sala para suas atividades e durante os intervalos. Em geral usam notebooks pessoais, visto a sala possuir conexão com internet wireless e a cabo. Além disso estão disponíveis dois computadores de mesa com acesso a impressora (Quadro 32).

14.5.1. Sala de Professores com Tempo Integral e NDE

O curso dispõe de uma sala, com área física de 29m², exclusiva para os professores com Tempo Integral (TI) e Núcleo Docente Estruturante (NDE), situada próximo a sala de professores e da coordenação, possuindo iluminação e ventilação natural, banheiro, atendendo as condições de conservação, limpeza e acessibilidade, sendo equipada com mesas de reunião, cadeiras, mesas com computadores, estantes e acesso à Internet.

Quadro 32 - Recursos Materiais na sala dos professores.

| Especificação | Quantidade |
|--|-------------------|
| Armário para guarda de materiais | 1 |
| Cadeira fixa estofada em azul | 6 |
| Cafeteira | 1 |
| Computador | 2 |
| Gaveteiro com 30 gavetas e 14 escaninhos | 1 |
| Armário suspenso com porta e 20 escaninhos | 1 |
| Cadeiras estofadas | 10 |
| Poltronas estofadas | 3 |
| Mesa para dois computadores | 1 |

| | |
|-----------------------|---|
| Ventilador de teto | 1 |
| Conjunto de estofados | 1 |
| Mesa redonda | 2 |
| Mesa para café | 1 |

14.6. AUDITÓRIOS

Os auditórios são destinados para atendimento às atividades dos diferentes cursos. Equipados com som e projetor de imagem, assentos almofadados e ar condicionado, favorecem a realização de palestras e seminários. A área, a capacidade e o horário de funcionamento são apresentados no quadro 33.

Quadro 33 - Instalações para Auditórios/Salas de conferência

| Instalações | Área (m²) | Capacidade | Horário de funcionamento |
|---|-----------------------------|-------------------|---------------------------------|
| Salão de Atos (Campus Central) | 103,33 | 100 pessoas | 8:00 às 22:00 |
| Auditório (Campus Rural) | 103,33 | 117 pessoas | 8:00 às 17:15 |
| Sala Multimeios (Campus Esportivo) | 75,50 | 70 pessoas | 8:00 às 22:00 |
| Complexo Cultural do Museu Dom Diogo de Souza | 512,00 | 360 pessoas | 8:00 às 22:00 |
| Teatro da Gravura Brasileira | 291,65 | 90 pessoas | 8:00 às 22:00 |

14.7. AMBIENTES DE APRENDIZAGEM

14.7.1. Salas de Aula

O curso de Engenharia Agronomia dispõe de 17 (dezesete) salas de aulas, iluminadas e ventiladas naturalmente, suficientes para atender aos 10 semestres constituintes do currículo.

As disciplinas com atividades em grupo, previstas no currículo, do curso são realizadas em sala com material e espaço adequados, sendo disponibilizado equipamentos multimídia, entre outros recursos, que se encontram disponíveis na

secretaria do curso para utilização com agendamento prévio. A área e a capacidade das salas de aula são apresentadas no quadro 34.

Quadro 34 - Ambientes de aprendizagem/salas de aula.

| Especificação | Área (m²) | Capacidade (número de alunos) |
|-----------------------------------|-----------------------------|--|
| Laboratório de Física | 59,50 | 30 |
| Laboratório Informática - 01 | 41,65 | 34 |
| Laboratório Informática - 02 | 33,42 | 36 |
| Laboratório Informática - 03 | 15,42 | 6 |
| Laboratório Informática - 04 | 41,43 | 36 |
| Laboratório de Química | 46,40 | 30 |
| Laboratório de Topografia | 62,30 | 35 |
| Laboratório de Sementes | | |
| Laboratório de Solos e Corretivos | | |
| Sala de aula- 0B (Campus Central) | 52,85 | 25 |
| Sala de aula- 4C (Campus Central) | 59,55 | 57 |
| Sala de aula- 5C (Campus Central) | 59,72 | 63 |
| Sala de aula – 04 | 39,19 | 30 |
| Sala de aula - 16 | 39,19 | 30 |
| Sala de aula - 19 | 71,97 | 35 |
| Sala de aula - 20 | 71,97 | 40 |
| Sala de aula - 21 | 72,03 | 70 |
| Sala de aula - 22 | 34,53 | 14 |
| Sala de aula - 23 | 54,17 | 20 |
| Sala de aula - 24 | 58,48 | 20 |
| Sala de aula - 26 | 73,53 | 30 |
| Sala de aula - 27 | 36,95 | 40 |
| Sala de aula - 28 | 36,95 | 40 |

| | | |
|-------------------|-------|----|
| Sala de aula - 29 | 30,10 | 20 |
| Sala de aula - 30 | 30,10 | 20 |

14.8. LABORATÓRIOS ESPECIALIZADOS

14.8.1. Laboratório de Física

O Laboratório de Física, que atende as disciplinas de Física I, Física II e Eletrotécnica do Curso de Engenharia Civil e de Agronomia, está localizado no Campus Central da URCAMP (Avenida Tupy Silveira nº 2099 – Bagé), conjugado a uma sala de aula, com 59,50m², possui as seguintes características:

- a) Laboratórios com capacidade para 30 estudantes;
- b) Bancadas de apoio para desenvolvimento das aulas práticas;
- c) Equipamentos específicos para atender as necessidades apresentadas nas ementas de cada disciplina.

14.8.2. Laboratório de Topografia

O Laboratório de Topografia atende as disciplinas de Topografia e Topografia Aplicada para os cursos de Agronomia, Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil. Ainda, conforme a demanda, atende outras disciplinas dos currículos dos referidos cursos que necessitem de dados topográficos, como disciplinas de projetos, Irrigação e Drenagem Agrícola, Manejo e Produção Florestal, Construções Rurais e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). As orientações de seu funcionamento estão descritas em seu manual disponível no local.

O laboratório está localizado no Campus Central da URCAMP (Avenida Tupy Silveira nº 2099 – Bagé), ocupando uma sala de aula com aproximadamente 62,30m², com 35 lugares e mobiliário para as aulas, onde também, estão alocados os equipamentos, como Estação Total e Nível, que são utilizados nas aulas práticas das referidas disciplinas.

14.8.3. Laboratório de Análise de Solos e Corretivos

O Laboratório de Análises de Solos e Corretivos está localizado no Campus Rural (Passo do Peres, sem número, Bagé), onde atende as disciplinas do Curso de Agronomia, entre as quais a de Morfologia e Gênese do Solo, de Classificação dos Solos, de Fertilidade dos Solos e de Manejo e Conservação dos Solos, na realização de aulas práticas, projetos de extensão e iniciação científica dos discentes.

Ainda, o laboratório é credenciado pela Sociedade Brasileira de Ciências do Solo na Rede Oficial de Laboratórios de Análise de Solo e de Tecido Vegetal dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (ROLAS) e presta serviços na análise química de solos para a comunidade da região.

Sendo assim, dispões de equipamentos necessário (Quadro 35) para atender a demanda de trabalho e as questões de qualidade exigidas pela rede.

Quadro 35 - Equipamentos do Laboratório de Análises de Solos e Corretivos.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|--------------|-------------------|---|
| 01 | 01 | Estufa Biomatic 20 à 120Cº Tipo 1356 nº 181 Amp. 4/8 |
| 02 | 01 | Estufa de marca Fanem para secagem de solos, modelo 330 |
| 03 | 01 | Banho-Maria marca Biomatic de 0 à 120Cº, capacidade para 50 amostras de MO em Erlenmeyer de 50 ml |
| 04 | 01 | Mesa agitadora horizontal, capacidade para 240 frascos de erlenmeyer de 50 ml com amostras de solos |
| 05 | 01 | Balança Eletrônica Digital de marca Acatec, modelo BEC 1000, capacidade de 0 à 1000 g |
| 06 | 01 | Medidor de pH de marca Digimed DM PH-2 MOD, com Eletrodo Analion |
| 07 | 01 | Moinho de Solos com martelos para moer solos |
| 08 | 01 | Agitador Elétrico para peneiras de 0,037 à 2,00 |
| 09 | 01 | Jogo de peneiras com malhas grossas (08 unidades) |
| 10 | 01 | Espectrofotômetro de Chama FC-180 de marca CELM com Compressor de ar para medir K, Na e Li |
| 11 | 01 | Colorímetro SC 90D de marca Procyon para medir P e MO |
| 12 | 02 | Estabilizador automático de marca Intral |
| 13 | 01 | Balança analítica Comodata nº 1045 |
| 14 | 01 | Diluidor / Dispensador, semi-automático M-Tecnal / M. Mod. TE3000 |
| 15 | 01 | Diluidor / Dispensador, semi-automático M-Tecnal / M. Mod. TE 301 |

| | | |
|----|----|---|
| 16 | 01 | Fotocolorímetro marca Hoeffel |
| 17 | 01 | Estabilizador PC plus 1/0,5 500va EletricWare |
| 18 | 01 | Agitador Magnético Gallenkamp para leitura em titulométrica das análises de solos |
| 19 | 01 | Agitador Heidolph Elektro KG Kelheim nº 170-1700/20 - 200 para agitar o pH |
| 20 | 02 | Centrífuga marca Fanem Ltda Excelsa Baby, modelo 208, nº 123.072 e 123.073, kw 0,44, 220 Ws |

Quadro 36 - Vidraria do Laboratório de Análises de Solos e Corretivos..

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|---------------------------------------|
| 01 | 192 | Erlenmeyer de 250 ml |
| 02 | 242 | Erlenmeyer de 125 ml |
| 03 | 300 | Erlenmeyer de 50 ml |
| 04 | 01 | Erlenmeyer de 6000 ml |
| 05 | 02 | Kitassatos de 2000 ml |
| 06 | 02 | Kitassatos de 1000 ml |
| 07 | 02 | Funil de vidro tamanho grande |
| 08 | 31 | Funil de vidro tamanho médio |
| 09 | 05 | Funil analítico tamanho grande |
| 10 | 04 | Funil analítico tamanho médio |
| 11 | 01 | Funil analítico tamanho pequeno |
| 12 | 02 | Copo de Becker de 1000 ml |
| 13 | 02 | Copo de Becker de 400 ml |
| 14 | 13 | Copo de Becker de 250 ml |
| 15 | 15 | Copo de Becker de 50 ml |
| 16 | 78 | Frasco de SNAP-CAP 90 ml para K |
| 17 | 40 | Frasco de SNAP-CAP 90 ml para textura |
| 18 | 03 | Balão volumétrico de 2000 ml |
| 19 | 02 | Balão volumétrico de 1000 ml |
| 20 | 05 | Balão volumétrico de 500 ml |
| 21 | 10 | Balão volumétrico de 250 ml |
| 22 | 03 | Balão volumétrico de 200 ml |

| | | |
|----|----|--|
| 23 | 07 | Balão volumétrico de 100 ml |
| 24 | 09 | Balão volumétrica de 50 ml |
| 25 | 01 | Proveta de 1000 ml |
| 26 | 02 | Proveta de 500 ml |
| 27 | 03 | Proveta de 250 ml |
| 28 | 04 | Proveta de 100 ml |
| 29 | 04 | Proveta de 50 ml |
| 30 | 02 | Proveta de 25 ml |
| 31 | 01 | Micro-Bureta para titulométrica de Cálcio e Magnésio |
| 32 | 03 | Bureta de 50 ml |
| 33 | 03 | Bureta de 25 ml |
| 34 | 01 | Pipeta volumétrica de 30 ml |
| 35 | 03 | Pipeta volumétrica de 50 ml |
| 36 | 07 | Pipeta volumétrica de 25 ml |
| 37 | 02 | Pipeta volumétrica de 20 ml |
| 38 | 02 | Pipeta volumétrica de 10 ml |
| 39 | 05 | Pipeta cilíndrica de 25 ml |
| 40 | 05 | Pipeta cilíndrica de 10 ml |
| 41 | 04 | Pipeta cilíndrica de 5 ml |
| 42 | 02 | Pipeta cilíndrica de 2 ml |
| 43 | 05 | Pipeta cilíndrica de 1 ml |
| 44 | 01 | Funil de Buschner médio |
| 45 | 01 | Funil de Buschner pequeno |
| 46 | 05 | Gral de porcelana tamanho médio |
| 47 | 02 | Pistilo tamanho médio |
| 48 | 03 | Bastão de vidro |

14.8.4. Laboratório de Bromatologia

O Laboratório de Bromatologia está localizado no Campus Rural (Passo do Peres, sem número, Bagé), onde atende as disciplinas dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, entre elas as disciplinas de Bromatologia, de Nutrição e

Alimentação Animal I e II, na realização de aulas práticas, projetos de extensão e iniciação científica dos discentes. Ainda, presta serviços nas análises bromatológicas e recomendação de ração para a comunidade da região, produtores rurais e técnicos.

Sendo assim, dispões de equipamentos necessário (Quadro 36 e 37) para atender a demanda de trabalho e as questões de qualidade.

Quadro 36 - Equipamentos do Laboratório de Bromatologia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|--------------|-------------------|---|
| 01 | 01 | Balança Analítica Orling London |
| 02 | 01 | Estufa SOC. FABBE LTDA. |
| 03 | 01 | Estufa Biomatic |
| 04 | 01 | Mufla Tecno Lab |
| 05 | 01 | Lavador de Pipetas SOC. FABBE LTDA. |
| 06 | 01 | Digestor de Proteínas Quimis |
| 07 | 01 | Digestor de Fibras |
| 08 | 01 | Digestor de Proteínas TECNAL TE-036/1 |
| 09 | 01 | Digestor de Gordura PRODICIL |
| 10 | 01 | Destilador de Fibra MARCONI |
| 11 | 01 | Destilador de Nitrogênio MA 036 MARCONI |

Quadro 37 - Vidraria do Laboratório de Bromatologia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|--------------|-------------------|---------------------|
| 01 | 23 | Erlenmeyer de 50 ml |
| 02 | 10 | Funil grande |
| 03 | 07 | Funil médio |
| 04 | 11 | Funil pequeno |
| 05 | 04 | Balão de 25 ml |
| 06 | 58 | Balão de 250 ml |
| 07 | 10 | Balão de 500 ml |

| | | |
|----|----|---------------------------------|
| 08 | 07 | Balão de 1000 ml |
| 09 | 20 | Balão de 200 ml |
| 10 | 12 | Proveta de 500 ml |
| 11 | 12 | Proveta de 1000 ml |
| 12 | 06 | Proveta de 250 ml |
| 13 | 16 | Proveta de 100 ml |
| 14 | 07 | Proveta de 50 ml |
| 15 | 04 | Proveta de 25 ml |
| 16 | 02 | Balão de fundo chato de 4000 ml |
| 17 | 05 | Balão de fundo chato de 1000 ml |
| 18 | 09 | Balão de fundo chato de 500 ml |
| 19 | 02 | Balão de fundo chato de 100 ml |
| 20 | 07 | Balão de fundo chato de 250 ml |
| 21 | 03 | Erlenmeyer de 2000 ml |
| 22 | 06 | Erlenmeyer de 1000 ml |
| 23 | 72 | Erlenmeyer de 500 ml |
| 24 | 04 | Erlenmeyer de 300 ml |
| 25 | 10 | Erlenmeyer de 125 ml |
| 26 | 56 | Erlenmeyer de 250 ml |
| 27 | 30 | Pipeta volumétrica de 50 ml |
| 28 | 23 | Pipeta volumétrica de 250 ml |
| 29 | 12 | Pipeta volumétrica de 20 ml |
| 30 | 18 | Pipeta volumétrica de 10 ml |
| 31 | 21 | Pipeta volumétrica de 5 ml |
| 32 | 21 | Pipeta volumétrica de 2 ml |
| 33 | 19 | Pipeta volumétrica de 1 ml |
| 34 | 26 | Pipeta cilíndrica de 50 ml |
| 35 | 18 | Pipeta cilíndrica de 25 ml |
| 36 | 20 | Pipeta cilíndrica de 20 ml |

| | | |
|----|----|----------------------------------|
| 37 | 38 | Pipeta cilíndrica de 10 ml |
| 38 | 37 | Pipeta cilíndrica de 5 ml |
| 39 | 33 | Pipeta cilíndrica de 2 ml |
| 40 | 24 | Pipeta cilíndrica de 1 ml |
| 41 | 16 | Pipeta cilíndrica de 0,1 ml |
| 42 | 01 | Copo graduado de 1000 ml |
| 43 | 07 | Copo graduado de 500 ml |
| 44 | 07 | Copo graduado de 250 ml |
| 45 | 02 | Copo graduado de 600 ml |
| 46 | 01 | Copo graduado de 30 ml |
| 47 | 03 | Copo de Becker de 1000 ml |
| 48 | 04 | Copo de Becker de 500 ml |
| 49 | 03 | Copo de Becker de 400 ml |
| 50 | 08 | Copo de Becker de 250 ml |
| 51 | 02 | Copo de Becker de 150 ml |
| 52 | 02 | Copo de Becker de 50 ml |
| 53 | 03 | Kitassato de 1000 ml |
| 54 | 02 | Kitassato de 500 ml |
| 55 | 06 | Kitassato de 250 ml |
| 56 | 03 | Funil de Buch |
| 57 | 12 | Tubo de Ensaio pequeno |
| 58 | 06 | Cápsula de porcelana |
| 59 | 03 | Bureta de 25 ml |
| 60 | 03 | Vidro de relógio grande |
| 61 | 22 | Vidro de relógio pequeno e médio |
| 62 | 02 | Tenazes |
| 63 | 12 | Bastão de vidro |
| 64 | 06 | Estante de tubo de ensaio |
| 65 | 01 | Dessecador grande |

| | | |
|----|----|--|
| 66 | 01 | Dessecador grande sem tampa |
| 67 | 01 | Dessecador pequeno sem tampa |
| 68 | 01 | Reservatório pequeno de vidro, para água destilada |

14.8.5. Laboratório de Microscopia

O laboratório de microscopia (Quadro 38) é multidisciplinar, pois serve as disciplinas do ciclo básico como Morfologia Vegetal, Botânica Sistemática, Fisiologia Vegetal, entre outras disciplinas que dependam do uso de microscópios e lupas para realização das atividades teórico/práticas.

Quadro 38 - Equipamentos do Laboratório de Microscopia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|-----------------------------------|
| 01 | 21 | Microscópios Marca Carl Zeiss |
| 02 | 05 | Microscópios Marca Oimpus Tokio |
| 03 | 02 | Microscópios Marca Taimin |
| 04 | 01 | Microscópio Marca Coleman |
| 05 | 01 | Microscópio Modelo XSP - 1038 |
| 06 | 01 | Estufa Biomatic |
| 07 | 08 | Lupas Olympus |
| 08 | 01 | TV 14" Philips com vídeo acoplado |
| 09 | 01 | Câmara KodaK Digital |
| 10 | 01 | Geladeira Brastemp |
| 11 | 06 | Luminárias |
| 12 | 01 | Balança Spoldzielnia Pracy |
| 13 | 01 | Autoclave SOC. FABBE LTDA. |
| 14 | 01 | Estufa Biomatic |

Quadro 39 - Vidraria do Laboratório de Microscopia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|-------------------------|
| 01 | 06 | Placas de Petry grandes |

| | | |
|----|----|---------------------------|
| 02 | 01 | Funil grande |
| 03 | 02 | Erlenmeyer de 50 ml |
| 04 | 09 | Erlenmeyer de 125 ml |
| 05 | 13 | Erlenmeyer de 250 ml |
| 06 | 01 | Funil pequeno |
| 07 | 04 | Funil médio |
| 08 | 14 | Kitasato |
| 09 | 05 | Proveta de 50 ml |
| 10 | 02 | Béquer de 250 ml |
| 11 | 03 | Béquer de 500 ml |
| 12 | 02 | Erlenmeyer de 1000 ml |
| 13 | 02 | Erlenmeyer de 2000 ml |
| 14 | 01 | Copo de Berzéli de 250 ml |
| 15 | 01 | Copo de Berzéli de 125 ml |
| 16 | 01 | Copo de Berzéli de 500 ml |
| 17 | 10 | Copo de Borél |
| 18 | 22 | Taça * |
| 19 | 35 | Placa de Petry pequena |
| 20 | 30 | Tubo de Ensaio |

14.8.6. Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia

O Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia contempla uma estrutura para a realização de diagnoses de doenças de culturas, oriundas de pesquisas, da extensão e da comunidade local. Academicamente pode atender as demandas teórico/práticas das disciplinas de Fitopatologia I e II, além das disciplinas ligadas a área de Fitotecnia, como por exemplo de Cultivos Agrícolas, Fruticultura, Olericultura e Agrostologia.

Quadro 40 - Equipamentos do Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|-----------|
|-------|------------|-----------|

| | | |
|----|----|--|
| 01 | 01 | Forno Pasteur SOC. FABBE LTDA para secagem e esterilização de material |
| 02 | 01 | Estufa Bacteriológica Biomatic para meio de cultura |
| 03 | 01 | Microscópio Nikow com câmara fotográfica |
| 04 | 01 | Autoclave SOC. FABBE LTDA |
| 05 | 01 | Agitador Magnético Fanen |
| 06 | 01 | Forno Microondas CCE 23 litros |
| 07 | 01 | Refrigerador Prosdócimo 30 litros |
| 08 | 01 | Fogão a gás com duas bocas |
| 09 | 02 | Bicos de Bunsen |
| 10 | 01 | Centrífuga Fanew LTDA |
| 11 | 01 | Bancada para exames |
| 12 | 03 | Mesa de laboratório |
| 13 | 04 | Cadeira |
| 14 | 03 | Banco pequeno |
| 15 | 02 | Armário para guardar material / meios |
| 16 | 04 | Bandeja de alumínio |
| 17 | 02 | Bandeja plástica |
| 18 | 02 | Estante Epoxi Pequena |
| 19 | 02 | Estante Epoxi Média |
| 20 | 02 | Estante Epoxi Grande |
| 21 | 02 | Estante plástica |
| 22 | 01 | Pipetador Automático Marro-Brand |
| 23 | 01 | Pipetador Manual |
| 24 | 01 | Estante de Madeira com 4 prateleiras |
| 25 | 01 | Ventilador |
| 26 | 01 | Estufa |
| 27 | 02 | Becker de 1000 ml |
| 28 | 01 | Becker de 500 ml |
| 29 | 01 | Becker de 250 ml |
| 30 | 01 | Becker de 100 ml |

| | | |
|----|-----|---------------------------------------|
| 31 | 12 | Becker de 50 ml |
| 32 | 03 | Erlenmeyer de 2000 ml |
| 33 | 03 | Erlenmeyer de 1000 ml |
| 34 | 25 | Erlenmeyer de 500 ml |
| 35 | 04 | Erlenmeyer de 250 ml |
| 36 | 07 | Erlenmeyer de 125 ml |
| 37 | 02 | Erlenmeyer de 50 ml |
| 38 | 01 | Proveta de 1000 ml |
| 39 | 02 | Proveta de 500 ml |
| 40 | 03 | Proveta de 250 ml |
| 41 | 02 | Proveta de 100 ml |
| 42 | 02 | Proveta de 50 ml |
| 43 | 03 | Pipeta de 25 ml |
| 44 | 32 | Pipeta de 20 ml |
| 45 | 25 | Pipeta de 10 ml |
| 46 | 26 | Pipeta de 5 ml |
| 47 | 46 | Pipeta de 2 ml |
| 48 | 28 | Pipeta de 1 ml |
| 49 | 06 | Pipeta Brucelose 0,2 |
| 50 | 240 | Pipeta Pasteur Descartável de Vidro |
| 51 | 01 | Tela de Amianto |
| 52 | 01 | Tripé de Ferro |
| 53 | 01 | Funil grande de ferro |
| 54 | 02 | Funil médio de ferro |
| 55 | 01 | Funil pequeno de ferro |
| 56 | 02 | Kitassato grande |
| 57 | 01 | Kitassato médio |
| 58 | 01 | Reservatório para água destilada |
| 59 | 02 | Jarras |
| 60 | 03 | Jarras plásticas graduadas de 1000 ml |

| | | |
|----|----|------------------------------------|
| 61 | 12 | Placas de Petry de vidro |
| 62 | 40 | Placa de Petry Descartável Pequena |

14.8.7. Laboratório de Química de Alimentos

O Laboratório de Química de Alimento e Microvinificação atende as disciplinas de Química Geral e as de Tecnologia de Produtos Agrícolas. Desenvolve atividades de pesquisa, extensão e inovação, com a produção de vinhos e participação de discentes de Iniciação Científica e voluntários.

Quadro 40 - Equipamentos do Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|-----------------------------|
| 01 | 03 | Bureta de 25 ml |
| 02 | 01 | Bureta de 50 ml |
| 03 | 02 | Pipeta graduada de 1 ml |
| 04 | 02 | Pipeta graduada de 2 ml |
| 05 | 02 | Pipeta graduada de 5 ml |
| 06 | 03 | Pipeta graduada de 10 ml |
| 07 | 01 | Pipeta graduada de 25 ml |
| 08 | 08 | Bastão de vidro |
| 09 | 12 | Tubo de ensaio |
| 10 | 01 | Pipeta volumétrica de 5 ml |
| 11 | 01 | Pipeta volumétrica de 20 ml |
| 12 | 01 | Gral e Pistilo |
| 13 | 01 | Proveta de 15 ml |
| 14 | 03 | Proveta de 50 ml |
| 15 | 02 | Proveta de 100 ml |
| 16 | 02 | Proveta de 500 ml |
| 17 | 01 | Proveta de 1000 ml |
| 18 | 06 | Balão volumétrico de 100 ml |

| | | |
|----|----|---|
| 19 | 02 | Balão volumétrico de 250 ml |
| 20 | 01 | Balão volumétrico de 500 ml |
| 21 | 02 | Balão volumétrico de 1000 ml |
| 22 | 04 | Funil de vidro |
| 23 | 03 | Kitasato |
| 24 | 02 | Becker de 600 ml |
| 25 | 01 | Becker de 250 ml |
| 26 | 04 | Becker de 100 ml |
| 27 | 05 | Becker de 50 ml |
| 28 | 01 | Centrífuga para leite |
| 29 | 02 | Vidro Relógio grande |
| 30 | 08 | Vidro Relógio pequeno |
| 31 | 03 | Lactofotômetro |
| 32 | 01 | Aerômetro de Baume |
| 33 | 01 | Mortímetro de Baso |
| 34 | 24 | Butirômetro |
| 35 | 01 | Alcômetro Gay-Lussac |
| 36 | 01 | Balança Marte Mod 500 carga máxima de 100 g |
| 37 | 20 | Bico de Bunsen |
| 38 | 01 | Balança Semi-Analítica LABOR |
| 39 | 01 | Cilindro de CO ₂ de 25 kg |
| 40 | 01 | Liquidificador |
| 41 | 01 | Destilador FABBE |
| 42 | 01 | Deionizador Permuton |
| 43 | 01 | Reservatório de água destilada |
| 44 | 04 | Tripé com tela de amianto |
| 45 | 01 | Capela |
| 46 | 01 | Moinho Elos |
| 47 | 01 | Refratômetro manual escala 0-90 |
| 48 | 02 | Copos graduados de 125 ml |

| | | |
|----|----|-----------------------|
| 49 | 01 | Buchuam Funil grande |
| 50 | 01 | Buchuam Funil pequeno |
| 51 | 02 | Erlenmeyer de 6000 ml |

14.8.8. Laboratório de Sementes

O Laboratório de Semente está localizado no INTEC, atendendo aos cursos de Agronomia e Biologia, na realização de aulas práticas, projetos de extensão e iniciação científica dos discentes. Ainda, presta serviços nas análises de sementes como credenciado a Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) para a comunidade da região, produtores rurais e técnicos.

Sendo assim, dispõe de equipamentos necessário (Quadro 40) para atender a demanda de trabalho e as questões de qualidade.

Quadro 40 - Equipamentos do Laboratório de Microbiologia e Fitopatologia.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|---|
| 01 | 01 | Aparelho de fax - Philco Phax – 201 |
| 02 | 06 | Aparelho de telefone |
| 03 | 01 | Aparelho determinação umidade (Elopan) |
| 04 | 01 | Aquecedor pequeno vermelho |
| 05 | 03 | Aquecedores grandes – James |
| 06 | 01 | Ar condicionado - Consul - 1000 BTUs |
| 07 | 01 | Ar condicionado - Consul 4700 |
| 08 | 03 | Ar Condicionado Consul 12.000 BTUS |
| 09 | 01 | Ar condicionado - Springer SSO 71 |
| 10 | 01 | Aspirador pó - Prosdócimo hydrovac A20 |
| 11 | 01 | Balança peso hectolítrico - Dalle molle |
| 12 | 01 | Balança analítica digital - Sartorius - BP 2105 - N° série 50805176 |
| 13 | 01 | Balança Toledo Exata 3 SC - N° 4.851.527 |
| 14 | 01 | Balança de Precisão Gibertini |

| | | |
|----|----|---|
| 15 | 01 | Bebedouro – Filtragel |
| 16 | 01 | Bombo para recobrimento |
| 17 | 01 | Câmara envelhecimento precoce - De Leo |
| 18 | 12 | Câmaras de Germinação |
| 19 | 01 | Carreta agrícola basculante |
| 20 | 01 | Centrifugador Excelsa Baby – Fanem |
| 21 | 01 | Compressor de ar - Fiac Mod FX 90 |
| 22 | 01 | Computador Pentium Marca FIVE STAR |
| 23 | 01 | Computador Pentium - Siga Color 14” |
| 24 | 02 | Computador Pentium – Samsung |
| 25 | 01 | Computador Pentium multimídia Hansol |
| 26 | 01 | Computador Pentium multimídia Hurricane |
| 27 | 01 | Conduvímetro – Corning Mod PS 17 |
| 28 | 01 | Contador à vácuo – De Leo |
| 29 | 02 | Descascador de arroz - Kepler Weber S.A. |
| 30 | 01 | Dessecador de vidro c/ tampa e sílica-gel |
| 31 | 01 | Destilador de água - Biomatic - nº 1514 |
| 32 | 01 | Desumidificador - Arsec - cor preta |
| 33 | 01 | Divisor cônico tipo Boerner - Nº 0146 |
| 34 | 01 | Divisor de solos |
| 35 | 01 | Enceradeira - Arno - Nº 10138 |
| 36 | 01 | Engenho de Prova |
| 37 | 01 | Enxada Rotativa p/ micro trator Yanmar |
| 38 | 06 | Estabilizadores |
| 39 | 01 | Estojo de pesos – Ohaus |
| 40 | 01 | Estufa c/ circul. de ar forçado - De Leo |
| 41 | 01 | Estufa pré-secagem - Biomatic - tipo 1352 |
| 42 | 01 | Estufa para esterilização - Biomatic Nº 143 |

| | | |
|----|----|---|
| 43 | 01 | Flash - Tron S 350 |
| 44 | 01 | Fogão 02 bocas cor azul – Jackwal |
| 45 | 01 | Forno Micro Ondas PMW-111 3 |
| 46 | 01 | Geladeira - Prosdócimo Super Luxo - 290 l |
| 47 | 01 | Geladeira Prosdócimo - 340 litros |
| 48 | 02 | Germinador – Mangelsdorf |
| 49 | 01 | Higrômetro – Arba |
| 50 | 01 | Homogeneizador Gamet - DeLeo - |
| 51 | 02 | Impressora - Deskjet 720C |
| 52 | 01 | Impressora Deskjet 692C |
| 53 | 01 | Impressora jato de tinta - Deskjet 850 C |
| 54 | 01 | Impressora Matricial SAMSUNG QUIET 24 P. |
| 55 | 01 | Jogo 10 peneiras metal, c/ tampa – Bertel |
| 56 | 01 | Lupa de metal verde |
| 57 | 01 | Lupa Olympus Tokio - Nº 227524 |
| 58 | 02 | Lupas de plástico pretas |
| 59 | 01 | Máq. escrever eletrônica - Olivetti ET 1250 |
| 60 | 01 | Máquina calcular elétrica-Canon P20 DH |
| 61 | 01 | Máquina de Xerox marca XEROX |
| 62 | 01 | Máquina fotográfica - Zenit - 122/12 XL |
| 63 | 01 | Medidor de pH digital - Analion - PM 605 |
| 64 | 01 | Medidor de pH/umidade do solo – Demetra |
| 65 | 01 | Medidor de temperatura e umidade |
| 67 | 01 | Microscópio - Meiji Techno - Model SKT - |
| 68 | 01 | Microscópio Carl Zeiss - Nº 4710618 |
| 69 | 01 | Micro trator Yanmar Mod. TC-11 ano 1995 |
| 70 | 01 | Minipistola para pintar – Maxicraft |
| 71 | 01 | Motor - Arno S.A. |

| | | |
|----|----|---|
| 72 | 01 | Motor - Fabbe Pirimar . Modelo 341 - |
| 73 | 01 | Motor para descascador de arroz – Arno |
| 74 | 01 | Motossegadeira p/cortes pastagens |
| 75 | 01 | pHmêtro de bolso |
| 76 | 01 | Pistola Jet-Super |
| 77 | 01 | Pluviômetro - J. Prolab |
| 78 | 01 | Prensa de ferro para papel de germinação |
| 79 | 01 | Prensa para moessa |
| 80 | 01 | Projector In Focus LitePro |
| 81 | 01 | Pistola para pintura - Arprex Mod 90 |
| 82 | 01 | Projctor de slides |
| 83 | 01 | Regulador de voltagem Kron |
| 84 | 01 | Retroprojctor - Visograf IEC VGS 250 |
| 85 | 01 | Rotulador eletrônico-P-Touch Home / Hobby |
| 86 | 01 | Scanner |
| 87 | 02 | Secador de cabelo |
| 88 | 01 | Soprador de sementes - De Leo - Nº 745 |
| 89 | 01 | Televisão c/ controle remoto - CCE HPS 2080 |
| 90 | 02 | Termo Higro Monitor Digital Mod. TU6 |
| 91 | 01 | Termômetro de máxima e mínima |
| 92 | 08 | Termômetros |
| 93 | 02 | Termômetros digitais bolso-Checktemp C |
| 94 | 01 | Timer programável |
| 95 | 01 | Vídeo cassete c/ cont. rem. CCE VCR - 88X |
| 96 | 01 | Compressor Schulz Hobby+Maleta Gen 2 |
| 97 | 04 | Máquinas Calcular Cedar |
| 98 | 01 | Camara de Germinação |
| 99 | 01 | Calibrador de Umidade |

| | | |
|-----|----|-------------------------------|
| 100 | 02 | Computador Pentium III 450Mhz |
| 101 | 02 | Diafanoscópio |

14.9. SALAS ESPECIALIZADAS

As salas especializadas oferecem um ambiente educacional de apoio as disciplinas correlatas, com a possibilidade de visualização e manuseio de equipamentos e máquinas utilizados também nas aulas práticas.

Quadro 41 - Caracterização física das salas especializadas.

| Salas | Área (m ²) | Capacidade (nº alunos) |
|--------------------------|------------------------|------------------------|
| Sala de Física dos Solos | 41,26 | 20 |
| Sala de Mecanização | 76,60 | 20 |

14.9.1. Sala de Mecanização Agrícola

A sala de Mecanização Agrícola possibilita a visualização e manuseio de equipamentos, peças e partes mecânicas de máquinas agrícolas. Nesta sala são realizadas aulas práticas das disciplinas de Mecanização Agrícola e Logística, Cultivos Agrícolas e Manejo e Conservação dos Solos.

Quadro 41 - Equipamentos da sala de Mecanização Agrícola.

| Ordem | Quantidade | Descrição |
|-------|------------|---|
| 01 | 01 | Chaci Completo de Trator, marca Massey Fergusow, modelo 292/4 (tracionado), motor Perkin, turbinado |
| 02 | 01 | Chaci Completo de Trator, marca Fiat, modelo 605, importato, motor ciclo Diesel 4 tempos |
| 03 | 02 | Motor de ciclo diesel, 4 tempos |
| 04 | 01 | Turbinado, marca Perkins, Série 1000, 6t |
| 05 | 01 | Motor Aspiraol, marca Perkins, 4 cilindros |
| 06 | 01 | Motor de ciclo Otto, monocilíndrico, gasolina |

| | | |
|----|----|---|
| 07 | 01 | Bloco de motor 94000, características Alberto, 4 cilindros |
| 08 | 01 | Bloco de motor 94000, características Alberto, 6 cilindros |
| 09 | 01 | Linha completa da semeadora para milhos e soja, marca Comander (antiga Menegar) |
| 10 | 04 | Pistões |
| 11 | 06 | Blelas |
| 12 | 03 | Engrenagem |
| 13 | 02 | Comando de válvula |
| 14 | 01 | Eixo Virabreguim |
| 15 | 02 | Elemento Aquecedor |
| 16 | 01 | Alternador |
| 17 | 01 | Dínamo |
| 18 | 01 | Caixa de marchas |
| 19 | 09 | Painel de trator |
| 20 | 04 | Painel de colheitadora |
| 21 | 02 | Painel de motor de partida |
| 22 | 01 | Painel de alternador |
| 23 | 03 | Painel de bomba injetora |
| 24 | 01 | Regulador de rotação |
| 25 | 01 | Painel de caixa de marchas |

14.9.2. Setor de Apicultura

O setor de Apicultura, localizado no Campus Rural, disponibiliza de um apiário de uma sala de mel, nos quais desenvolve a práticas e manejos necessários à produção de mel do setor. Neste setor são realizadas as aulas práticas da disciplina de Apicultura, além de estágios, projetos de extensão e de iniciação científica com os alunos do curso.

Quadro 42 – Equipamentos do setor de Apicultura.

| Ordem | Quantidade | Material |
|--------------|-------------------|--------------------------------|
| 01 | 31 | Colmeias curtainaz |
| 02 | 22 | Melgueiras curtainaz |
| 03 | 02 | Caça-pólem |
| 04 | 01 | Centrífuga inóx |
| 05 | 01 | Mesa desoperculadora |
| 06 | 02 | Decantadores de plástico |
| 07 | 02 | Garfos desoperculadores |
| 08 | 02 | Peneiras plásticas |
| 09 | 01 | Facão |
| 10 | 01 | Formão |
| 11 | 04 | Baldes plásticos |
| 12 | 01 | Fumegador |
| 13 | 08 | Roupas de proteção (conjuntos) |
| 14 | 15 | Roupas de proteção (jalecos) |
| 15 | 06 | Colméias schenk |
| 15 | 06 | Colméias americanas |

REFERÊNCIAS

DELORS, J. Os quatro pilares da educação. In: Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. 10th ed. São Paulo: Cortez DF MEC UNESCO; 2002. p. 89–102.

FAZENDA, I. C. A. (Org.). Dicionário em construção: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

JAPIASSU, H. F. A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1996.

ANEXOS

ANEXO A - PORTARIA DE RECONHECIMENTO.

DIÁRIO OFICIAL

QUARTA-FEIRA, 8 OUT 1980

SEÇÃO I

20115

**Ministério da
Educação e Cultura****GABINETE DO MINISTRO**

PORTARIA No. 525, DE 03 DE OUTUBRO DE 1980.

Reconhece os cursos de Agronomia e de Medicina Veterinária, da Fundação Attila Taborda, em Bagé, Rio Grande do Sul.

O Ministro de Estado DA EDUCAÇÃO E CULTURA, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 83.857, de 15 de agosto de 1979, e tendo em vista o Parecer do Conselho Federal de Educação nº 1.030/80, conforme consta do Processo nº 1.013 e 1.014/79-CFE e 234.277/80 do Ministério da Educação e Cultura,

R E S O L V E :

Art. 1º - É concedido reconhecimento aos cursos de Agronomia e de Medicina Veterinária, ministrados pelas Faculdades Unidas de Bagé, mantidas pela Fundação Attila Taborda, com sede na cidade de Bagé, Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 2º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

JOÃO GUILHERME DE ARAGÃO

Ministro Interino

Anexos

ANEXO B - REGIMENTO INTERNO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE AGRONOMIA DA URCAMP

CAPÍTULO I

Das Disposições Preliminares

Artigo 1º - O presente Regimento regulamenta o cumprimento das Atividades Complementares do Curso de Graduação em Agronomia da URCAMP.

Artigo 2º - A realização das Atividades Complementares é obrigatória para todo o aluno regularmente matriculado no Curso de Agronomia, cujo ingresso tenha ocorrido a partir do 1º semestre de 2008.

CAPÍTULO II

Da Natureza e Objetivo das Atividades Complementares

Artigo 3º - As Atividades Complementares do Curso de Agronomia da URCAMP, objetivam estimular o acadêmico a assimilar a importância da interdisciplinaridade como alternativa para alcançar o desenvolvimento do raciocínio lógico e buscar a sua inclusão em linhas de ação de extensão, iniciação científica e em outros eventos necessários para o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais.

Artigo 4º - A implantação pela Coordenação do Curso, bem como a obrigatoriedade do cumprimento pelos acadêmicos da carga horária mínima prevista, tem a finalidade de promover tanto o desenvolvimento pessoal como social, fazendo com que o aluno adquira a segurança necessária para ser um profissional capaz e inserido na comunidade onde irá atuar.

Artigo 5º - As Atividades Complementares irão abranger todas as ações que visem o aprimoramento da formação acadêmica, através do desenvolvimento de um trabalho e conscientização, da necessidade de se estabelecer o vínculo entre a teoria e a prática, como essenciais para se alcançar os objetivos buscados pelo Curso.

Artigo 6º - A realização das Atividades Complementares do Curso de Agronomia poderá ser efetivada em salas de aula, laboratórios, centros de pesquisas, oficinas, fazendas, clínicas e outros locais, dependendo da natureza da ação, desde que lhes permitam enriquecer os conhecimentos técnico científico almejados pelo curso.

Artigo 7º - As Atividades Complementares ora previstas, deverão ser realizadas no período compreendido entre o primeiro e o oitavo semestre do Curso de Graduação.

§ 1º - O período estabelecido no presente artigo deverá ser observado pelos alunos que ingressarem no Curso a partir do primeiro semestre de 2008.

§ 2º - Aos acadêmicos que ingressaram em períodos anteriores a regulamentação obrigatoriedade do cumprimento das Atividades Complementares, fica assegurado o direito de solicitar a validação de todas as atividades extracurriculares que possam a ser enquadradas como tal, desde que realizadas em períodos regularmente matriculados.

§ 3º - Quando da entrada em vigor das normas apresentadas no Regulamento Interno, os alunos que tiveram seu ingresso assegurado em anos ou semestres anteriores, terão o prazo de até a conclusão do oitavo semestre para o cumprimento da sua meta.

§ 4º - O aluno que não estiver regularmente matriculado no curso ou não proceder a matrícula semestral, não poderá incluir atividades realizadas neste período, na carga horária total necessária para a integralização das Atividades Complementares.

Artigo 8º - O cumprimento da carga horária total das Atividades Complementares, é requisito indispensável para a colação de grau.

Artigo 9º - O Estágio Prático Profissional só poderá ser desenvolvido após a conclusão das Atividades Complementares exigidas para a colação de grau.

Artigo 10º - As atividades desenvolvidas no Estágio Prático Profissional, não poderão ser computadas de forma cumulativa como Atividades Complementares, não poderão ser incluídas na carga horária total prevista para o Estágio.

CAPÍTULO III

Das Competências

Artigo 11º - São competências da Coordenação do Curso:

- a) Estabelecer o planejamento e o integral cumprimento das normas previstas no presente Regimento Interno;
- b) Divulgar as normas que regulamentam e estabelecem a oferta das Atividades Complementares, junto ao corpo docente e discente.

- c) Orientar os alunos a respeito das modalidades de Atividades Complementares a serem desenvolvidas, bem como da sua inserção nas áreas previstas e as respectivas cargas horárias teóricas e práticas estabelecidas;
- d) Avaliar as Atividades Complementares realizadas pelos acadêmicos, buscando incluí-las dentro das áreas previstas;
- e) Realizar o controle das atividades desenvolvidas pelos acadêmicos, através do registro na Planilha de Controle das Atividades Complementares da Coordenação do Curso.

Artigo 12º - São competências do Corpo Docente:

- a) Obedecer rigorosamente às determinações estabelecidas no presente Regimento Interno;
- b) Assumir a responsabilidade pelo planejamento de suas atividades, de acordo com as orientações recebidas da Coordenação do Curso;
- c) Desenvolver em tempo hábil e integralmente, a carga horária prevista para as Atividades Complementares;
- d) Proceder a entrega de cópia dos documentos comprobatórios das atividades desenvolvidas, na Secretaria do Centro de Ciências Rurais, mediante protocolo, para posterior análise pela Coordenação do Curso;
- e) Manter a guarda da documentação comprobatória original, até a conclusão do curso, para eventuais verificações posteriores.

Artigo 13º - São competências do Colegiado do Curso:

- a) Analisar e validar as atividades desenvolvidas pelos acadêmicos;
- b) Deliberar sobre casos omissos.

CAPÍTULO IV

Das Modalidades de Atividade Complementares

Artigo 14º - São consideradas Atividades Complementares:

- a) Participação em conferências, congressos, palestras, seminários e semanas acadêmicas, que abordem assuntos de sua área de atuação ou áreas afins;
- b) Exercício de monitorias de disciplinas que abrangem a área de formação dos Cursos de Ciências Rurais;
- c) Elaboração, participação, apresentação e publicação de trabalhos de iniciação científica e pesquisa;

- d) Realização de estágios extracurriculares em áreas específicas ou afins, comprovados mediante apresentação de certificado;
- e) Execução de trabalhos de extensão acadêmica e comunitária, na forma de prestação de serviços e participação em projetos de extensão oferecidos pela URCAMP;
- f) Inclusão de disciplinas não previstas no currículo do Curso de Agronomia, cursadas na própria Universidade ou em outras IES;
- g) Participação em cursos de curta e média duração, em áreas específicas ou afins, que ampliem os conhecimentos ou ofereçam a oportunidade de aprimoramento e treinamento de atividades práticas dentro da área de atuação do Engenheiro Agrônomo;
- h) Acompanhamento técnico das atividades realizadas por profissionais de nível superior ou médio, ligados à área de Ciências Rurais, como dias de campo, feiras agropecuárias, exposições e programas semelhantes.

CAPÍTULO V

Das Áreas das Atividades Complementares

Artigo 15º - São exigidas dos acadêmicos sete (7) áreas de atuação, obrigatórias para a realização de Atividades Complementares, com suas respectivas cargas horárias mínimas.

§ 1º - As áreas devem direcionar o aluno para o desenvolvimento de atividades nas áreas de conhecimento e carga horária máxima conforme o quadro 1.

§ 2º - Dentro de cada área de atuação os alunos deverão buscar alternativas para a inclusão das modalidades de Atividades Complementares previstas no regimento.

Artigo 16º - Para fins de registro e validação, as Atividades Complementares deverão ser consideradas de acordo com a sua carga horária integral.

Quadro 1 – Distribuição de carga horária mínima por áreas afins do Curso de Agronomia.

| ÁREA | Carga horária (horas) |
|--|------------------------------|
| I - Engenharia Rural | 15 |
| II - Fitotecnia | 40 |
| III - Fitossanidade | 15 |
| IV - Solos | 30 |
| V - Tecnologia de Produtos Agropecuários | 10 |
| VI - Zootecnia | 30 |
| VII - Outras | 10 |
| Total | 150 |

CAPÍTULO VI

Das Disposições Gerais

Artigo 17º - O Regimento Interno das Atividades Complementares passará a vigorar após a sua aprovação e homologação pelo Colegiado do Curso de Agronomia da URCAMP e pelo Conselho Universitário (CONSUN).

Artigo 18º - Mediante sugestões apresentadas pela Coordenação ou pelo Colegiado do Curso, o Regimento que regulamenta as Atividades Complementares, será passível de alterações futuras, visando melhor atender os objetivos estabelecidos pelo Curso de Agronomia da URCAMP, com o intuito de disponibilizar à sociedade, um profissional com uma formação acadêmica capaz de o tornar cada vez mais autossuficiente e seguro em suas decisões.

ANEXO C – ATA DE CONTABILIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES
DO CURSO DE AGRONOMIA

Aluno (a): _____ Matrícula: _____

| Área de conhecimento | Carga horária | Período |
|--|---------------|---------|
| I - Engenharia Rural | | |
| II - Fitotecnia | | |
| III - Fitossanidade | | |
| IV - Solos | | |
| V - Tecnologia de Produtos Agropecuários | | |
| VI - Zootecnia | | |
| VII - Outras | | |

Obs.: cópias dos comprovantes devem estar em anexo.

Bagé, _____ de _____ de _____.

Assinatura.

ANEXO D - MANUAL DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO
DE AGRONOMIA DA URCAMP

CURSO DE AGRONOMIA

**MANUAL DE ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO DO CURSO DE AGRONOMIA DA
URCAMP**

BAGÉ
2018.

1 APRESENTAÇÃO

O presente manual contém informações para os alunos regularmente matriculados nas disciplinas obrigatórias de Estágio Curricular Supervisionado, como documentação necessária para a validação dos créditos, acompanhamento e orientação de estágio e os critérios de avaliação da disciplina.

O Estágio Supervisionado é uma atividade obrigatória na formação do aluno de Agronomia. O aluno deverá realizar uma carga horária mínima exigida para Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I de 60 horas e para Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II de 330 horas, a serem cumpridas em jornadas diárias de 6 horas relógio.

O aluno de Agronomia conta com o apoio da Comissão de Estágio do Curso de Agronomia, da Pró-Reitoria Acadêmica e da Procuradoria Jurídica da Urcamp, que tem como objetivos facilitar e providenciar a formalização dos estágios de acordo com as necessidades acadêmicas e as disposições legais.

É importante destacar que o estágio deve ser visto como uma atividade de aprendizado e não de emprego, complementando a formação do aluno.

2 COMISSÃO DE ESTÁGIO

A Comissão de Estágio é um órgão deliberativo e consultivo das atividades que regulamentam o estágio curricular supervisionado do curso de Agronomia, tendo a seguinte constituição:

- a. Coordenador de Curso, que a preside;
- b. Três professores detentores de tempo parcial ou integral do curso de Agronomia, escolhidos em reunião por seus pares;
- c. Professor da disciplina correspondente.

À Comissão de Estágio compete:

- I. Manter atualizado um cadastro de áreas e locais de Estágio;
- II. Prestar assistência ao estagiário na escolha de área e locais de Estágio;
- III. Supervisionar o aluno durante o desenvolvimento do Estágio;
- IV. Manter contato com o Orientador, facilitando maior aproveitamento do aluno;
- V. Manter um relacionamento constante com as Empresas, no sentido de troca de serviços;
- VI. Esclarecer dúvidas a respeito do relatório de estágio;
- VII. Estabelecer um calendário para as diversas etapas do estágio;
- VIII. Acompanhar a avaliação dos relatórios de estágio;
- IX. Escolher os componentes da banca examinadora, num mínimo de dois professores, bem como determinar locais e datas da defesa de estágio.
- X. Proporcionar ao estagiário os recursos necessários e disponíveis para defesa;
- XI. Coordenar os trabalhos da banca examinadora, e
- XII. Calcular e divulgar os resultados finais dos estagiários.

3 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM AGRONOMIA

3.1 FINALIDADES DO ESTÁGIO

O Estágio Curricular do curso de Agronomia da URCAMP tem por finalidade proporcionar ao estudante meios de aperfeiçoamento profissional pela participação em situações reais de vida e trabalho, atendendo ao currículo aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura e disposições do Decreto nº 87497/82.

O estágio curricular é obrigatório para todos os alunos do cursos de Agronomia.

3.2 HABILITAÇÃO E CARGA HORÁRIA PARA O ESTÁGIO

Estarão habilitados os alunos devidamente matriculados nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I e Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II.

A matrícula na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I está condicionada ao aluno ter cumprido no mínimo 330 horas de conteúdos curriculares, sendo que a metodologia e a avaliação estarão detalhadas no Plano de Ensino da disciplina, sob a responsabilidade do respectivo docente.

A matrícula na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II está condicionada ao aluno ter integralizado todos os demais componentes curriculares. Sendo sua avaliação condicionada a entrega do Relatório de Estágio e defesa do mesmo perante a Banca Examinadora, conforme discriminado neste manual.

As cargas horárias mínimas de estágio exigidas para as disciplinas de Estágio Curricular do curso de Agronomia são:

- a. Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia I = 60 horas;
- b. Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II = 330 horas.

Estas cargas horárias deverão ser cumpridas em jornadas diárias de 6 horas relógio.

A comissão de estágio pode, dependendo do caso, antecipar o Estágio para meses do período não letivo, bem como autorizar a prorrogação do Estágio no semestre letivo seguinte, devendo o aluno obedecer o calendário do respectivo semestre.

4 ORIENTAÇÃO, ENCONTROS PRESENCIAIS, ÁREAS E LOCAIS DE ESTÁGIO

4.1 ORIENTAÇÃO

O estagiário deverá ter um orientador acadêmico, professor da instituição, e quando o estágio for realizado fora da URCAMP também deverá ter um orientador técnico. O orientador acadêmico deverá propor um Plano de Atividades de Estágio (Anexo II), que será submetido pelo estagiário ao orientador técnico, quando for o caso.

A Comissão de Estágio deverá avaliar a formação profissional do orientador técnico e sua habilitação legal para exercer atividade profissional na área de estágio.

4.2 ENCONTROS PRESENCIAIS

Serão realizados no mínimo dois encontros presenciais para os alunos matriculados em Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia II, em datas e horários a serem definidos oportunamente pela Comissão de Estágio.

A presença nos encontros é obrigatória, salvo expressa autorização em contrário da comissão, para validação da frequência na disciplina. Os alunos receberão as informações pelo e-mail institucional.

Os Encontros Presenciais têm o objetivo de promover um acompanhamento das atividades realizadas pelos estagiários nas empresas/organizações concedentes, assim como proporcionar uma reflexão sobre os benefícios do estágio e possibilitar a troca de experiência entre os alunos matriculados na disciplina.

4.3 ÁREAS E LOCAIS DE ESTÁGIO

As áreas e locais de estágio são de livre escolha do discente, sendo submetidos obrigatoriamente à apreciação da comissão de estágio, que poderá aprová-los ou não, conforme sua relação com a formação profissional em agronomia.

Os estágios deverão ser desenvolvidos em empresas públicas ou privadas, em cooperativas ou junto a profissionais que exerçam atividade relacionadas a Agronomia, necessitando o preenchimento do Termo de Compromisso (Anexo I).

Sendo que estes deverão permitir ao orientador disponibilização de assistência permanente ao estagiário, enquanto durar o estágio.

O estagiário poderá desenvolver o estágio em mais de um local, porém sempre vinculados a uma mesma área técnica e mediante aprovação da Comissão. Não será permitido ao estagiário trocar de área de estágio no mesmo período letivo ou em casos de prorrogação do estágio.

5 REQUISITOS PARA APROVAÇÃO NAS DISCIPLINAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

O estagiário é considerado aprovado quando:

- I. Cumprir as normas estabelecidas por este regulamento;
- II. Cumprir o calendário previamente estabelecido;
- III. Apresentar o Relatório de Estágio, dentro das normas estabelecidas pela instituição e orientadas pela Comissão de Estágio;
- IV. Defender o estágio perante a Banca Examinadora, apresentando suas conclusões no período de 30 a 40 minutos;
- V. Submeter-se a uma argüição teórica, prática ou ambas, por parte da Banca Examinadora, e
- VI. Obter nota final igual ou superior a 6,0 (seis).

A nota final é o somatório das notas parciais, obedecendo a distribuição conforme quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição de notas para avaliação do estagiário.

| Componentes | Peso |
|---|------|
| Da média dos Orientadores | 10% |
| Da média do relatório (formatação e conteúdo) | 20% |
| Da média das notas atribuídas na apresentação | 30% |
| Da média das notas das argüições teórico-práticas | 40% |

O Relatório de Estágio tem sua avaliação dividida em dois quesitos. O primeiro diz respeito a sua formatação dentro das normas de redação técnica institucionais, as quais são avaliadas pela Comissão de Estágio em reunião específica para tal fim. O segundo diz respeito ao conteúdo desenvolvido no relatório, cuja avaliação é realizada pela banca examinadora, considerando obrigatoriamente a relevância dos termos, o valor técnico do tratamento, a redação do texto e a utilização do material bibliográfico, sem prejuízo de outros parâmetros os quais os avaliadores julgarem necessários.

O aluno que não atingir o grau de aprovação, pode por decisão da banca, ter autorizado novo prazo para confecção de relatório e defesa, não superior a 15 dias. Nesse caso as notas auferidas pelos orientadores serão mantidas.

6 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Com o objetivo de garantir a eficiência nas ações que envolvem os procedimentos avaliativos, solicita-se aos orientadores e estagiários a observância das seguintes instruções:

1. O estagiário deverá preencher e entregar junto a secretaria do curso a Ficha de Informações do Estágio (Anexo III)
2. Ao concluir a etapa de atividades de campo, deverá ser preenchido pelo orientador, em duas vias, a sua avaliação final (Anexo IV). Uma via permanecerá em poder do orientador e outra será remetida ao endereço do Curso, via postal, para a coordenação do curso de Agronomia, devendo as avaliações serem remetidas de acordo com o calendário;
3. É desejável que ocorra uma conversa aberta e franca entre o orientador e o estagiário, em que objetivamente seja decidido cada um dos aspectos da avaliação, a fim de que o estagiário tenha oportunidade de identificar os pontos fortes e fracos de sua atuação;
4. O estagiário deve encarar a avaliação de seu desempenho e respectivos resultados, como um componente necessário ao seu aperfeiçoamento profissional, e dele não se espera - e não cabe - contestação aos julgamentos emitidos pelos orientadores e pela Banca Examinadora.
5. O instrumento de avaliação do orientador é constituído de dois grupos de aspectos a serem avaliados:
 - 5.1. Aspectos profissionais, que abrangem no nível de conhecimento (Quesito 1) sua capacidade de usar esse conhecimento, em nível cognitivo, na identificação e solução de problemas (Quesitos 2 e 3) e a habilidade em aplicá-los (Quesito 4). Os dois outros aspectos (Quesitos 5 e 6) abordam a determinação do Estagiário de responsabilizar-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional.
 - 5.2. Aspectos atitudinais, que se destinam a avaliar as atitudes do Estagiário, como integrante da organização concedente do Estágio.

A solicitação de prorrogação de Estágio deverá ser realizada por escrito, junto ao Protocolo Geral da URCAMP, até 24 (vinte e quatro) horas após o prazo final fixado para entrega do relatório.

A Comissão deverá manter um livro de atas para registro de todas as reuniões.

Os casos omissos que ocorrerem no âmbito das disciplinas de estágio curricular serão decididos pela Comissão de Estágio.

ANEXOS

ANEXO I - TERMO DE COMPROMISSO

Estágio Curricular Supervisionado em Agronomia, obrigatório e sem vínculo empregatício, nos termos da Lei n.º 11.78 de 25.09.2008, celebrado entre:

Curso de Agronomia da Universidade da Região da Campanha

Entidade concedente: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Fone: _____ Email: _____

Aluno (a): _____

Matrícula: _____ Email: _____

RG: _____ CPF: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ Fone: _____

Tipo de Estágio: () Curricular Supervisionado I () Curricular Supervisionado II

Bolsa Complementação: () SIM () NÃO Valor Mensal: R\$ _____

Por este Termo de Compromisso de Estágio Curricular, as partes acima descritas, resolvem celebrar o presente TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO - TCE, sem vínculo empregatício, nos termos da lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, observando-se o convênio firmado entre as partes, as diretrizes estabelecidas em consenso pelos partícipes, para cumprimento da carga horária do Estágio Curricular Obrigatório, estabelecida no Plano de Curso ou Projeto Pedagógico acima descrito, para avaliação de ensino teórico/prático, mediante as seguintes cláusulas:

CLÁUSULA PRIMEIRA

Este TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO do curso de AGRONOMIA terá vigência de _____ a _____, de acordo com o Plano de Realização de Estágio (Anexo II), que segue junto ao presente Termo de Compromisso de Estágio.

CLÁUSULA SEGUNDA

O Estagiário cumprirá _____ horas semanais de estágio em conformidade com o projeto de curso.

CLÁUSULA TERCEIRA

I - Compete ao curso de AGRONOMIA:

a) Estabelecer o plano de realização do estágio, bem como o acompanhamento e a avaliação no

decorrer de sua realização;

- b) Acertar o local, data e horário em que serão realizadas as atividades pertinentes ao estágio.
- c) Oferecer aos estagiários e a concedente todos os documentos pertinentes ao estágio.
- d) Indicar o docente/orientador acadêmico de estágio, responsável pelo planejamento e avaliação das atividades de estágio junto a IES;
- e) Responsabilizar-se pelo acompanhamento periódico da conduta e atividades exercidas pelos alunos no sentido de que os mesmos cumpram as condições fixadas para o estágio, bem como as normas que resguardem o sigilo profissional;
- f) Contratar o seguro de acidentes pessoais para o estagiário, no período em que o mesmo estiver em campo de estágio.
- g) Fazer cumprir atividades a serem desenvolvidas junto à concedente pelo estagiário, desde que estejam de acordo com as atribuições designadas no plano de realização de estágio.

CLÁUSULA QUARTA

I - Compete ao CONCEDENTE:

- a) Conceder ao estudante um Estágio equivalente a _____ horas. Este constituído pela oportunidade do estudante receber um treinamento específico, e ao mesmo tempo, completando e consolidando na prática, os ensinamentos teóricos e operacionais, colocados à disposição do Estagiário durante o período em que realizar o Estágio;
- b) Proporcionar ao Curso de Agronomia, sempre que solicitado, subsídios que possibilitem o acompanhamento, a supervisão e avaliação do ESTÁGIO;
- c) Informar aos estagiários sobre os regulamentos internos da concedente informando-os das sanções cabíveis;
- d) Conceder, facultativamente, ao estagiário, a bolsa de complementação de estágio;
- e) Oferecer infraestrutura adequada para a vivência do plano de atividades de estágio;
- f) Assinar a documentação referente ao estágio supervisionado;
- g) Aplicar ao estágio a legislação relacionada à saúde e a segurança no trabalho.

CLÁUSULA QUINTA – DAS RESPONSABILIDADES DOS ESTAGIÁRIOS

- a) Assinar o termo de compromisso para fins de participação do estágio;
- b) Manter atitude moral e profissional no campo de estágio e respeitar as normas internas da Concedente;
- c) Permanecer no campo de estágio apenas no período destinado ao mesmo;
- d) Zelar pela conservação e ordem do patrimônio do campo de estágio;
- e) Utilizar equipamento de proteção a saúde e a segurança de acordo com as normas vigentes;
- f) Adentrar ao estabelecimento da concedente somente com autorização prévia;
- g) Usar uniforme adequado e calçado fechado no campo de estágio, sendo vedado o uso de (bermudas, camiseta regata, mini-saias, blusas decotadas, bem como chinelos e calçados com saltos);
- h) Apresentar relatórios das atividades realizadas conforme solicitado.

CLÁUSULA SEXTA

Nos termos do art. 3º da lei nº. 11.788, o ESTÁGIO não cria vínculo empregatício de qualquer natureza com a CONCEDENTE.

CLÁUSULA SÉTIMA

Constituem motivos para a interrupção automática da vigência do presente TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO:

- I - A conclusão ou abandono do curso;
- II - O não cumprimento da Concedente, do Curso de Agronomia e do Estagiário das responsabilidades mencionadas no TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO.
- III - O não comparecimento do Estagiário ao campo de estágio em dias intercalados ou consecutivos, conforme planejamento da Concedente.

As partes, de comum acordo, elegem o foro da cidade de _____, para dirimir qualquer questão fundada no presente Termo de Compromisso de Estágio.

E, por estarem de acordo, os partícipes firmam o presente instrumento em 03 (três) vias de igual forma e teor, perante as testemunhas instrumentárias.

_____, _____ de _____ de _____.

Instituição Concedente
(carimbo responsável/assinatura)

Curso de Agronomia da URCAMP
(Carimbo responsável/assinatura)

Estagiário (a) (assinatura)

Pai ou Responsável (para estagiário menor de
18 anos) (assinatura)

1ª via - Empresa

2ª via - Estagiário

3ª via - Curso e Agronomia

**ANEXO II - PLANO DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO DO CURSO DE AGRONOMIA**

Aluno (a): _____ Matrícula: _____

Instituição concedente: _____

Período de realização do estágio: ____/____/____ a ____/____/____.

Número total de horas: _____

Descrição geral das atividades a serem desenvolvidas no estágio:

Instituição Concedente
(carimbo responsável/assinatura)

Curso de Agronomia da URCAMP
(Carimbo responsável/assinatura)

Estagiário(a) (assinatura)

Pai ou Responsável (para estagiário
menor de 18 anos) (assinatura)

ANEXO III - FICHA DE INFORMAÇÕES DE ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO EM AGRONOMIA

1. DADOS DO ESTAGIÁRIO:

Nome: _____
RG.: _____ CPF.: _____
Curso: _____
Matrícula: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
Fone: _____ CEP.: _____
E-mail: _____

2. ÁREA DO ESTÁGIO:

Área de conhecimento: _____

3. DADOS DA EMPRESA:

Nome: _____
CNPJ.: _____ Inscrição estadual: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
Fone: _____ CEP.: _____
E-mail: _____

4. DADOS DO RESPONSÁVEL PELA EMPRESA:

Nome: _____
Formação: _____ CPF.: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
Fone: _____ CEP.: _____
E-mail: _____

5. DADOS DO ORIENTADOR

Nome: _____
Formação: _____ CPF.: _____
Endereço: _____
Cidade: _____ Estado: _____
Fone: _____ CEP.: _____
E-mail: _____

**ANEXO IV - AVALIAÇÃO DO ORIENTADOR DO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO EM AGRONOMIA**

Aluno (a): _____.
 Empresa: _____.
 Orientador: _____.
 Período de realização do estágio: ____/____/____ a ____/____/____.
 Número total de _____ horas.

| | |
|---|-------------|
| I - ASPECTOS PROFISSIONAIS | GRAU |
| 1. Amplitude e profundidade dos conhecimentos profissionais | |
| 2. Capacidade de identificar e delinear problemas da profissão | |
| 3. Capacidade de buscar e formular soluções viáveis p/problemas identificados | |
| 4. Qualidade e volume das tarefas realizadas | |
| 5. Esforço para aprendizagem e aperfeiçoamento técnico-profissional | |
| 6. Autodeterminação para alcançar os objetivos do Estágio | |
| II - ASPECTOS ATITUDINAIS | GRAU |
| 1. Sociabilidade e integração no ambiente de trabalho | |
| 2. Cumprimento das normas e regulamento interno da Empresa | |
| 3. Zelo pelos interesses, materiais, equipamentos e bens da Empresa | |
| 4. Assiduidade e cumprimento dos horários | |
| GRAU FINAL | |

NOTA: Sugere-se que o Orientador baseado nos itens propostos, atribua um grau de zero a dez a cada item, e um grau final ao estagiário.

OBSERVAÇÕES: _____

_____, ____ de _____ de 20____.

 Assinatura do Orientador

**ANEXO V - ATA DE COMPOSIÇÃO DE NOTAS DA AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO
CURRICULAR SUPERVISIONADO EM AGRONOMIA**

| | | | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|----------|---------------|--|
| Aluno (a): | | | | |
| Área: | | | | |
| Sem./ano: | | | | |
| Data: | | Horário: | | |
| | | | | |
| 1. Avaliação do Orientador: | | | | |
| | | | | |
| 2. Avaliação da banca examinadora: | | | | |
| Parâmetro | Avaliador | | | |
| | I | II | III | |
| Relatório | | | | |
| Apresentação | | | | |
| Arguição | | | | |
| | | | | |
| 3. Avaliação parcial: | | | | |
| Parâmetro | Nota | % | Parcial | |
| Orientador | | 10% | | |
| Relatório | | 20% | | |
| Apresentação | | 30% | | |
| Arguição | | 40% | | |
| | | | Nota parcial: | |
| | | | | |
| 4. ENADE: | | | | |
| 5. Nota final: | | | | |
| | | | | |
| | Bagé, _____ de _____ de _____. | | | |
| | | | | |
| | Presidente da Comissão de Estágio | | | |
| | Coord. (a) do Curso de Agronomia | | | |

ANEXO VI - ATA DE AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Aluno (a): _____ Matrícula: _____.

Título do trabalho: _____.

| RELATÓRIO | |
|---|-------------|
| Parâmetros | Nota |
| 1. Relevância dos termos | |
| 2. Valor técnico do tratamento | |
| 3. Redação do texto | |
| 4. Utilização do material bibliográfico | |
| Nota final (obrigatoriamente) = | |
| APRESENTAÇÃO | |
| Parâmetros | Nota |
| 1. Conhecimento do tema | |
| 2. Clareza da exposição | |
| 3. Segurança no relato | |
| 4. Uso dos recursos e tempo | |
| Nota final (obrigatoriamente) = | |
| ARGUIÇÃO TEÓRICA | |
| Parâmetros | Nota |
| 1. Clareza nas respostas | |
| 2. Criatividade | |
| 3. Senso crítico | |
| 4. Raciocínio | |
| Nota final (obrigatoriamente) = | |
| ARGUIÇÃO PRÁTICA | |
| Parâmetros | Nota |
| 1. Habilidade técnica | |
| 2. Conhecimento técnico | |
| 3. Criatividade | |
| 4. Senso crítico | |
| Nota final (obrigatoriamente) = | |

Bagé, _____ de _____ de _____.

Avaliador

ANEXO VII - RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR
SUPERVISIONADO EM AGRONOMIA II

Aluno (a): _____.

Área de estágio: _____.

Sem./ano: _____ Data: _____ Horário: _____.

Relatório final de notas:

| Componente | Nota | % | Parcial |
|-----------------|------|----|---------|
| 1. ORIENTADOR | | 10 | |
| 2. RELATÓRIO | | 20 | |
| 3. APRESENTAÇÃO | | 30 | |
| 4. ARGÜIÇÃO | | 40 | |
| Nota final= | | | |

Comissão

Comissão

Comissão